

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

Rosana Soldi Briski da Silva

RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS  
ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO

Curitiba – Paraná

UTP/PR

2014

Rosana Soldi Briski da Silva

Título

RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS  
ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do  
Paraná, como requisito necessário para o grau de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia Social Comunitária

Linha de pesquisa: Psicologia Social Comunitária

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sara de Lima Dias

Número CAAE - Comitê de Ética: 07195012.1.0000.0103

Curitiba – Paraná

UTP/PR

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA  
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte  
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"  
Universidade Tuiuti do Paraná

S586 Silva, Rosana Soldi Briski da.

Relação entre o abrigamento e os projetos de vida dos adolescentes –  
um estudo de caso/ Rosana Soldi Briski da Silva; orientadora Profa. Dra.  
Maria Sara de Lima Dias.

163 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

1. Adolescentes institucionalizados. 2. Projeto de vida. 3. Futuro.  
4. Desinstitucionalidade. 5. Retorno à família de origem. I. Dissertação  
(Mestrado) – Programa de Mestrado em Psicologia/ Mestrado em  
Psicologia. II. Título.

CDD – 155.5

Silva, R. S. B. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Social Comunitária.

Aprovada em: 28/03/2014

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Denise de Camargo - Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria de Fátima Quintal de Freitas - Universidade Federal do Paraná

Assinatura: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Sara de Lima Dias - Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

**Dedicatória**

À minha família, em especial meus filhos: Suellen Priscila, Ricardo Luis e Larissa Caroline que são a inspiração da minha vida, valendo cada um de meus esforços. Aos adolescentes do Abrigo X, que mesmo longe de suas famílias deram a volta por cima e estão estabelecendo seus projetos de vida.

“Aplica o teu coração à instrução  
e os teus ouvidos  
às palavras do conhecimento.”

Provérbios 23:12

## **Agradecimentos**

Ao meu querido Deus, que renovou minhas forças em cada dia para findar este trabalho. Em quem provei e mantenho a fé que o ser humano pode ser transformado pela força do Seu imensurável amor.

Aos adolescentes e aos que participaram dessa pesquisa e contribuíram com suas histórias, seus projetos, suas conquistas e sua humanidade. À diretora do Abrigo X pela confiança e abertura de portas para o desenvolvimento desta pesquisa. Obrigado por me ajudar.

À Professora Doutora Maria Sara de Lima Dias, colega da Escola Normal, que escolheu crescer primeiro para posteriormente me ajudar. Ela, que admiro mais a cada dia pela competência, dedicação e pelo companheirismo. Obrigado pelos ensinamentos e pela sua amizade. Você marcou minha vida com o ser humano que demonstrou ser.

À Professora Doutora Denise de Camargo e Professora Doutora Maria de Fátima Quintal de Freitas, pelas contribuições, sugestões e discussões na ocasião da banca de qualificação e de defesa.

À minha família, Luis Carlos, Suellen Priscila, Ricardo Luis e Larissa Caroline que são motivo da minha existência e esforço. Amo vocês e farei o que estiver ao meu alcance para que sejam sempre felizes.

À minha mãe, Nelli Glaci Soldi Briski, pelo apoio, carinho e amor. Pelo seu cuidado e dedicação que deram esperança para eu seguir em frente. Sempre tive certeza que nunca caminhei sozinha, pois estava presente em cada passo da minha vida.

Ao meu pai Plínio Vieira Briski (in memoriam), por me ensinar a importância da construção e coerência de meus valores. Obrigada pai, por tudo que você me deu e me

ensinou. Obrigada pela sua generosidade e simplicidade. Pelo amor incondicional, pelo carinho e afeto. Não encontro palavras que consigam te agradecer, simplesmente fico completamente envolvida por um enorme sentimento de gratidão e saudade. Gostaria que estivesse aqui, mas tenho certeza que vamos nos encontrar entre as estrelas do céu e cantaremos juntos novamente, você com sua gaitinha e eu com minha singela voz. Muito obrigada!

À Izaíra, minha sogra presente e tão prestativa. Obrigada por suportar cargas que me pertenciam, somente pelo o desejo de ser útil e simplesmente amar meus filhos e nossa família.

À minha irmã caçula, Rosicler por estar sempre tão disposta a me ajudar. Aos meus irmãos: Angelina, David e Edmar que me incentivaram e sempre acreditaram em mim, quando eu mesma não acreditei.

Aos meus tios, Gert Drucker e Therezinha Briski Drucker, que sempre me motivaram a estudar quando seus presentes eram sempre livros, malas de escola e matrículas em cursos.

Ao casal de amigos e pastores Rogerio Palma e Fabiane Palma, pelo incentivo e afeto. Vocês me inspiram e me fazem acreditar num mundo mais humano e no poder que existe no amor para a transformação de um ser.

Aos colegas de mestrado: Maria Tereza Daros e Santareno Augusto Miranda, com quem compartilhei parte dessa jornada que e contribuíram muito para a realização dessa pesquisa. Vocês marcaram minha história com suas experiências. A mansidão na sua fala Tereza, traz alento ao coração cansado. Você, meu amigo Santareno, sempre exemplo no agir e falar. Te admiro demais!



A todos os professores do Mestrado em Psicologia Social Comunitária da Universidade Tuiuti do Paraná que me ajudaram a crescer com seus ensinamentos, especialmente Professora Paula Gomide que abriu passagem na transmissão do conhecimento para que este projeto pudesse tomar sua forma. Vocês foram referenciais para mim.

Aos funcionários da Secretaria, pelo pronto atendimento em cada uma das minhas questões, especialmente à Luci, pela disponibilidade, simpatia e gentileza. Obrigada pela ajuda!

À Universidade Federal do Paraná, instituição onde trabalho, pelo incentivo à qualificação. Em especial, Professor Doutor José António Peres Gediél, meu chefe imediato pelo apoio neste processo. Aos colegas de trabalho, Fátima, Sandra e Luiz Antonio, que assumiram minhas tarefas enquanto eu estava em aula.

A todos os amigos, que de uma forma ou outra contribuíram com sugestões efetivas para realização desse trabalho ou que simplesmente participaram dessa etapa da minha vida compreendendo minha ausência demonstrando interesse genuíno pelo meu sucesso, obrigado pelo apoio e amizade. Minha profunda gratidão.

A você que lê esta dissertação, não somente em busca conhecimento técnico e científico, mas de uma LIÇÃO DE VIDA!

**Lista de siglas**

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

DEDCA – Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Paraná

SAM – Serviço de Assistência ao Menor

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

FUNABEM – Fundação do Bem Estar do Menor

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

FAS – Fundação de Ação Social

RIA – Rede de Instituições de Acolhimento de Curitiba e Região Metropolitana

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social

## **Lista de quadros**

Quadro 1. – O ECA Prevê uma Mudança de Paradigmas

Quadro 2. – Dados Relativos aos Adolescentes Entrevistados

Quadro 3. - Características dos Adolescentes na Fala da Assistente Social.

## **Resumo**

Esta dissertação, a partir de uma perspectiva teórica da Psicologia Social Comunitária, objetivou descrever e analisar a relação particular do abrigo e a construção dos projetos de vida dos adolescentes institucionalizados. O estudo foi realizado no Abrigo X, na cidade de Curitiba/Paraná, que é uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes em risco social e pessoal com características muito peculiares como a de fornecer às crianças serviços médicos, psicológicos, psicopedagógicos, atividades de lazer e acesso aos melhores colégios particulares da cidade. Trata-se de um estudo de caso, cujo método utilizado foi qualitativo através de entrevista semiestruturada, com gravação e transcrição. Foram entrevistados seis adolescentes com idade entre 11 a 18 anos, que se dispuseram a participar da pesquisa, a diretora e a assistente social da instituição. A análise do discurso foi utilizada para levantar as principais categorias presentes em suas falas: visão do abrigado como situação de dignidade; a ausência de políticas públicas para crianças institucionalizadas; dificuldades no processo de retorno à família de origem; projeto de vida, relacionado com: atividades de lazer, gostos e profissões, permanecer no abrigo e retorno à família de origem. As constatações podem contribuir para uma reflexão sobre a relação que pode vir a se estabelecer entre os adolescentes e o abrigo, que implicam na construção dos projetos de vida permeados pela política que obriga tanto o Abrigo X quanto seus abrigados desenvolver um processo de retorno à família de origem. A dissertação ainda aponta para a necessidade das políticas públicas ouvirem os sujeitos sociais que são objetos de seus programas assim como para a importância de formação de redes psicossociais e comunitárias que possam promover mudanças sociais participativas voltadas para os jovens em situação de risco social.

**Palavras-chave:** adolescentes institucionalizados, projeto de vida, futuro, desinstitucionalização, retorno à família de origem.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>16</b>
<b>Referencial teórico .....</b>	<b>24</b>
O projeto de vida e pretensões futuras.....	24
A Psicologia Social Comunitária.....	30
A história da assistência à criança abrigada no Brasil.....	32
De objeto de intervenção a ser reconhecido como um sujeito de direito .....	33
O Estatuto da Criança e do Adolescente .....	38
Quadro 1. - <i>O ECA Prevê Uma Mudança de Paradigmas</i> .....	40
A infância em situação de pobreza .....	41
<b>Objetivo geral.....</b>	<b>47</b>
<b>Objetivos específicos.....</b>	<b>47</b>
<b>Método .....</b>	<b>47</b>
Procedimento de análise .....	49
<b>Resultados obtidos .....</b>	<b>50</b>
O caso Abrigo X: como nasceu a instituição.....	52
A história do Abrigo X .....	55
Uma instituição que foca na formação.....	56
A relação do abrigo com a Vara da Infância e Adolescência .....	59
Visão sobre a adolescência: caridade x dignidade .....	62
Visão sobre as políticas públicas para crianças institucionalizadas.....	66
A relação do Abrigo X com os adolescentes .....	69
Educação: como a instituição tem ajudado no olhar para o futuro .....	70

A instituição pelo adolescente e o adolescente pela instituição.....	73
Os adolescentes pesquisados – projeto de vida e o motivo do abrigo.....	75
Quadro 2. - Dados Relativos aos Adolescentes Entrevistados .....	76
Quadro 3. - Características dos Adolescentes na Fala da Assistente Social.....	81
Projeto de vida no discurso dos adolescentes pesquisados.....	83
A integração na família de origem .....	89
Lugar ocupado pela família na vida dos adolescentes institucionalizados.....	97
Lugar ocupado pela instituição na vida dos adolescentes institucionalizados..	99
Quanto à preferência em morar no abrigo: .....	100
O vínculo com o Abrigo X- desinstitucionalização na visão do abrigado .....	102
Saúde mental na desconstrução .....	107
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>109</b>
<b>Referência Bibliográfica.....</b>	<b>115</b>
<b>Anexo I - TCLE.....</b>	<b>124</b>
<b>Anexo III – Apresentação do orientador .....</b>	<b>128</b>
<b>Anexo IV - Entrevistas .....</b>	<b>129</b>
Entrevistas dos Adolescentes Abrigados.....	129
Entrevistado: Diretora do Abrigo X– Paty .....	147
Entrevistado: Assistente Social do Abrigo X– Eli.....	159

## **Introdução**

A institucionalização de crianças e adolescentes reflete uma realidade social que clama por políticas públicas capazes de dar conta do problema da carência familiar, da vivência de rua, da mendicância, do abandono pelos pais e familiares, dos maus tratos, da violência sexual revelando a necessidade da proteção social da juventude que vive em situação de risco social. Ser protegido é usufruir de direitos e condições mínimas de independência, sendo a proteção social uma condição básica e democrática em especial para os mais fragilizados ou oprimidos deste sistema social.

... a presença, aparentemente cada vez mais insistente, de indivíduos colocados em situação de flutuação na estrutura social e que povoam seus interstícios sem encontrar aí um lugar designado. Silhuetas incertas, à margem do trabalho e das fronteiras das formas de troca socialmente consagradas – desempregados por período longo.

Moradores dos subúrbios pobres, beneficiários da renda mínima de inserção, vítimas das readaptações industriais, jovens à procura de emprego e que passam de estágio a estágio, de pequeno trabalho à ocupação provisória... – quem são eles, de onde vêm, como chegaram ao ponto em que estão o que vão se tornar? (Castel, 1998, p. 23).

Para o autor, a sociedade moderna é constituída sobre o alicerce da insegurança pelo fato de não garantir proteção. A sociedade atual tem como premissa a promoção do sujeito, sendo reconhecido pela sua propriedade, seja ele parte ou não de um grupo. A propriedade garante a segurança de sua existência através dos recursos que ela pode gerar. No que diz respeito à proteção social, o autor se refere aos riscos de doenças, acidentes, desemprego, invalidez para trabalho ou outra eventualidade que a pessoa pode sofrer. Um sujeito que não estiver assegurado contra estas eventualidades passa a viver a insegurança. Nem todos são



donos de propriedades, não possuem nada além deles mesmos e de sua força de trabalho. Sendo assim, o Estado deve garantir a propriedade social para a classe não proprietária, garantindo recursos e direitos comuns.

Apontado por Castel: “o que vão se tornar?” (Castel, 1998, p. 23), quando o objeto de estudo é a criança institucionalizada, a questão remete para o futuro, para o que se dá além do abrigo, para as perspectivas de vida, projetos e intenções que se constituem além das relações estabelecidas no abrigo. Nesta pesquisa serão utilizados os termos abrigo e institucionalização por não haver diferença entre eles. Os termos criança, adolescente e jovem serão utilizados para referenciar os sujeitos da pesquisa.

O termo projeto surgiu em meados do século XX, significando intenção, objetivo, planejamento, programa, podendo ser individual ou coletivo e encontra “seu fundamento na forma como os indivíduos e a sociedade se relacionam com o tempo e o devir” (Dib & Castro, 2010). Durante o processo de acolhimento, a construção do projeto de vida é uma importante fonte de ações de direção para seu futuro. Conforme a Constituição Nacional - Brasil (1988), é dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à criança e ao adolescente, como prioridade, o direito à vida, colocando-os a salvo de toda forma de negligência. Um em cada oito brasileiros é adolescente e o compromisso social é de alcançar estes jovens através de um conjunto articulado de ações por parte do Estado e da sociedade para garantir o exercício pleno da cidadania. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, estas são sujeitos de direitos no Brasil, devendo ser priorizados pelo governo e sociedade. Brasil (1990):

O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não-governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de

atividade regular remunerada. § 1º Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo. § 2º A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo. Art. 69. O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros: I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento; II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho (Art. 68).

De acordo com pesquisas desenvolvidas pelo Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Paraná – CEDCA, Lazarini, Costa e Salcedo (2007) expõem a situação no Paraná, onde existiam 285 abrigos para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, isto é, que estão expostas à exclusão social, normalmente ligados a pobreza numa exposição a riscos de famílias e pessoais para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam.

Desse total, 84 instituições ficam na região de Curitiba. São 3786 crianças e adolescentes abrigados no estado. A maioria com idade entre 8 e 16 anos, 55% são meninos. Segundo levantamento nacional dos abrigos para crianças e adolescentes realizado em 2009 e 2010 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, no Brasil são 36929 crianças e adolescentes que utilizam os serviços de acolhimento institucional, com 2624 instituições. Na região sul o número chega a 8324 menores acolhidos em 664 unidades.

O tipo de abrigo predominante é a casa-lar, cuidada por uma mãe social e demais educadores que são profissionais que atuam no desenvolvimento de atividades de intervenção

com pessoas em situação de risco social, econômica, racial, sexual, física e mental.

“Acreditar no homem como sujeito de sua própria vida, isto é, como ser capaz de realizar o seu projeto de vida, de determinar sua história social, é nossa postura de trabalho” (Soares, 1987, p. 20). A educação social é um caminho que pode compor um cenário mais transitável para a inclusão de pessoas considerados excluídas da sociedade. Através da educação, também se contribui para a garantia de direitos e justiça social. É preciso atentar para quem desenvolve o trabalho com as crianças institucionalizadas são denominados de educadores sociais. Os educadores sociais representam importante referencial para o desenvolvimento da criança institucionalizada. Segundo Brasil, (2009), o governo deve:

Investir na capacitação e acompanhamento dos educadores/cuidadores, assim como de toda a equipe que atua nos serviços de acolhimento – incluindo coordenador, equipe técnica e equipe de apoio - é indispensável para se alcançar qualidade no atendimento, visto se tratar de uma tarefa complexa, que exige não apenas “espírito de solidariedade”, “afeto” e “boa vontade”, mas uma equipe com conhecimento técnico adequado (p.64).

Para Silva (2009), esses educadores constroem em sua prática um papel de mediadores das propostas, projetos e programas sociais criados pelo Estado, trazendo um sentimento de abandono frente às desventuras do dia a dia. “Não é de se admirar que esses educadores sociais evidenciem, diante dessa realidade, a necessidade de aprimorar sua formação para o desenvolvimento do trabalho socioeducativo, mediante certa insistência em denunciar a falta de investimentos, qualificação, especialização, capacitação, supervisão etc.” (Silva, 2009, p. 491).

Antes de assumir a função, os profissionais acompanham a rotina da instituição, para poder gradativamente se apropriar da função que lhe é devida. O educador/cuidador tem 80 horas de acompanhamento, como auxiliar, os diferentes momentos da rotina institucional, sempre sob a supervisão de um educador/cuidador experiente e da equipe técnica.

Os serviços de acolhimento mantêm a comunicação permanente com as escolas onde estejam matriculadas as crianças e os adolescentes acolhidos, o que possibilita o acompanhamento do seu desempenho escolar. A articulação com a escola permite desenvolver ações de conscientização e sensibilização de professores e outros profissionais da escola para colaborar como agentes facilitadores da integração da criança e do adolescente no ambiente escolar. A inclusão e participação em atividades de formação, esporte, lazer, cultura, são oportunidades para o desenvolvimento e superação de possíveis situações de sentimento de discriminação por parte da criança institucionalizada. (Brasil, 2009).

Segundo a legislação, "casas-lares" são destinadas a abrigar menores. Através da lei nº. 77644 de 18 de dezembro de 1987, o Governo Federal cria e as regulamenta como instituições sem finalidade lucrativa, ou de utilidade pública de assistência a crianças e adolescentes abandonados, sendo no máximo 10 residentes, com objetivo de proporcionar ao menor, condições para seu desenvolvimento e reintegração social. Embora a legislação brasileira seja reconhecida como Lei Fundamental do nosso país e elaborada com base na soberania popular, cada vez mais vemos crianças em situação de risco pessoal/social vagando pelas ruas. Há uma distância entre o que deveria ser e o que de fato é. As políticas públicas nem sempre alcançam seus objetivos, pois a demanda existente é grande e são poucos os profissionais.

Para Lazzarini et al (2007, p.16) “de forma geral, os abrigos conseguem utilizar bem os equipamentos públicos que existem na Comunidade”, e os lares para menores em parceria

com órgãos públicos e privados proporcionam capacitação de jovens de 14 a 18 anos, para o mercado de trabalho, porém não se sabe se são suficientes para atender a real demanda.

Acredita-se que na transição para a maioridade é obrigação dos programas sociais fornecer maior oportunidades de escolhas e projetos de futuro para adolescentes institucionalizados. A discussão pode permitir melhores escolhas para o futuro de forma mais consciente e adequada.

O resultado de busca com o descritor institucionalizados no site do Scielo permitiu localizar sete artigos sendo que cinco não se aplicam ao contexto de adolescentes/jovens abrigados. Com o descritor projeto de vida foram localizados seis artigos referentes ao problema sendo que dois não se aplicam ao contexto. Passamos a apresentar os principais achados destas pesquisas buscando as relações existentes entre adolescentes abrigados ou institucionalizados e projetos de vida.

Oliveira e Prochno (2010) buscaram a compreensão de vivências afetivas de crianças institucionalizadas à espera de adoção. Os resultados apontam que tais crianças, embora tenham estabelecido vínculos de afetividade com a instituição, ainda são agenciadas por um imaginário em que o desejo de ter uma família se revela muito intenso e com possibilidades de realização. Tal pesquisa não aborda os projetos de vida, no entanto revela a importância do desejo de família para as crianças institucionalizadas.

Souza e Paravidini (2011) discutem os vínculos na relação das crianças à espera de adoção com as pessoas que as visitam nas instituições, chamadas de padrinhos. Foram analisadas quatro entrevistas com madrinhas e o caso clínico de uma criança apadrinhada. O método psicanalítico foi utilizado como instrumento de pesquisa e reflexões foram construídas em relação ao processo de apadrinhamento. Concluiu-se que o apadrinhamento tem sido usado

para preencher lacunas existenciais na vida da criança e do padrinho, porém a pesquisa não aborda diretamente os projetos de vida, e sim o apadrinhamento afetivo.

Marcelino, Catão e Lima (2009) pesquisam o projeto de vida, desejos, metas, previsões e estratégias de adolescentes na escolha de sua profissão. Utilizam questionário semiaberto e entrevista semiestruturada com 40 adolescentes de ambos os sexos em escolas públicas e privadas, para captura de dados que foram submetidos à análise. Como resultado, concluem haver necessidade de políticas públicas que possibilitem a construção de projetos de vida. A pesquisa aborda o tema projeto de vida, porém não se refere a crianças institucionalizadas.

A pesquisa de Moreira e Mancebo (2010) tem por objetivo analisar e discutir as maneiras pelas quais os jovens, na atualidade, vêm construindo trajetórias, narrativas e projetos de vida a partir das novas configurações assumidas pelo trabalho. Através de entrevistas semidirigidas, com jovens de classe média alta do Rio de Janeiro, universitários e estagiários de uma grande empresa local. Os resultados obtidos nas entrevistas permitiram observar que o trabalho possui na construção subjetiva dos jovens entrevistados, com importante valor para a realização dos sonhos e desejos pessoais. A pesquisa não aborda projeto de vida de adolescentes institucionalizados, pois estes pertencem à classe média alta, carioca, universitários, e fazem estágio em uma grande e famosa empresa.

Costa (2007) trata neste artigo, o tema orientação profissional, trazendo a experiência de um projeto social realizado com o objetivo de gerar mudança social e promover grupos de orientação. Evidencia a importância da promoção de grupos de orientação profissional em escolas públicas e/ou projetos sociais que dão oportunidade aos adolescentes pobres construir seu projeto de vida. O artigo apresenta resultados deste projeto de orientação profissional realizado com adolescentes de uma favela de Belo Horizonte durante cinco anos,

através de encontros semanais em torno de meia hora com grupos. O projeto resultou na dissertação de Mestrado sobre o tema: “Inserção do Jovem de Baixa Renda no Mercado de Trabalho Formal: Estudo da Vila São Rafael”. A autora concluiu que existe a possibilidade de eleger uma profissão com base na realidade psicossocial, porém não define o que são os projetos de vida.

Furlani e Bomfim (2010) analisam de projetos de vida de jovens de ambientes rural e urbano no Ceará, a partir da afetividade em relação ao ambiente do qual fazem parte. Através da análise de dados qualitativos dos 38 jovens que participaram da entrevista, concluiu-se como sendo necessária a disseminação de práticas sociais que visem um posicionamento crítico do sujeito diante das questões sociais. O fato de alguns jovens neste estudo morarem em ambiente rural e outros em urbano não resultou, a partir da análise da autora, em uma diferenciação completa dos seus projetos de vida.

Os projetos de vida têm sua construção problematizada com a saída do mundo infantil e a entrada no mundo adulto, para adolescentes institucionalizados torna-se um desafio a mais tendo em vista que crescem longe da família, sem uma rede de proteção social integral para a transição para a maioridade, ou para fornecer maiores oportunidades de trabalho no futuro. Assim, examina-se: como a relação que os adolescentes estabelecem com o Abrigo X repercutem em seus projetos de vida? Passo a apresentar o referencial teórico que orienta o olhar da pesquisadora em relação ao seu objeto de estudo.

## **Referencial teórico**

O fenômeno dos projetos de vida é produzido na relação do sujeito com o outro e com as instituições a que pertencem durante determinado tempo de suas vidas. A condição social do objeto de pesquisa, adolescentes institucionalizados, é determinada por processos de caráter social, político, cultural, econômico e comunitário, portanto é indispensável ao investigador tomar em conta o contexto.

### **O projeto de vida e pretensões futuras**

Na sociedade contemporânea a contradição de se falar em projetos, acena sobre um apelo do capitalismo para reservas econômicas, financeiras e sociais que dêem alguma garantia para o sujeito em uma sociedade sem muitos empregos dignos para todos. Também se considera um projeto do consumo, do amanhã, mas por outro lado defender a noção de projeto de vida é reclamar ao sujeito a condição de ator de sua vida, alguém capaz de se proteger suas possibilidades de futuro.

Existe uma pluralidade de leituras sobre os projetos, vivemos em uma cultura de Projetos (Boutinet, 2002). O projeto pode ser visto como um sintoma da sociedade atual onde as condutas antecipadoras estão preocupadas em legitimar aquilo que faz, criando esboços de sua própria iniciativa, muitas vezes se transformam em uma obsessão pelo futuro. Para (Boutinet, 2002, p.14) “cabe então a cada um através de seu projeto, confeccionar a sua própria transcendência, correndo o risco em seguida de perder esta transcendência”.

O homem é um ser social, que vive em grupos que projeta seus sonhos. Conforme Carreiro (2001, p. 88), “Estes produzem ideais, desejos, sistemas de valores e de normas que



atravessam os sujeitos, e se transformam muitas vezes em projetos a serem alcançados.

Podemos então dizer que os projetos são sempre atuantes.”

Conforme Dias (2011, p.19) os temas dos sentidos dos projetos de vida “se articulam com outras dimensões possíveis como: a formação superior, o mercado de trabalho, a escolha profissional, a noção de qualificação, a vivência do estágio e a percepção de si mesmo, de suas condições, objetivos e pretensões de vida são todas estas dimensões que enfrentamos ao tomarmos nossas decisões profissionais”. Segundo a autora, o homem busca um projeto de vida que almeja o futuro, uma oportunidade de transformar a realidade, sendo autor de sua própria história, porém vive na incerteza e no risco de que os sonhos possam ou não ser realizados.

Sob o aspecto da formação profissional e projeto de vida futuro, Dias (2011, p. 20-21) versa que “a formação superior é capaz de gerar possibilidades e diferenciações nos modos de inserção profissional e por conseqüência nos projetos de vida e de futuro”. Esta porta para a atividade é um desafio para o jovem, que produz angústias pelos riscos imprevisíveis que o futuro pode oferecer. A autora apresenta que diante do desemprego projeta-se uma situação de desordem social, que atinge a população menos escolarizada e que o governo busca garantir como alternativa de ingresso no mercado, ações com políticas públicas pautadas em qualificação-emprego.

Construir um projeto de vida futuro no que diz respeito ao trabalho está relacionado à sua posição social, dos desejos e valores produzidos no seu grupo, que assimilados e reproduzidos por ele, se tornam objetivos a serem alcançados. A tensão e as experiências pessoais dos institucionalizados, assim como suas características pessoais influenciam na tomada de decisões, tornando o apoio emocional um fator importante. O apoio recebido dentro

da instituição através dos cuidados, das mostras de simpatia e amor, encorajamentos e conselhos úteis para resolver problemas, da presença de um adulto e até mesmo os recursos financeiros, são formas de encorajamento que o indivíduo recebe e que influencia na tomada de decisões e enfrentamento para realização de seus projetos profissionais. (Morin e Aubé, 2009, p. 144)

Morin e Aubé (2009) ressaltam ainda que “não é tanto a quantidade de apoio social que importa, mas a disponibilidade desse apoio e o fato de o indivíduo poder recorrer a diversas fontes de apoio em seu meio próximo.”

Nas palavras de Soares (2002):

As identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões assumem neste grupo influenciam o jovem. Uma grande parte das escolhas do jovem inclui uma representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos pais, sua relação com o trabalho e de que maneira o filho se identifica com as profissões familiares. (p.75).

O projeto de vida traz uma visão sobre a realidade em que vive o sujeito, assim como de suas possibilidades e contradições sobre o futuro. Para Gulassa (2010), durante o processo de acolhimento institucional, construir um projeto de vida é a principal linha de ação do abrigo de forma individual. Este atendimento particular é construído projetando o futuro numa retomada da sua história de vida, de seus desejos e esperanças.

As crianças e os adolescentes reproduzem os talentos, qualidades, motivações e objetivos dos adultos e educadores que estão à sua volta. Muitas vezes quem cria o exercício de desejar, imaginar ou fazer planos são eles, podendo assim, surgir novos planos para o futuro. Nas últimas décadas, tem sido possível observar o movimento de orientação

profissional na tarefa de levar o adolescente à “clareza de sua situação de vida e dos fatores que interferem em suas escolhas; elaborar um projeto de vida em que possam ser viabilizadas as possíveis escolhas; ter conhecimento da realidade do mundo do trabalho, não apenas ao nível de informação, mas também das relações que se estabelecem” (Lucchiari, 1993 p.87).

A questão do projeto de vida traz uma inquietação com os adolescentes institucionalizados. A escolha profissional é imprecisa para jovens que vivem dentro de suas famílias e para as classes mais favorecidas, quanto mais para os abrigados, pois as demandas psicológicas de afeto podem interferir na construção de seus projetos. A atuação do educador social no atendimento individualizado contribui para construção do projeto de vida. Se aproximando da concepção de Paulo Freire, a função do educador social na instituição é garantir a formação mais ampla do que educar, considerando a história de vida das crianças. Para este autor a aprendizagem tem que fazer sentido para o educando e para o educador, por isso a realidade social de ambos era intrínseca no processo. Segundo Brandão (1981):

A educação que Paulo Freire vislumbra não é apenas politicamente utilitária. Ela não objetiva somente criar novos quadros para um novo tipo de sociedade. Há uma proposta politicamente mais humana, a de criar, com o poder do saber do homem libertado, um homem novo, livre também de dentro para fora (p. 87).

Para este autor, a educação deve preparar o educando como um ser pensante que possa transformar o meio e a sociedade a que pertence. A aprendizagem se torna desinteressante se as experiências de vida do educando são excluídas. “Tudo o que é da vida e da cultura da comunidade, da região, é trazido para dentro do círculo.” (Brandão, 1981, p.51). Pensando nisto, é possível comparar este conceito com o método dos educadores de abrigo, como neste caso, a mãe social e assistente social. A história de vida destas crianças e adolescentes precisa

estar implícita na relação entre educador social e o sujeito. A realidade precisa ser considerada e num ambiente para discussão do abandono, da violência, da falta de mãe e pai, fator fundamental para dar condições de resignificar sua história sem estar alienado a ela. Pelo fato do afastamento do convívio familiar as crianças e adolescentes dos abrigos são vistos muitas vezes como sujeitos passivos, coitados à espera da solução de seu problema, oposição a um sujeito ativo, liberto, como aposta Paulo Freire. Sobre este aspecto, Marin (1990) diz:

“Nota-se, nesse sentido, que quase todas as tentativas de projeto que se estruturam tendem a reproduzir o modelo conhecido da organização de vida das famílias burguesas, procurando encontrar substitutos de mães nas atendentes ou voluntárias que assistem às crianças, garantindo-se assim relações individuais exclusivas, adulto/criança (...)”. (pg.46)

Paulo Freire destaca também a importância do diálogo entre educador e educando. Segundo Brandão (1981), Paulo Freire acredita que o dado fundamental das relações de todas as coisas no mundo é o diálogo. O diálogo é o sentimento do amor tornado ação (p.103).

As histórias de vida dos abrigados, por mais difíceis e sofridas que possam ser, devem dar sentido às suas existências, ajudando a criança e o adolescente a traçar novos projetos de vida futuro. (Marin 1990). A conversa das experiências desses sujeitos irão se transformar, pois necessitam de alguém que se importe, acolha e proponha uma troca de experiências. Nas palavras de Brandão (1981):

A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, dá pra pensar sem susto - não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (...) não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum (p.22).

Dados encontrados em estudo de Amparo, Galvão, Alves, Brasil e Koller (2008), demonstram que adolescentes e jovens que sofrem o “processo de resiliência mostram capacidade de manter a confiança em si mesmo e na rede composta por família e amigos” (p.172). O principal fator de risco, a princípio, é o baixo nível sócio-econômico em que vivem, trazendo a probabilidade de falta de condições em manter a sobrevivência na família, o uso e/ou tráfico de drogas e violência. Os fatores pessoais, como “religiosidade e espiritualidade também parecem atuar como elementos protetivos” (Amparo, Galvão, Alves, Brasil & Koller, 2008, p. 172), quando aliam a crença ao bem estar e crescimento, sendo um dos fatores preventivos no início do uso de drogas.

Dada a necessidade de um melhor entendimento do objeto de estudo: adolescentes, protegidos e amparados pelo ECA, este projeto de pesquisa incorpora investigações com objetivo de descrever e analisar as maneiras pelas quais os adolescentes institucionalizados vêm construindo seus projetos de vida, analisando a relação da instituição com a construção destes projetos, assim como conhecer o abrigo e os adolescentes que ali vivem. Esta pesquisa contribui para a atuação na área da educação e do trabalho em contextos comunitários colaborando na formação de redes na promoção de sociais e participativas no desenvolvimento social e humano. Qual a relação entre o abrigo e o projeto de vida dos adolescentes do Abrigo X? Como podem construir projetos profissionais e pretensões de futuro estando abrigados?

## **A Psicologia Social Comunitária**

A Psicologia na Comunidade aponta práticas que aproximam as classes populares, colabora para conscientização de sua identidade, que é o primeiro passo para superação de submissão de classes dominadoras. Um processo de libertação que trabalha na pessoa e nos grupos a visão de mundo, reavaliando hábitos, valores e práticas tanto individuais como coletivas das famílias e grupos. A saúde física e emocional do indivíduo interfere no seu bem estar: profissionais, sociais, educacionais, culturais, familiares, entre outros aspectos trabalhados pela Psicologia. (Abib, 1984).

Os abrigos estão inseridos neste contexto, através do bem estar do indivíduo com projetos que trabalham as pessoas e grupos para o processo de libertação. Os parâmetros legais definem o abrigo como uma residência para pequenos grupos com programa socioeducativo que tem a responsabilidade de educar e proteger crianças e adolescentes. A intervenção e as estratégias de ação com institucionalizados é uma tarefa de grande valor que exige solidariedade, equipe preparada e com boa vontade. A característica residencial do abrigo, ganha um significado para prática educativa como produtora de saber e reorganização do presente para pautar o futuro. Portanto, uma comunidade deve buscar novos significados para indivíduos que sofreram perdas e dores, num objetivo de emergir o desejo de planejar uma nova história. (Guará, 2006, p. 65).

Os diálogos da Psicologia com outros campos do saber são necessários para a produção e contribuição na construção de uma nova história e uma transformação social. Através de representantes do desenvolvimento desta psicologia em nosso território, singular se faz a presença de uma pesquisadora, “a professora Sílvia Tatiana Maurer Lane tem uma trajetória de vida profissional, no campo da Psicologia Social, que faz dela uma das mais

importantes influências no desenvolvimento de um novo projeto para a Psicologia: o projeto do compromisso social”. (Bock, Ferreira, Gonçalves e Furtado, 2007).

A palavra comunidade direciona o profissional de Psicologia para outros lugares, distanciando do habitual que são os seus consultórios em atendimento particular. Essa nova sugestão tem como objetivo a aproximação das pessoas no seu dia-dia dando melhorias para as pessoas “esquecidas” na realidade social em que vivemos. É certo o valor da Psicologia Social na comunidade e a atuação do Psicólogo Social, porém essa prática não pode ficar restrita nas comunidades carentes ou que clamam por ajuda. Ações e estratégias contribuem com o desenvolvimento da solidariedade e a Psicologia Social Comunitária mostra que as soluções são encontradas nas relações do indivíduo e sociedade, indivíduo e suas relações, ajuda o grupo ser um agente ativo de seus problemas e suas soluções. Segundo Lane (1985), se o homem não for visto como produto e produtor, não só de sua história pessoal, mas da história de sua sociedade, a Psicologia estará apenas reproduzindo as condições necessárias para impedir a emergência das contradições e a transformação social.

Montero (2004) apresenta alguns aspectos que tipificam a Psicologia Social Comunitária afirmando que: “se ocupa de fenômenos psicossociais produzidos em relação com processos de caráter comunitário, tomando em conta o contexto cultural e social onde surgem” (p. 34). Para a autora, comunidade tem ideal de uma instituição dinâmica combinada de influentes ativos construtores da realidade em que vivem e que visam o desenvolver comunitário. É ciências aplicadas, produzindo intervenções sociais, reflexão, crítica e teoria.

Sabe-se que a escolha teórica é uma opção do pesquisador e a psicologia comunitária nos permite a aproximação com os adolescentes abrigados em seu dia-dia e na realidade social em que vivem.

## **A história da assistência à criança abrigada no Brasil**

O objetivo deste capítulo é mostrar a história da institucionalização no Brasil considerando uma preocupação com os seus efeitos no desenvolvimento dos jovens e que repercute em seus projetos de vida. A temática do desenvolvimento das crianças abrigadas em termos de pesquisa é relativamente recente.

A história brasileira revela que devido à situação de risco ou pobreza, a primeira resposta à qual por muitos anos se recorreu foi o afastamento da criança e do adolescente do convívio familiar. Ao visitar a história no século XIX e parte do século XX, observa-se a criação de uma cultura de institucionalização em razão de circunstâncias de abandono, delinquência, orfandade, onde somente os pobres eram internados e para foram criados os institutos. Os filhos dos pobres eram categorizados como órfãos e delinquentes ou abandonados.

Crianças e adolescentes sempre existiram independente das concepções que se tinha delas durante parte da Idade Média na Europa, as crianças eram consideradas “pequenos adultos”, sem estatuto social e autonomia. Adultos e crianças se relacionavam sem discriminações, sem acreditar na existência da inocência (Ariès 1981, p.51).

O tratamento caracterizado à infância surgiu entre os séculos XVI e XVIII. A idéia de infância, como categoria social, surge com a Modernidade, sendo a escola e a família fundamentais.

A primeira legislação no Brasil, que se tornou o Código de Menores da América Latina foi o Decreto 17.973-A de 12 de outubro de 1927, de autoria de José Cândido de Mello Mattos, que tinha um caráter discriminatório, associando a pobreza à “delinquência” encobrendo as reais causas e as considerando tutelas do Estado por serem inferiores.



A história da assistência à infância no Brasil mostra que este menor foi considerado objeto de tutela do Estado, conforme Código de Menores de 1927 e posteriormente com maior rigor pelo Código de Menores de 1979 (Lei Federal de nº 6.697/79), que adotava a doutrina da situação irregular, dando legalidade à intervenção estatal sobre menores que fossem considerados como situação irregular. (Saraiva, 2003).

Nesta época, o Código de Menores de 1979, não distinguia o menor infrator da criança negligenciada pela família, mas passavam da tutela da família para o juiz de menores que decidia seu destino de forma arbitrária. Este tinha o poder de retirar a criança dos pais, devolvê-la, ou determinar guarda para outra família, considerando a família biológica como incapaz de cuidar de suas crianças. A história da institucionalização no Brasil repercute em questões que relacionam a condição de vulnerabilidade de uma forma preconceituosa, relacionando diretamente a questão do menor pobre ou abandonado pela família, com o menor infrator.

### **De objeto de intervenção a ser reconhecido como um sujeito de direito**

Até o ano de 1500, para os indígenas, as crianças eram responsabilidade de toda a tribo, considerados adultos em miniatura. Entre o período de 1501 a 1600, crianças e adolescentes que foram abandonados em Portugal, eram trazidos para o Brasil para colaborar com a aproximação dos índios e na catequese.

Os colégios internos, reformatórios, seminários, asilos, educandários e escolas de artífices surgiram como modalidade educacional desde o período colonial (Rizzini e Rizzini, 2004, p.22).

Em 1701 surgiram as primeiras escolas no Brasil, criando espaços para crianças da elite. Neste mesmo período surgiu as “Rodas dos Expostos”, que eram uma espécie de caixa de madeira, fixada ao muro ou à janela do hospital, onde era depositada a criança e ao girar, o menor era conduzido para dentro das dependências sem que a identidade de quem a colocou ali fosse revelada. No Brasil, foram instaladas nas Santas Casas de Misericórdia, sendo em Salvador em 1726, no Rio de Janeiro em 1738 e em São Paulo em 1825, porém outras surgiram em outras cidades durante este período.

No período de 1800 até a libertação da escravidão, houve a inserção de crianças no trabalho escravo, onde os adolescentes eram escolhidos pelo porte físico, sendo que as moças serviam para satisfazer sexualmente seus senhores. A partir dos sete anos os filhos dos escravos já podiam ser separados dos pais e vendidos para o trabalho escravo.

Com a Lei do ventre Livre em 1871, a população de crianças e adolescentes vivendo nas ruas aumentou, crescendo também a colocação de crianças na roda dos expostos. Somente em 1922 foi inaugurado o primeiro estabelecimento público para estes menores, na cidade do Rio de Janeiro e em 1924 a criação do Juizado de Menores para prestar assistência e proteção aos menores de 18 anos, que serviu como base para o primeiro Código de Menores, documento legal de 1927, conhecido como Código Mello Mattos. Neste ano o sistema de rodas é abolido.

Em 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, um dos primeiros atos do governo provisório de Getúlio Vargas. Em 1942, foi criado do Serviço de Assistência ao Menor (SAM), funcionava como um sistema penitenciário, com objetivo de reclusão e repressão para os menores abandonados ou autores de atos infracionais.

Em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi adotada e proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas. Este instrumento surgiu quando dirigentes das nações, abalados pela barbárie da II Guerra, tinham como objetivo construir um mundo sob novos alicerces ideológicos, evitar o surgimento de outra guerra, promover a paz e a democracia e fortalecer os direitos humanos. Em 1950 foi instalado em João Pessoa, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, trazendo programas de proteção à saúde da criança e gestante no Brasil. Os anos que se seguiram à publicação do Código de Menores foram da chamada política de assistência e proteção aos menores. Em 1964 foi criada a FUNABEM – Fundação do Bem Estar do Menor, substituindo o SAM, com o objetivo de formular e implantar a Política Nacional do Bem-Estar do Menor, saindo da repressão para o assistencialismo.

O Segundo Código de Menores revoga o primeiro, de Mello de Mattos, incorporando a nova concepção assistencialista à população infanto-juvenil em 1979. Em 1980 surge um movimento social composto por diferentes organizações da sociedade civil que questionava seus direitos. Desde a criação da FUNABEM e da Política Nacional de Bem-Estar do Menor, o tema “internação como último recurso foi sempre repetido, mas pouco seguido” (Rizzini e Rizzini, 2004, p.66).

Em 1980 foi criado o SOS - Criança, um sistema de atendimento telefônico para a população, a fim de auxiliar na procura de crianças desaparecidas, consulta sobre endereços e serviços públicos voltados à infância, assim como os direitos das mesmas. A partir deste ano iniciou-se um período de grandes mudanças. A elaboração de normas referente aos direitos à vida, saúde, cultura, esporte, lazer, dignidade, profissionalização e liberdade que ganhou expressão legal com a Constituição da República de 1988. Apesar dos serviços de

acolhimento ter iniciado no Brasil no período colonial, as crianças e adolescentes não eram consideradas como sujeitos de direito. Conforme Perez e Passone (2010), a partir de 1980 a sociedade se instituiu contra a ditadura e em favor da liberdade e da democracia, levando a redemocratização da sociedade e do Estado brasileiro: a reconquista dos direitos de expressão individual e coletiva, da organização popular, da greve, do voto, culminando com as mobilizações sociais de 1984/1985 que reivindicavam as eleições diretas para presidente da república.

Em 1985, pela primeira vez a criança e o adolescente são reconhecidos como sujeito participativo com a criação do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua. Este movimento se constituiu como uma entidade civil independente com cinco sedes regionais nas principais capitais do país, como o objetivo de mobilizar os próprios menores, educadores, funcionários de instituições e todos envolvidos com este segmento da população como forma de mobilização para superar a política do bem-estar do menor criada em 1964. O movimento pretendia rever práticas de atuação envolvendo educadores e a população, para discutir as práticas para interferir na política nacional.

Em 1986 foi criada a Frente de Defesa dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes e a Comissão Nacional Criança Constituinte. Nesta situação de mudanças, os movimentos sociais conseguiram mobilizar, na Assembléia Constituinte, a criação da Comissão Nacional Criança Constituinte, em 1987, e como consequência, a formação da Frente Parlamentar Suprapartidária pelos Direitos da Criança.

A partir de 1988 crianças e adolescentes são reconhecidos na condição de sujeitos de direitos e não objetos de intervenção. A Constituição de 1988 redefiniu, nos artigos 227, 228 e 229, a posição e a representação da criança na sociedade, reconhecendo-a como sujeito de

direitos e objeto de proteção integral. A Constituição Federal do Brasil: considerada a “Constituição Cidadã”, inova ao inserir um novo padrão de gestão das políticas sociais, com a criação dos conselhos deliberativos e consultivos.

O ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, promulgado em 13 de julho de 1990, substituiu a repressiva doutrina do Código de Menores de 1979 com novas referências políticas, jurídicas e sociais. Conforme o ECA “toda criança e todo adolescente têm direito à proteção integral, considerando-os como sujeito de direitos individuais e coletivos, cuja responsabilidade é da família, da sociedade e do Estado.” (Brasil, 1990), o país banuiu a categoria “menor”, inserindo a noção de adolescência e incorporou os preceitos da Convenção Internacional dos Direitos da Criança, de 1989. A promulgação do ECA é considerado um documento exemplar de direitos humanos, idealizado a partir do diálogos e da participação de vários segmentos sociais em prol da infância no Brasil. Uma das mais importantes mudanças trazidas pelo ECA foi reconhecer a criança e o adolescente como sujeito de direitos, sem qualquer distinção, não mais objetos de direitos, tendo em vista sua condição de pessoa em desenvolvimento (Saraiva, 2003). Tornam sujeitos de direitos e prioridade absoluta, como seres em processo de desenvolvimento (Brasil, 1988), sendo assim mais vulneráveis e necessitadas de cuidados, observando-se as diferenças individuais.

Outros atos, como: 1993 a Sanção da Lei Orgânica da Assistência Social - direito do cidadão e dever do Estado; em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB - que define e regulariza o sistema de educação com base na Constituição; em 2000 a luta contra a violência sexual infantil é consolidada pela aprovação do Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes; em 2003 a aprovação do Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente; em

2006 a aprovação do Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária e do Sistema Nacional Socioeducativo. Estes dois documentos esquadriham soluções para direitos garantidos pelo Estatuto, mas com dificuldades para execução.

### **O Estatuto da Criança e do Adolescente**

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA é um conjunto de normas com o objetivo de proteção integral da criança e do adolescente. O Brasil foi o primeiro país da América Latina a moldar a legislação aos princípios da Convenção das Nações Unidas no que se refere aos Direitos da Criança, instaurado pela lei 8.069 em 1990. O Estatuto é dividido em dois livros. O primeiro aborda a proteção dos direitos fundamentais à pessoa em desenvolvimento e o segundo sobre os órgãos e procedimentos protetivos, além dos métodos de adoção, aplicação de medidas sócioeducativas e também dos crimes cometidos contra crianças e adolescentes. Até então, no Brasil, havia duas categorias de crianças e adolescentes: uma dos filhos socialmente incluídos e outra dos pobres excluídos, denominados menores. Para estes se destinava a antiga lei, baseada no direito penal do menor e na base doutrinária da situação irregular.

Depois do ECA ficou clara a mudança da função do educador social. O educador de abrigo deve proporcionar à criança e ao adolescente uma formação além de educação. Os dirigentes de casa-lar, composta por educadores e pessoas de apoio operacional são educadores sociais que são incumbidos da educação das crianças e jovens em atividades de orientação, higiene, alimentação, apoio escolar e lazer, além do acompanhamento externo.

O tema institucionalização de crianças e adolescentes em situação de risco foi muito explorado pelo ECA (Brasil,1990). Instituição de abrigo é o nome dado às casas-lares que tem por objetivo acolher e proteger crianças, adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e/ou social. Este sistema de organização tem objetivo de garantir o direito da criança ao suprimento de suas necessidades básicas através de convívio familiar substituto. Porém a permanência na instituição de abrigo, investigada por Silva (2004) mostra o total de 47,1% das crianças e adolescentes que viviam nas instituições por um período de dois anos, 32,9% entre dois e cinco anos, 13,3% entre seis e dez anos e 6,4% por mais de dez anos.

Em 2009, o Governo Federal aprovou através da Resolução nº 109/2009, a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais organizados por níveis de complexidade do SUAS – Sistema Único de Assistência Social: Proteção Social Básica e Proteção Social Especial, podendo ser de média e alta complexidade. Resolução n. 109, (2009). A Proteção Social Básica tem por objetivo, a prevenção de situação de risco através do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários para os que vivem em situação de fragilidade devido à pobreza ou outras fragilidades de vínculos afetivos (etnias, deficiências, faixa etária, dentre outras). A Proteção Social Especial, diferente da Básica que tem caráter preventivo, destina-se a famílias de risco pessoal ou social, com direitos violados ou ameaçados, seja de violência física ou psicológica, abuso ou exploração sexual, abandono, rompimento ou fragilização de vínculos familiares.

Quadro 1. - *O ECA Prevê Uma Mudança de Paradigmas*

	<b>Código de Menores</b>	<b>ECA</b>
Base doutrinária	Situação Irregular	Proteção Integral
Público	Menores	Crianças e Adolescentes
Visão da criança	Medidas Judiciais	Sujeitos de Direitos
Caráter social	Penaliza a pobreza	Prevê estratégias
Papel do juiz	Não exigia fundamentação	Direito a ampla defesa

Fonte dos dados: [http://www.cepam.sp.gov.br/arquivos/eventos/paca/01\\_apres\\_lia\\_historico.pdf](http://www.cepam.sp.gov.br/arquivos/eventos/paca/01_apres_lia_historico.pdf)

A promulgação do ECA, buscou romper a cultura de institucionalização quando estabeleceu excepcionalidade da medida, estabelecendo no Art. 23, que a situação de pobreza não constitui motivo suficiente para o afastamento da criança e do adolescente do convívio familiar. Esta mudança de paradigma nos mostra a evolução clara que houve desde o código de menores da década de 70 para as novas medidas de proteção com o Estatuto da Criança e do Adolescente na década de 90. Nestas mudanças entre o Código de Menores e o ECA, podemos afirmar que o ECA foi elaborado com a participação dos movimentos sociais, através da expressão dos interesses da sociedade, numa prática de participação popular.

Os direitos conferidos no ECA, são de caráter universal, através de um reconhecimento legal do direito de todas as crianças e adolescentes à cidadania independentemente da classe social (Pino, 1990), diferente do Código de Menores que era destinado aos que viviam em situação irregular. No Código de Menores havia um caráter discriminatório onde a pobreza era associada à delinquência, não revelando as causas das dificuldades da criança ou adolescente



ou da própria família, considerando inapta a conviver em sociedade. Essas crianças e adolescentes, considerados carentes, infratores ou abandonados, eram vítimas da falta de proteção. O ECA trouxe o reconhecimento da criança e do adolescente como sujeito de direitos e não portadores de carência, numa base doutrinária de proteção integral da criança. Agora os adultos assumem a responsabilidade pelos atos das crianças e adolescentes, tendo em vista que ela foi reconhecida como pessoa em desenvolvimento, tendo direito a ampla defesa.

### **A infância em situação de pobreza**

A infância em situação de pobreza remete a pensar o menor abandonado ou delincente. Conforme dicionário, delincente é definido como sujeito cujo comportamento se caracteriza por ofensas ou delitos repetitivos. No aspecto social é o criminoso de pequena escala, o conceito de delincente se dirige à conotação de infrator. A delinquência tornou-se caso de polícia e também alvo da assistência e da proteção. Se na década de 70 o código de menores apontava para a punição do infrator. O estatuto surge com uma nova visão sobre crianças e adolescentes considerando-os sujeitos de sua história e avaliando como perversa e ineficaz seus confinamentos em instituições.

A construção da identidade da criança em situação de pobreza ou delinquência tem diferentes interpretações em distintos momentos de sua história. Portanto história e identidade são conceitos diferentes, mas fortemente ligados, pois para reconhecer sua própria história, o sujeito deve se reconhecer como um protagonista. A história está em movimento constante e traz o reconhecimento de sua subjetividade. Diferentes formas de pensar a vida, de se relacionar com outras pessoas colaboram na construção da identidade da criança pobre.

Conforme Cyrulnik (2004), um importante pesquisador do conceito na França, a resiliência é um processo de superação.

Trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou um sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar aos recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação (p. 207).

A história do sujeito é a história de suas emoções, pois elas marcam os fatos mais importantes de suas vidas. Para a criança institucionalizada, adaptar-se a uma nova condição é uma superação das adversidades da situação de pobreza e das conseqüências concretas que ela traz. Este enfrentamento pode ser uma oportunidade de aprendizado e crescimento emocional, absorvendo o impacto e trazendo uma oportunidade de mudança. As ações em torno do adolescente que viveu na violência são importantes porque delas dependem a elaboração da experiência traumática. Para (Cyrulnik, 2004):

A elaboração do processo de resiliência externa deve ser contínua em torno da criança ferida. Seu acolhimento após a agressão constitui a primeira malha necessária, e não necessariamente verbal, para reatar o vínculo após o ferimento. A segunda malha, mais tardia, exige que as famílias e as instituições ofereçam à criança lugares quem que ela produza suas representações do traumatismo. A terceira malha, social e cultural, se

elabora quando a sociedade oferece a essas crianças a possibilidade de se socializar. Só resta então tecer sua resiliência durante o resto de sua vida (p.152).

A resiliência é o “processo e resultado de se adaptar com sucesso a experiências de vida difíceis ou desafiadoras, especialmente através da flexibilidade mental, emocional e comportamental e ajustamento a demandas externas e internas” (APA, 2010, p. 809). Quando a pessoa se depara com um conjunto de problemas, mas tem a vontade de vencer, sua tomada de decisão propicia forças para enfrentar as adversidades e superá-las pode colocar em andamento seus projetos de vida. Para a criança em situação de vulnerabilidade permite enxergar e redimensionar as expectativas para o futuro, apostando na construção de um projeto de vida que transcende as limitações impostas pelo contexto sócio-histórico desfavorável.

Na era do Estatuto da Criança e do Adolescente, somos orientados a ações políticas e técnicas da área social, porém nos leva a questionar se há condições para atingir os fins propostos nesta lei. Para Gomide (1998). “As justificativas mais comuns encontradas para o não cumprimento destes objetivos são a ausência da infraestrutura, o despreparo da equipe técnica e de apoio, a falta de verbas, o sistema capitalista” (p.20). Estes fatores podem intervir na conclusão dos processos de adoção e aumentar o número de crianças abrigadas que vivem nas instituições de abrigo.

Maneiras para inserção destes adolescentes no mercado de trabalho também tem sido objeto de pesquisa. Para Gomide (1988) é importante e urgente à discussão de questões como esta com representantes do governo e com a sociedade para entender o prejuízo causado ao menor quando encaminhado a uma instituição. Coloca em discussão a necessidade de criação de modelos alternativos no Brasil para um atendimento individualizado, onde a criança

participe das normas da casa, que não haja idade limite para desligamento, mas o mais importante, o desenvolvimento de projetos e a realização de pesquisas a fim de romper o imobilismo técnico, esta oposição sistemática instalada nas instituições. Uma mudança na concepção dos atendimentos à criança e adolescentes amplia o lugar do educador social que desempenhava papel de “cuidadores” sem caráter educativo. Nas palavras de Guará (2010):

Uma nova realidade, mais complexa e multifacetada, tem provocado mudanças na forma como a sociedade se organiza: a articulação em parcerias e redes é um desses novos arranjos que afloraram fortemente nos últimos anos, mesclando ações da sociedade civil organizada, órgãos de governo e empresas privadas (p.11)

Os pais sociais são contíguos e geradores da melhoria das condições de vida destas crianças e adolescentes. Segundo Abib (1984), a participação das pessoas é defendida como prática de uma integração com mais consultoria do que atendimento direto. (item 7 da pág. 206). Sugere ainda, que o uso de conhecimentos e técnicas psicológicas pode contribuir para melhoria da qualidade de vida das pessoas.

O abrigo acontece por ocorrência de violência doméstica, física, psicológica e sexual contra crianças e adolescentes como medida de proteção, sendo é previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Brasil, 2006) como medida provisória e excepcional. Ao serem retirados do seu ambiente familiar e encaminhados para instituições de abrigo, permaneçam ali até que a justiça estabeleça se existem condições de retornarem ao seu lar. Existe, ainda, a hipótese da “autoridade judiciária, decretar a suspensão do pátrio poder” (Brasil, 2006, p.1).

As instituições de abrigo são denominadas “casas de passagem”, onde as crianças recebem total cuidado, sendo respeitados seus direitos à educação, moradia, lazer e saúde,

devendo manter um contato afetivo com os familiares (Brasil, 2006). É previsto pelo ECA, que as instituições ofereçam suporte familiar para que os pais reassumam suas responsabilidades de cuidadores de seus filhos, oferecendo serviços para que as famílias superem suas limitações materiais e de relacionamentos, uma prática pouco utilizada, que gera a reincidência institucional, isto é, as crianças ao voltarem para sua casa, são acometidas pelos mesmos problemas, e retornam aos abrigos.

Ao ser institucionalizado, procura-se analisar a situação que ocasionou o abrigamento e se é seguro seu retorno para casa. Extinguindo as possibilidades de mantê-la em sua família de origem, a autoridade judiciária poderá decretar a suspensão do pátrio-poder, podendo a criança ou adolescente ser adotado por outra família que assegure seus direitos. Caso não seja adotada, a criança permanecerá no abrigo até completar a maioridade (Brasil, 1990).

No Brasil a política de atendimento à infância e à juventude sofreu transformações. Os abrigos foram reformulados e adequações às diretrizes do ECA. Funcionam como uma família acolhedora, formado por um pai e uma mãe social, com o objetivo de garantir para a criança o direito às suas necessidades básicas de educação, saúde, lazer e afeto através de convívio familiar (Prada, Williams. Weber, 2007).

Esta reformulação trouxe benefícios às crianças, pois promoveu o contato mais afetivo na busca de valorização e garantia dos direitos, uma mudança do olhar, não apenas das políticas públicas, mas a todos os atores sociais diferentes de quando foram criadas por “classes mais privilegiadas da sociedade, que viam na prática da caridade uma forma de garantir a salvação de sua alma” (Oliveira e Prochno, 2010, p.69).

Os direitos assegurados pela lei, especificamente o Estatuto da Criança e do Adolescente, trazem rotinas e mudanças significativas para os abrigos, porém, por mais

adequada que seja a estratégia, a lei, sozinha, não é capaz de solucionar problemas de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. O abrigado permanece submerso entre os pontos considerados frágeis na aplicação das políticas públicas, como por exemplo, o suporte familiar que o abrigo deve oferecer através de serviços para as famílias superarem seus obstáculos. Há a necessidade de trazer nova compreensão em relação aos direitos da criança e adolescente, baseada no ECA e fazer voltar olhares para ações que tragam avanço na aplicação da lei, portanto, passo a apresentar o objetivo da pesquisa.

## **Objetivo geral**

Analisar a relação da instituição com a construção de projetos de vida dos adolescentes abrigados.

## **Objetivos específicos**

Conhecer o abrigo;

Conhecer a relação dos adolescentes com a instituição;

Conhecer quem são os adolescentes institucionalizados;

Descrever como os adolescentes institucionalizados constroem seus projetos de vida

## **Método**

A pesquisa será um estudo de caso, que se caracteriza por ser um tipo de pesquisa onde apresenta como objeto uma unidade que se possa analisar de forma mais aprofundada. Através de exame detalhado de um ambiente ou situação, objeto ou sujeito, o estudo de caso pode ser conceituado como modo de coletar informação específica e detalhada sobre o comportamento de um indivíduo ou grupo em uma determinada situação, por um período de tempo. Segundo Yin (2005) o estudo de caso é uma pesquisa investigativa de fenômenos atuais dentro de seu contexto real, em situações em que as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não estão claramente estabelecidos.

Sob outro enfoque, Gil (1991), considera estudo de caso, um estudo exaustivo e em profundidade de poucos objetos, de forma a permitir conhecimento amplo e específico do mesmo. O autor acrescenta que “o delineamento se fundamenta na idéia de que a análise de

uma unidade de determinado universo possibilita a compreensão da generalidade do mesmo ou, pelo menos, o estabelecimento de bases para uma investigação posterior, mais sistemática e precisa” (GIL, 1991, p. 79).

Será realizada numa proposta qualitativa (Rey, 2002) prevendo características próprias da perspectiva sócio-histórica na tentativa de superar os reducionismos das concepções empiristas e idealistas. A pesquisa qualitativa é um excelente caminho para a compreensão do significado e intenção das falas, vivências, desejos, valores dos entrevistados. Segundo Minayo (1992), "a metodologia qualitativa é aquela que incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais. O estudo qualitativo pretende apreender a totalidade coletada visando, em última instância, atingir o conhecimento de um fenômeno histórico que é significativo em sua singularidade. "(p.10)

Conforme Rey (2002), “o termo qualitativo na pesquisa não tem um significado único”. As variadas abordagens de pesquisa tomam pontos de vista que divergem na prática focando diferentes aspectos na investigação. A fala dos atores sociais aponta a realidade vivida, tornando acessível no discurso e apropriada para investigações, dando acesso às opiniões, crenças, valores e significados que a pessoa atribui a si mesmo e aos outros. A entrevista do tipo qualitativo é justificada pelo argumento de que uma exploração em profundidade se faz necessária para obter a perspectiva dos autores sociais de ordem epistemológica, considerada indispensável para a compreensão das condutas sociais. Conhecer questões enfrentadas pelos atores sociais através de uma ferramenta de informação capaz de elucidar as realidades sociais como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores. (Poupart, Deslauriers, Groulx Lapperrière, Mayer e Pires, 2008).



A entrevista será semiestruturada cujo princípio fundamental é a colaboração do entrevistado em uma considerável integração e interação do interlocutor com o pesquisador, que é fator determinante para o sucesso da mesma. Através de um gravador será realizada a coleta de dados e após transcritas na íntegra. Este método permite a interferência nas respostas do entrevistado e construir interpretações diversas.

A justificativa de uma escolha de abordagem qualitativa está na proposta de descobrir através da fala da criança e do adolescente na entrevista semiestruturada, sua história, sentimentos, vivências e intenções futuras.

À procura por instituições de abrigo levou a pesquisadora aos primeiros contatos com que pudessem oportunizar a pesquisa. Entre elas a única instituição visitada que se interessou pela pesquisa foi o Abrigo X.

### **Procedimento de análise**

A análise dos dados terá como referência o discurso dos entrevistados. Não se trata de uma análise psicológica, mas de ouvir o entrevistado e por meio de uma relação discursiva. Assim a partir da entrevista compor as representações que apontam significado de futuro para os jovens, procurando encontrar qual o sentido atribuído por eles às palavras “projeto de vida”.

“A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (Bakhtin, 1992, p. 95)

O sentido a categorização, descrição e interpretação são considerados como etapas essenciais desta metodologia de análise, segundo Minayo (2000) correspondente ao padrão qualitativo da pesquisa. Primeira etapa: durante a preparação das informações, identificadas as informações para análise através da leitura das entrevistas transcritas. Segunda etapa: transformação do discurso em unidades, com a leitura cuidadosa do material com a finalidade de definir e codificar cada unidade de análise. Terceira etapa: a separação e classificação, que é um procedimento que agrupa os dados, originando categorias temáticas. Quarta etapa: o processo de análise. Quinta etapa: a interpretação, que é quando se atinge a compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da compreensão com base nos dados e na análise.

### **Resultados obtidos**

Inicialmente serão apresentados os procedimentos realizados para que a pesquisa tivesse início. A primeira etapa foi o encaminhamento para o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Evangélica do Paraná – CONEP, sendo aprovada a pesquisa sob número: 07195012.1.0000.0103.

Após a aprovação do projeto foram realizados os contatos iniciais e à procura por instituições de abrigo levaram a pesquisadora as primeiras visitas que pudessem oportunizar a pesquisa. Entre elas a única instituição que se interessou pela pesquisa foi o Abrigo X. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelo responsável da Instituição de Abrigo, que legalmente se torna o tutor destes adolescentes. Foi utilizada entrevista semiestruturada com a direção do abrigo, onde o investigador apresentou uma lista de questões a serem respondidas.

Para as crianças e adolescentes, foram abordados os temas sobre projeto de vida, profissão, futuro, história autobiográfica, com tempo de fala livre, gravadas e posteriormente transcritas para análise, conforme Anexo I.

A partir do contato com o Abrigo Xe após autorização e assinatura dos documentos que legitimaram esta ação, o projeto teve início (Anexo II).

Foram entrevistados: a diretora do abrigo, seis adolescentes com idade entre 12 a 18 anos, meninos, que se dispuseram voluntariamente a participar e a assistente social da instituição pesquisada, sendo ela a última entrevistada, totalizando oito pessoas. Foram analisados nas entrevistas realizadas: quem são os adolescentes e qual seu projeto de vida considerando ainda como constroem projetos profissionais e pretensões futuras, como interagem com o abrigo além de elementos que as entrevistas revelaram como empiricamente importantes. Em busca de profundidade no assunto, estudaram-se as opiniões, atitudes e elementos que apareceram nas entrevistas e que possibilitaram a interpretação dos fenômenos pesquisados.

Foram definidas as categorias: visão do abrigado como situação de dignidade; a ausência de políticas públicas para crianças institucionalizadas; dificuldades no processo de retorno à família de origem; projeto de vida, relacionado com: atividades de lazer, gostos e profissões, permanecer no abrigo e retorno à família de origem. Foi produzido um texto descritivo que expressa o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise, conforme veremos nos próximos capítulos.

## O caso Abrigo X: como nasceu a instituição

Para conhecer melhor a instituição do ponto de vista dos atores sociais foi realizada uma entrevista semiestruturada conforme os objetivos da pesquisa com a diretora que chamaremos de Paty, qual consentiu em que sua entrevista fosse expressa nesta dissertação. A entrevista permitiu auxiliar o pesquisador no conhecimento do campo a ser pesquisado, bem como na formulação de questões relativas ao tema e aumentar familiaridade da pesquisadora com as crianças institucionalizadas.

O Abrigo X nasceu do contato com a realidade social e a necessidade de um menino com problemas de drogas na família, que estudava com o filho da diretora do atual da instituição (que posteriormente foi abrigado ali). Paty, durante algum tempo deu assistência a essa criança que chamaremos de Luisinho. Quando o Luisinho retornou ao lar de origem, a diretora comenta: *“Eu comecei a mandar cesta básica pra ele. Só que ele começou a ficar incomodado com isso. Eu mandava carne e ele dizia... não precisa tia! E demorou muitos anos para eu descobrir que ele não queria porque tudo que chegava lá a mãe vendia pra comprar craque. Até que um dia começou sumir a mochila, a roupa do uniforme... Até um dia que começou a dormir com o tênis amarrado no pé, porque se ele tirasse o tênis, a mãe vendia. Até que desistiu da escola. Não tinham copo, não tinha um prato, tudo, absolutamente tudo ela tinha vendido. Aquilo não era uma casa, era um abrigo onde eles dormiam. Tinha um pote de arroz e farinha imundo, um bebê imundo, uma mãe alucinada no craque. Aí a gente pegou o Luisinho e o Hugo a gente, pois com uma tia (que tinha o mesmo pai). Tentamos manter na família. Dava cesta básica, matriculamos e acompanhava na escola. Até que um dia ele largou tudo. Não queria mais estudar. Então a gente se separa aqui.*

*Passaram-se meses a gente conseguiu convencê-lo (Luisinho) em interná-lo numa clínica de desintoxicação porque estava usando substância psicoativas e a gente conseguiu internar ele. Foi muito difícil, pois quando ia visitar, ele estava muito violento e tinha medo que ele fosse nos matar.*” Este trecho de sua entrevista nos apresenta as questões mobilizadoras para a diretora decidir desenvolver um trabalho mais efetivo de participação em relação a uma realidade social observada.

Na psicologia comunitária, o termo “participação” profere fazer parte de algo. Para Maritza Montero há uma relação de dupla transformação, onde o participante constrói e modifica, transforma e é transformado. Ele deixa sua marca na história e também é marcado por ela: “el participante construye y modifica al objeto o hecho en el cual participa, y por hecho de hacerlo, es también transformado” (Montero, 1996, p.8). A participação é uma ação de inclusão social e mudança da realidade.

Na fala da diretora: “*Não houve mudanças para a criança, piorou sua situação... assim a casa nasceu devido a esta deficiência*”, Paty aponta o homem como um ser inserido em seu contexto histórico e social, do qual ele é produto e ao mesmo tempo produtor.

Lane e Sawaia (1995) aliaram a teoria e prática, que colaborou para novos conceitos e métodos, no preparo da área da Psicologia Social, que reconhecesse o caráter histórico dos fenômenos sociais e humanos e a pessoa como sujeito ativo e histórico. A Psicologia Social Comunitária, que surgiu em meados de 1970, apresentou uma abordagem de inserção profissional e política do psicólogo através do compromisso com as classes populares e excluídas, desafiou os modelos de ação psicológica de atendimento à alta sociedade e derrubou possibilidades de uma prática profissional e científica fundada na neutralidade. A participação social ativa emite a idéia de inclusão e compromisso aprofundado.

Em busca de conceber o sujeito em sua totalidade, articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, consideramos importante relatar que na ocasião de coleta dos demais sujeitos, a relação com a instituição de abrigo foi rompida pela FAZ, tendo os adolescentes sido sujeitos à adaptação em um novo lar. Deste modo compreende-se a importância da manutenção da instituição com a realidade social das crianças e a necessidade de estudar o homem como unidade de corpo e mente, ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante do processo histórico que está em movimento. Há dificuldade de participação social ativa e a grande força, remete a um envolvimento com comprometimento mais aprofundado. Conforme Montero, a participação comunitária é um processo dialógico e conscientizador para os participantes. Existem vários modos de participação social para o desenvolvimento do trabalho comunitário, porém os mesmos não se fortalecem. A manutenção do abrigo é um problema a ser discutido. A ação política indica uma tomada de posição que constrói e gera mudanças.

Para Freitas (2012, p.381), os desafios indicam a necessidade de não conformismo no dia a dia das relações comunitárias. A relação entre o profissional, psicólogo comunitário e comunidade, pode afetar a continuidade das práticas comunitárias. Os desafios devem ser renovados, colaborando para o fortalecimento do trabalho comunitário. Assim existem dificuldades na manutenção e nas formas diversas de sustento dos abrigos que nos revelam a falta de disposição da esfera pública para criar sistema de manutenção de forma adequada à demanda exigente.

## **A história do Abrigo X**

No início da pesquisa, o Abrigo X estava situado na cidade de Curitiba/Pr. Atualmente é uma entidade sem fins lucrativos que acolhe crianças e adolescentes em risco social e pessoal que busca promover os direitos destes e o resgate de suas famílias. Trabalha dentro do sistema de Casas Lares, que são locais alternativos para garantir proteção à criança em situação de risco ou abandono, onde as crianças, adolescentes e jovens são atendidas por famílias acolhedoras. As crianças ficam nesta instituição recebendo atendimento em pequenos grupos, com equipe formada por Psicopedagogos, Psicóloga e Assistente Social. Criada em 2007, o Abrigo X tem uma proposta de acolhimento para crianças e adolescentes com poucas possibilidades de retorno familiar ou adoção. Diferente dos outros abrigos, as crianças do Abrigo X além de receberem assistência social, psicológica, médica e fonoaudióloga, estudam em escolas particulares, fazem cursos de futebol, natação e demais atividades escolhidas pelas crianças ou pela direção da instituição.

Devido às dificuldades financeiras encontradas pelo abrigo culminando no rompimento da relação com a FAS – Fundação de Ação Social houve a necessidade de buscar alternativa de menor custo de moradia para os adolescentes. A nova residência é um apartamento com o mesmo aspecto de um lar que oferece ambiente acolhedor e condições de atendimento adequado aos adolescentes. Conforme Brasil, (2009), casa-lar é o serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo (ECA, Art. 101), em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja viabilizado o retorno ao convívio com a família de

origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta. O serviço deve ter aspecto semelhante ao de uma residência e estar inserido na comunidade, em áreas residenciais, oferecendo ambiente acolhedor e condições institucionais para o atendimento com padrões de dignidade. Deve ofertar atendimento personalizado e em pequenos grupos e favorecer o convívio familiar e comunitário das crianças e adolescentes atendidos, bem como a utilização dos equipamentos e serviços disponíveis na comunidade local. (p.68)

Hoje, o Abrigo X continua seu atendimento de qualidade, administrado pela diretora Paty, uma mãe social, uma assistente social, oferecendo os mesmos atendimentos: médico, psicológico, educacional e de lazer com a mesma qualidade que na casa maior, lugar de origem da instituição, que os adolescentes demonstram sentir saudade. O suprimento financeiro vem dos empresários e amigos da diretora da instituição que através de oferta de serviços, doações e parcerias oferecem um diferencial de acolhimento para os adolescentes deste singular abrigo.

### **Uma instituição que foca na formação**

A instituição de abrigo dos adolescentes pesquisados tem como objetivo a construção dos projetos de vida destes meninos através da educação, atendimento com psicólogos, psicopedagogos, médicos, dentistas, ortodontistas, fonoaudiólogos, além do afeto e amor como possível resgate para a vida. Acreditam que mesmo abrigados, podem construir sonhos e possibilitar transformações aos adolescentes em profissionais comprometidos.

Para Camargo (2004), à medida que indivíduo se desenvolve ele sofre alterações. Nas relações sociais a emoção é propagada de forma adaptada, envolta pelos significados e valores



culturais. “Compreende-se que a valorização que o aluno faz de uma atividade depende do significado pessoal e social dessa atividade, em que os motivos das experiências anteriores desempenham papel importante”. (Camargo & Bulgacov, 2008, p. 414). A experiência de gerações mais antigas é aprendizagem para a nova geração, sendo a educação uma atividade conjunta que possibilita assimilação, estando associada às emoções e aos sentimentos. (Leontiev, 1978).

Nesta pesquisa, a opinião da criança e do adolescente sobre o retorno ou não ao lar de origem, foi uma marca inegavelmente constatada, assim como a boa relação entre elas e a equipe de educadores sociais. “A pessoa influenciada pelas condições e situações histórico-sociais que em geral lhe afetam materialmente e ou existencialmente, decide participar de atividades socialmente significativas no lugar em que vive” (Góis, 2005, p.150).

Os adolescentes do Abrigo X estão matriculados em escolas particulares, colaboram com responsabilidades na casa-lar, fazem aula de futebol, ou natação: *“Estou fazendo natação, já sei nadar também. Já aprendi. Estou fazendo psicóloga. Daí eu vou pra escola, antes eu ficava gazeando aula. Aí, tá, essas pessoas que eu conheci aqui elas. Eu me adaptei bem aqui. Elas são bem legais, aqui dá pra brincar com eles, que eles são todos da minha idade quase, daí tipo, pra conversar o que a gente quiser, dá pra brincar do que a gente quiser e... tem que fazer a louça às vezes, tipo tem uma escala de cada um faz uma vez na semana, daí tem faxina pra fazer no sábado que a gente tem que limpar toda casa, cada um tem uma coisa pra fazer, eu tenho que limpar a mesa por baixo, levar os lixos e ajudar aqui dentro também... e, tem que estudar a tarde até às seis horas, tem que chegar do colégio e fazer todas lições.”* Neste trecho, Adão expressa várias vezes a obrigação quando diz *“tem que fazer... tem uma escala...tem faxina pra fazer... tem que limpar toda casa... eu tenho que*

*limpar... tenho que fazer...”, não sendo uma opção ou desejo. A alegria é demonstrada no momento que falam sobre diversão. “Eu estudo, eu jogo bolo, vou pra natação e brinco também. Assisto TV. Às vezes tem escala na louça que eu to daí... eu faço.” (Beto). “Eu faço aula de teatro também...” (Carlos). Mesmo tendo várias obrigações a cumprir, estas crianças expressam fortemente os benefícios que têm quando fazem aula de natação, curso de teatro, podem brincar e assistir televisão, além de ter psicóloga particular.*

Todos expressaram na fala satisfação em morar na instituição e quatro disseram preferir morar no abrigo a voltar para o seio familiar: *“pra mim agora está melhor, só que eu sinto falta de ficar com minha família toda reunida, que eu só posso visitar minha mãe às vezes e é difícil ela levar minha irmãzinha que está com ela.” (Adão). “Eu preferia estar aqui e que... ou senão lá, se minha mãe não usasse drogas. Porque aqui é melhor também às vezes. Lá é chato às vezes, aqui também.” (Beto). “... Aí a Paty me encontrou e me trouxe pra cá. Vai fazer 5 anos que estou aqui. Estou no primeiro ano do ensino médio. Gosto da escola. É bem legal aqui, apesar de que os meninos me provocam de vez em, quando, mas eu sei que é brincadeira, sabe. Mas é bem legal aqui.” (Carlos). Com relação a morar no abrigo: “É bem melhor, tipo a gente tem horário de estudo, daí a gente tem horário de lazer, tem TV, tem vídeo game, computador, e sei lá é bem melhor.” (Zak). O atendimento destinado a estes adolescentes do abrigo pesquisado são serviços dignos, com acompanhamento individual, maior flexibilidade nas soluções protetivas. Desta forma, eles têm encaminhamentos monitorados que assegurem a reinserção social. Esta proteção que oferece moradia, alimentação, higiene, educação, lazer e proteção, reduz a possibilidade do desejo da criança ou adolescente de retorno ao lar de origem, onde se encontravam em situação de risco pessoal e*

social por decorrência de abandono, maus tratos físicos, psíquicos, abuso sexual, uso de drogas e mendicância. Mesmo assim, o desejo de vínculo familiar permanece.

### **A relação do abrigo com a Vara da Infância e Adolescência**

Neste fragmento, Paty fala da relação da instituição com a Vara da Infância e Adolescência que: *“Hoje é uma relação muito mais de cooperação do que de subordinação, mas nem sempre foi assim. E eu acho que a Ria ajudou muito isso, a gente começou a ter outro tipo de relacionamento com a Vara da Infância e da Juventude depois da RIA (Rede de Instituições de Acolhimento de Curitiba). A gente passou a conhecer melhor, a gente passou a entender melhor e eles passaram a entender melhor a gente e eu acho que é uma coisa que tende a ficar cada vez mais parceiro, mas você ainda vê um ranço, você ainda vê uma coisa autoritária, sabe, eu mando e você obedece”*. Ações independentes e comunitárias passaram a fazer parte das instituições de abrigo que encontraram deficiência e dificuldades financeiras para manterem suas entidades em funcionamento. *“E a gente não tinha força pra ir atrás do dinheiro. Porque a gente era uma instituição... cada um era sozinho e a gente patinava tanto pra cuidar das crianças que não sobrava energia... nem pra reivindicar. E a gente estava sempre devendo, porque isso era um círculo muito cruel, um círculo vicioso muito cruel a gente não tinha dinheiro pra prestar serviço de qualidade, a gente não prestava um serviço de qualidade porque a gente não tinha como, então a gente se sentia sempre devedora e quanto a gente ia pedir mais dinheiro, diziam: Não vocês não cumprem, você não faz o teu papel, como que eu vou te pagar mais? Então a gente ficava sem poder se mexer.”* Podemos perceber o aspecto em que estar no abrigo é padecedor tanto para o abrigado quanto para equipe de

educadores. O sofrimento sentido por Paty está ligado à falta de condições financeira para manutenção dos serviços pela instituição. Diante da explicação de Paty, a ação que ressalta a impotência e a fraqueza promove o sentimento de humilhação, diminuindo sua potência de ação, porém a RIA vem como um novo ânimo para cumprir seu papel social: *“A RIA veio num momento super especial, com um cara que é o Rodrigo Navarro, que é um cara muito bom, que ensinou muito pra gente, porque as instituições de acolhimento são basicamente formadas por mulheres idealistas que não entendem nada de política, não tem noção do macro, de como as coisas acontecem na vida pub... no governo né, na política e a gente aprendeu muito com ele”*. Para (Enout, 2005), o que temos são menores sem moradia digna e espaços saudáveis de convivência, assim como falta de atenção dos genitores e familiares, salvo as de interesse religioso, restrito acesso ao lazer, educação e saúde. Isto impede de exercer seus direitos assegurados pela legislação protetiva e assistencial. O autor ressalta que estas crianças e adolescentes estão abandonados e seu futuro depende da ação conjunta do governo e sociedade civil. Uma atribuição também para o Conselho Tutelar. Estas atribuições estão previstas nos artigos 95, 131, 136, 191 e 194 do ECA, relacionadas aos direitos da criança e adolescente e à fiscalização dos órgãos e entidades encarregadas nos programas de proteção. Este conselho conhece as demandas e deficiências apresentadas nas redes de proteção, podendo apontar quais programas específicos podem ser criados ou ampliados. Este órgão é especializado na defesa dos direitos da infância e juventude, com autoridade e poder atuação.

*Paty relata que “A RIA é muito rica porque a gente não é uma instituição só... Nós somos várias instituições, todas diferentes, nossa rede é orgânica e verdadeira, vai mudando, ela cresce, a gente cresce, ela cresce... e a gente se respeita muito, troca muita informação,*

*muita experiência. Ela influenciou uma mudança direta dentro das instituições com um espaço de troca. Só o fato de ela existir, da gente ter esse espaço de troca entre os dirigentes e isso fez a gente crescer muito e em um ano em meio a gente passou de 330 para 700 reais”.*

Mesmo sendo direito da criança e do adolescente, adotar programas de acolhimento previstas no art. 92 do ECA, passa a ser uma tarefa difícil frente às dificuldades financeiras enfrentadas pelas instituições. Com relação a esses direitos previsto no ECA, que as entidades que desenvolvem programas de acolhimento deverão adotar os seguintes princípios, conforme redação dada pela Lei no. 12.010, de 2009 em seu artigo 92:

Preservação dos vínculos familiares e promoção da reintegração familiar; Integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família natural ou extensa; Atendimento personalizado e em pequenos grupos; Desenvolvimento de atividades em regime de coeducação; Não desmembramento de grupos de irmãos; Evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados; Participação na vida da comunidade local; Preparação gradativa para o desligamento; Participação de pessoas da comunidade no processo educativo.

A reestruturação e mudança de olhar das pessoas envolvidas levarão algum tempo, pois faltam apoio e relação de cooperação para o abrigo manter o vínculo familiar, tendo necessidade de ações individuais dos diretores destas instituições para este fim.

### **Visão sobre a adolescência: caridade x dignidade**

O adolescente e a criança cuja família supre todas as necessidades, tanto materiais, afetivas, educacionais é uma exceção no Brasil. (Enout, 2005). Na entrevista, Paty nos apresenta um discurso de dignidade que contrapõe a caridade religiosa, no sentido de ser o cidadão de direitos previsto no ECA e que pretende preservar: *“Hoje o que eles são: meninos que tem muita dignidade. O que eles resgatam o que eles adquiriram lá? Dignidade, simplesmente. São crianças que chegaram lá de cabeça baixa e hoje tem dignidade. Não são diferentes do meu filho. Te olham de igual pra igual. De olho no olho. Por que: Eu nunca olhei para eles com os coitados, sempre olhei pra eles mirando nas possibilidades que eles tinham pra desenvolver e não no que eles já perderam.”* A questão da dignidade, que antes não sentiam possuir, era um sentimento de vergonha e culpa pela condição social da pobreza que viviam na sua própria família. Hoje, podem ser substituídos por relações sociais mais igualitárias.

As instituições atendem crianças e adolescentes cujos direitos tenham sido violados, e o ECA define esta institucionalização como medida de proteção (Brasil, 1990). Viver em uma instituição representa para o Estado e para as famílias, a possibilidade de atenuar o sofrimento das crianças e adolescentes em risco. O abrigo tem sido a família alternativa, citada por Paty, onde as crianças se envolvem emocionalmente criando vínculo uns com os outros. O sistema Casa Lar é uma proposta de acolhimento da criança em um ambiente o mais próximo de uma família, onde são priorizando os vínculos afetivos e a individualidade de cada uma, respeitando suas necessidades individuais. A afetividade positiva vivida durante a institucionalização mostra que a Casa Lar cumpre com o objetivo de estabelecer vínculos

afetivos estáveis. Sawaia (2001) considera o abrigamento da criança uma forma de abuso infantil, contudo, na fala da diretora do abrigo está afirmado que: *“Isso aqui não é um a instituição de acolhimento, tem que chamar de outra coisa... Eu chamo família alternativa. Hoje em dia temos tantos tipos de família... A gente é uma família diferente, uma família alternativa.”*

Os abrigos são, por muitas vezes, a única opção de amparo e proteção encontrada para minimizar o sofrimento das crianças e adolescentes em determinados momentos de suas vidas. Conforme Silva (2004), os principais motivos de abrigamento são: a falta de recursos materiais da família, abandono, pelos pais ou responsáveis, doença ou dependência química dos pais, abuso sexual, orfandade, mendicância e violência doméstica. As dificuldades financeiras encontradas dentro das famílias também são encontradas nos abrigos: *“eu falei um monte pra essas duas senhoras ontem da BMW porque você imagina que ela vinha me dizer que nós temos um mouse todo chique paras crianças que custa 450 reais e ela falava com boca cheia, gente 450 reais é o que você gasta provavelmente na semaninha ali pra comprar umas coisas que faltou na compra do mês. 450... é... Eu gasto aqui 1.500 reais de carne por mês, 3 mil reais de imposto. Eu preciso consertar o telhado, isso você pode me ajudar? Não. Acho que essa coisa de como você olha pra criança, e isso é um paradigma difícil de ser mudado, você é acostumado aceitar lixo, tanto que isso é um trabalho que eu fiz com meus pares. Nós precisamos mudar isso”*. Paty apresenta um olhar crítico sobre a realidade social que a certa, apontando para algumas pessoas como piedosas por questão de ego, para que possam afirmar sua superioridade frente à necessidade da instituição social de abrigamento: *“Mas as pessoas precisam que exista este tipo de instituições para elas se sentirem melhor do que eles.”*

No discurso de Paty, agimos em nome do interesse comum e não do interesse privado porque estamos inexoravelmente ligados ao outro. Mas o compromisso ético da Paty mostra que no ato da doação de algumas pessoas, podem estar presentes uma pseudo moralidade onde o doar pode estar relacionado com oferecer algo que possa contribuir consigo mesma preservando um objetivo singular e único de sentirem-se superiores. *“Eu não aceito qualquer coisa, doação. Eu aceito o que estou precisando. Eu já recebi forma de bolo preta, nojenta, asquerosa. As pessoas se livram do lixo delas e elas precisam de alguém que pegue o lixo delas. Tanto que eu sou muito criticada pelos meus pares de instituições, que falam: Poxa, Paty, isso você poderia pegar. Eu não pego. Porque eu sinto que tem uma relação que eu não quero alimentar”*. Em seu discurso, Paty faz uso da primeira pessoa do plural, nós. Isto aponta para força de sua motivação e interesse que permeia as relações que estabelece com as crianças institucionalizadas. *“O que eu tenho pra dizer: é que as pessoas precisam que o outro se sinta inferior. Então isso é uma coisa que eu sempre briguei.”* Está presente aqui o sofrimento ético-político, que Sawaia (1999) afirma ser provocado por condições sociais, podendo ser gerador de transformações sociais. *“O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto.”* (Sawaia, 1999, pp. 104-105)

A fala da diretora aponta para uma sociedade capitalista que se alimenta da pobreza, diferente do exercício da cidadania que é a participação de todos em busca de benefícios



sociais e igualdade. Muitos programas do governo federal possuem a fragilidade de serem somente assistencialistas e neste sentido se observa manter com a população uma relação de dependência e fragilidade social. O risco dos programas assistencialistas é não promover a inserção na sociedade, indicando cada vez mais a dependência. A verdadeira democracia sugere conquista dos direitos fundamentais que são os sociais, políticos e civis e que não podem ser de forma alguma camufladas por um assistencialismo político interesseiro. Para isto, há necessidade de aplicar recursos públicos no setor de educação e implementar geração de trabalho para que jovens excluídos possam encontrar espaço no mercado de trabalho, exercendo a cidadania e mudando a sociedade de maneira produtiva.

Seu envolvimento político com a questão social das crianças aponta a emoção presente em seu discurso como, por exemplo, nesta fala: *“Eu sou a provedora e eu sou a coitadinha”*. Fica claro que em seu discurso, um cotidiano de provedora da instituição. Apesar de manter a instituição financeiramente com recursos próprios e de amigos, contraditoriamente não aceita ocupar a posição de “coitada” ou aquela que deve receber os refugos da sociedade. Sua consciência social se manifesta em expressões como *“geladeira velha, lixo”* em seu cotidiano manifesta o constante desejo de oferecer o melhor para as crianças institucionalizadas. Seu discurso também evidencia aspectos emotivos em situações e circunstâncias sociais mais complexas, como: *“Hoje eu olho pra eles como meninos que tem todas as possibilidades”* consegue, portanto, vislumbrar um melhor projeto de vida e futuro para as crianças que atende no abrigo, no entanto é preciso considerar a excepcionalidade do abrigo. Para Mezzomo, (2004), a colocação em abrigo é uma medida de excepcionalidade, visto que priva a criança ou adolescente de um dos seus direitos básicos: o convívio familiar podendo trazer graves consequências. Para o autor, esta medida deve ficar reservada para situações extremas, quando

a permanência da criança ou adolescente em um determinado ambiente familiar seja prejudicial. A colocação em família substituta está prevista no artigo 28 do Eca, “far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção”. Havendo a destituição de pátrio poder, a colocação em família substituta é a medida protetiva, sendo a última alternativa.

Considera-se que o pensar, o sentir e o agir de Paty atuam buscando orientar valores e mobilizar os jovens para uma reflexão sobre o mundo que os cerca, considerando também que a família substituta é uma alternativa temporária, provisória ou definitiva com foco em oportunidade de crescimento. Neste sentido seu discurso se apresenta contraditório porque percebe o risco e a real possibilidade de os adolescentes reeditarem em sua vida atual e futura, a condição de seus pais. *“Porque a história sempre se repete, por que eu não sei, mas que ela se repete, se repete...”* Para Paty, extinguir o ciclo de reprodução da pobreza, ações mais eficazes deveriam acontecer. Considerar o que pensam, sentem e querem as crianças e os adolescentes para o seu futuro e também qual o sentido de projeto de vida para eles. Tais ações deveriam considerar a proteção social da população que vive em situação de risco social e permitir a elaboração de novas políticas públicas e programas que sejam para além do assistencialismo.

### **Visão sobre as políticas públicas para crianças institucionalizadas**

Para Paty, políticas públicas para crianças institucionalizadas, *“Específica não existe. Que eu saiba não. Política pública para criança institucionalizada não existe. Eu falei pra nossa assistente social hoje, você tem que ir atrás do Nossa Casa Nossa Vida pra esses meninos... Eles tem que ter prioridade. Criança e adolescente já tem prioridade absoluta, mas*

*institucionalizada e em situação de vulnerabilidade em que ter prioridade da prioridade”.*

Em seu discurso afirma a não existência de políticas públicas para a criança institucionalizada, no entanto ao voltar nosso olhar para a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente percebe-se uma norma que elege estes sujeitos como prioridades absolutas.

Para Enout (2005), “destarte, não se consegue, por incapacitação técnica e falta de destinação adequada de recursos, cumprir satisfatoriamente o que está preconizado na Constituição Federal, em seu artigo 227, e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)”. Para o autor, essas medidas previstas no Art. 101(ECA) e a execução das socioeducativas, do Art. 112, praticamente não existem. Não há escolas para formação de professores especializados em atender a população. Enout (2005) enfatiza que a população não está assegurada ao ensino público de boa qualidade, bons programas de tratamento da drogadição e alcoolismo ou assistência à gestante adolescente eficiente. “Também nada existe de política pública destinada à psiquiatria juvenil, a atendimento psicológico, a informações sobre sexualidade, às necessidades pessoais de cada um, como, por exemplo, praças desportivas, formação teatral e musical, centro de artes plásticas, centros culturais” (Enout, 2005).

Considera que não há política pública para psiquiatria juvenil, atendimento psicológico, necessidades pessoais, informações sobre sexualidade, formação artística e musical, enfim, na esfera governamental há somente precários sistemas de educação formal e de saúde pública. Em suma, jovens com dificuldades, são abandonados sem possibilidades de exercerem os direitos assegurados pela legislação protetiva e assistencial. Esta desigualdade social tem acarretado a prática do abrigamento e diante das significativas indicações, vale a pena apontar novos olhares para aplicação e aprimoramento de políticas públicas nesse sentido.

Para Janczura, (2008), quando os direitos reconhecidos pelo ECA forem ameaçados, são aplicadas medidas de proteção e uma delas é o abrigo. Apesar de ser caracterizado pela “provisoriabilidade e transitoriedade, suscitando questões problematizadoras quanto à aplicabilidade dos princípios legais do Estatuto e sua relação com as políticas sociais públicas”.

Paty traz em sua fala, referindo-se às crianças abrigadas, que: *“eles estão mais vulneráveis que as outras crianças. A criança cresce tanto, adquire tantos valores, tanto alto respeito, tanta dignidade que ela não vai mais permitir ser abusada da forma que ela era antes, porque a criança era abusada, ela era humilhada, ela vivia sem condições básicas, ela era negligenciada de atenção, de tudo, os meus meninos eles não tem como voltar pra casa nem que a mãe quisesse, nem que pudessem, eu sinto que eles não se adaptam mais. É triste, mais por outro lado você vai manter a criança sem se desenvolver só pra ela poder voltar pra casa quando a justiça resolver? Vai manter ela em “standby?”* O discurso aponta para a questão da criança em situação de desenvolvimento, não podendo esperar uma ação mais efetiva do governo no esforço para a transformação da família. A diretora da instituição não acredita mais na reintegração das crianças da instituição em seu lar de origem, devido à falta condições dadas pelo Estado.

Conforme Janczura (2008), o Comitê das Nações Unidas advertiu e mostrou-se preocupado com o Relatório apresentado pelo Brasil em 2004, onde apontou a grande desigualdade de raça, classes sociais, gênero e localização geográfica que impedem a implementação da plena realização dos direitos das crianças. Os estados e municípios devem implementar os direitos previstos na Convenção por meio de legislação, políticas públicas entre outras medidas, mas a falta de dados nacionais sobre as crianças e adolescentes

vulneráveis limita a capacidade do Estado de adotar políticas e programas adequados para a prevenção e o combate da violência contra esse grupo vulnerável. O Comitê propôs treinamento e sensibilização acerca dos direitos da criança e do adolescente para “parlamentares, juízes, advogados, aplicadores da lei, profissionais da saúde, professores, administradores, escolares e assistentes sociais, e, especialmente, para as crianças”. Janczura (2008).

As sugestões do Comitê da ONU atribuem destaque à pesquisa científica para tornar um meio de interlocução com órgãos incumbidos em implantar políticas públicas no país, estados ou municípios. Estas pesquisas podem contribuir para conscientização dos atores sociais e fortalecer a rede de atendimento com ações que assegurem a promoção dos direitos sociais previstos pelo ECA. Esta lei garante a manutenção do vínculo familiar, apontando os malefícios da institucionalização recomendando esta ação como última alternativa, sendo de forma provisória e excepcional. Os direitos sociais são baseados na idéia de igualdade, mas dependem da intervenção do Estado quando consolida por meio de políticas sociais públicas ações para o bem estar do cidadão.

### **A relação do Abrigo X com os adolescentes**

Há desafios encontrados pelas crianças e adolescentes passam no processo do abrigamento, como a relação com a família e a manutenção de vínculo, o relacionamento com pessoal de apoio do abrigo, a falta de recursos humanos e financeiros para manutenção do jovem na instituição assim como outras dificuldades individuais relacionadas às condições psicológicas que chegam ao abrigo. No processo de acolhimento os adolescentes podem

relacionar o fato da institucionalização como uma ruptura familiar que traz sentimentos de descontentamento e infelicidade para alguns, mas contraditoriamente para outros existem sentimentos de alívio e tranquilidade pela segurança sentida no abrigo. No caso do Abrigo X, juntamente com a questão dos desafios encontrados no processo de abrigamento, a grande preocupação se concentra no projeto de vida das crianças. Nas possibilidades e novas oportunidades oferecidas pela instituição para que as crianças pensem com relação ao seu futuro, enfrentando o sentimento de insegurança no porvir.

A boa relação do Abrigo X com os adolescentes abrigados parece estar além do esperado e ocupa lugar importantíssimo na vida dos adolescentes ali abrigados. Na relação abaixo descrita, podemos observar o diferencial desta instituição.

### **Educação: como a instituição tem ajudado no olhar para o futuro**

As práticas educativas adotadas por esta instituição favorecem o desenvolvimento intelectual do adolescente, a ponto de ele planejar seus sonhos em cima de novas esperanças nas quais a mediação da diretora é fundamental. Como observado na fala de Leo: *“E que a Paty falou, que eu, se eu, se e eu for pra faculdade ela vai pagar né, para eu estudar pra eu ser médico.”* Na fala de Carlos: *“Aqui eu posso estudar e lá eu não estudava. Lá eu não sabia como era o mundo, não sabia muitas coisas assim... Tipo até falar errado eu falava, mas agora eu não falo muito errado assim, que a Paty sempre corrige o nosso português quando a gente fala errado. E... aí, agora já é bem melhor...”* Na fala de Zak, quando questionado sobre sua vida atualmente no abrigo, ele responde: *“É bem melhor, tipo a gente tem horário de estudo, daí a gente tem horário de lazer, tem TV, tem vídeo game, computador, e sei lá é bem*

*melhor*”. A figura da diretora como mediadora é um fator importante a ser observado nas crianças quando conversam entre si sobre o período de férias juntos, passeios nos finais de semana no shopping, parques e outros locais.

No caso específico do Abrigo X, foram identificadas algumas métodos que dão prioridade à instrução, como: práticas educativas exercidas pela instituição no que diz respeito à escolha de escolas de referência, cursos extracurriculares, orientação profissional e apoio psicológico. Outra prática é o relacionamento entre os educadores e os adolescentes, fator importante no desenvolvimento dos adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente é uma política pública, que ressalta as condições de desenvolvimento peculiares que precisam ser respeitadas em todos os contextos. Uma nova lei não é suficiente para mudar a realidade em um passe de mágica, mas é importante ferramenta nos processos da institucionalização. Como por exemplo, Na fala de Paty, esta família alternativa que *“nenhum mora com sua mãe, mas tem toda estrutura de valor, de prioridade”*. O Abrigo X está comprometido com a transformação da realidade dos abrigados oferecendo afeto, oportunidade e inserção na comunidade para a transformação social que se faz necessária, assim como no cumprimento da lei, como por exemplo, autorizou de forma imediata o convite desta pesquisadora para os adolescentes participarem de aulas de música gratuitas: violão e guitarra, em um estúdio onde vários meninos que participam de uma instituição religiosa gravam seus trabalhos musicais. Atribuiu apoio, acreditou na capacidade dos abrigados, apoiou o desenvolvimento dos jovens pela arte além de promover a inclusão das atividades na comunidade como prevista no ECA.

Conforme Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para crianças e adolescentes (2009), as decisões a respeito da criança e do adolescente atendido em instituições de abrigo

devem garantir o direito de ter sua opinião considerada, dependendo do grau de seu desenvolvimento. O CONANDA e O CNAS afirma ainda, que se deve assegurar o direito a “escuta nas diversas decisões que puderem repercutir sobre seu desenvolvimento e sua trajetória de vida, envolvendo desde a identificação de seu interesse pela participação em atividades na comunidade...” (p.59)

O Abrigo X propicia a organização de espaços de privacidade, de convivência, de escuta, de construção de soluções individuais e em grupo, onde os jovens participam ativamente. Estas ações desempenhando um papel importante na vida do abrigado. As regras de rotina diária incorporados como elementos participativos, melhoram o serviço e ampliam o senso de responsabilidade com atividades rotineiras. Observando o aspecto da dificuldade de se encontrar com as famílias de origem, o Abrigo X amplia o acesso à educação, à qualificação profissional e à convivência, além de prever uma metodologia voltada à construção e fortalecimento de vínculos comunitários significativos, como por exemplo: incentivo para participação de atividades esportivas nas escolas, liberdade de escolha e autorização para participação em cultos religiosos, apoio na construção do conhecimento artístico em aulas de teatro e autorização para participação de aulas de música em estúdio da vizinhança.



## **A instituição pelo adolescente e o adolescente pela instituição**

A construção dos laços afetivos no Abrigo X é observada constantemente nesta pesquisa, assim como o sentido de viver nesta instituição. As falas dos adolescentes mostram com frequência que é melhor estar no abrigo onde podem brincar, estudar, comer, enfim, ter proteção. Adão: *“Tá é... eu prefiro ficar aqui que ela... antigamente não tinha ninguém pra cuidar, minha mãe saía pra trabalhar o dia inteiro a gente ficava sozinho... e... e... pra mim agora estou melhor”*; Beto: *“Eu estudo, eu jogo bolo, vou pra natação e brinco também. Assisto TV. Às vezes tem escala na louça”*; Carlos: *“Ah... pro meu futuro com família, eu penso em ter os meus filhos e cuidar deles do mesmo jeito que estão cuidando de mim. Com escola, psicólogo, psiquiatra, essas coisas... porque eu acho que toda pessoa precisa de um bom psicólogo assim. Mais pra ajudar nos problemas familiares e na escola também. Sempre quando eu to com problema lá na escola ou aqui em casa, eu sempre falo com minha psicóloga e ela me ajuda. Aí eu gostaria de fazer assim com meus filhos. Por eles em escola particular, dar o melhor ensino também”*; Leo *“Antes eles me tratavam bem e depois quando começaram a usar droga eles começaram a brigar e... me batiam... era pior”*; Will: *“...em alguns aspectos ficou na escola foi melhor”* e Zak: *“É bem melhor, tipo a gente em horário de estudo, daí a gente tem horário de lazer, tem TV, tem vídeo game, computador, e sei lá é bem melhor.”*

É possível compreender na fala dos adolescentes, que a condição de vida que hoje levam, de maneira geral, está mais confortável e melhor. Para Romanelli (2013), dentre as causas do acolhimento institucional estão: desigualdade social, a má distribuição de renda, falhas do modo capitalista do país. Este processo de exclusão social atinge famílias que

passam a viver de formas indignas, além disso, está presente a fragilidade nas ações governamentais de apoio. Conforme Romanelli (2013):

As famílias vivendo nas favelas, se deparam com graves problemas de infra-estrutura e de apoio social. Há que se lembrar que em muitos desses locais o acesso a creches, escolas, postos de saúde e equipamentos públicos de cultura é mais difícil, já que os serviços são escassos ou de qualidade inferior, gerando a falta de apoio público para que estas famílias se organizem nestas localidades. (p.79)

Os fatores apresentados acima geram circunstâncias que alteram as condições de vida familiar, levando filhos a mendicância e outros delitos para que haja mais renda dentro do lar. Estas ocorrências expõem estes jovens a riscos e são efeitos da necessidade de sobrevivência, porém não trazem satisfação pessoal. Ao mesmo tempo em que eles desejam manter contato com a família, não desejam voltar para a condição de vida anterior, agora têm o amparo que não encontravam nas ruas e nem dentro da família.

O Abrigo X tem cumprido seu papel com o adolescente abrigado e em contra partida os jovens retornam com suas tarefas caseiras cumpridas, com dedicação nos estudos como forma de reconhecimento ao esforço realizado pelos educadores. Mesmo com as dificuldades financeiras encontradas pelo abrigo e verificadas durante o processo desta pesquisa, a instituição manteve seu padrão de atendimento após rompimento com FAS buscando subsídios financeiros e apoio com empresários amigos da diretora.

## **Os adolescentes pesquisados – projeto de vida e o motivo do abrigo**

Primeiramente, as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora diretamente com a responsável pelo Abrigo, posteriormente com três adolescentes, em seguida a Assistente Social e depois com os outros três abrigados e os resultados serão apresentados a seguir.

A análise desenvolvida nas próximas páginas e estão organizadas a partir do discurso dos entrevistados. Os textos foram extraídos de algumas falas, ressaltando que a interpretação das palavras que tem ligação direta com os objetivos da pesquisa. Foram entrevistadas neste projeto seis adolescentes que para a proteção de suas identidades serão nomeadas como: Adão, Beto e Carlos, Leo, Will e Zak sendo com idades de 14, 11 e 16, 13, 18 e 14 anos respectivamente e todos são meninos.

Sobre a família de origem dos adolescentes todos têm irmãos, alguns têm irmãos que também foram institucionalizados, dois tem o pai falecido, todos têm família envolvida com drogas, mas todos mantêm contato com familiares. Segundo a diretora os meninos chegaram para o abrigo ainda criança e quando vinha o primeiro em seguida vinha o irmão. Hoje são três pares de irmãos adolescentes, que se adaptaram bem ao novo sistema de vida, incluindo estudos, tarefas escolares, responsabilidade nas tarefas de casa, cursos, lazer e relacionamento com os colegas do abrigo. Os adolescentes do Abrigo X são crianças que vieram de famílias de baixa renda, envolvimento com tráfico e prostituição, assim como mendicância, fome e maus tratos.

Os dados desenvolvidos no quadro abaixo facilita a visualização dos resultados obtidos. Estão organizados a partir das palavras dos entrevistados e dos objetivos da pesquisa.

Apresentamos através de codinomes as idades, escolaridade e projetos de vida para o futuro, com base nas entrevistas e os elementos recolhidos até o momento.

Quadro 2. - Dados Relativos aos Adolescentes Entrevistados

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Projeto de Vida</b>
Adão (irmão gêmeo de Zak)	14	8 <sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental no Anjo da Guarda.	Jogador de futebol. Diz que não deseja voltar para família de origem.
Beto (irmão do Leo)	11	4 <sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental no Madre Anatólia.	Advogado ou policial. Gostaria de morar com a mãe se ela não usasse drogas. Diz que não deseja voltar para família de origem.
Carlos (irmão do Will)	16	Ensino Médio no Colégio Adventista.	Ator. Ter família, filhos, cuidar deles do mesmo jeito que está sendo cuidado com escola particular. Não deseja voltar para família de origem.
Leo	13	8 <sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental	Médico. Quer voltar para casa dos tios, pois os considera legais. Não deseja voltar para família de origem.

---

Will (irmão do Carlos)	18	1ª ano do Ensino Médio no Colégio Adventista.	Jogador de futebol americano ou engenheiro mecânico. Quer casar com 39 ou 40 anos. Quando sair do abrigo pretende morar sozinho se não der certo com sua mãe. Quer fazer engenharia mecânica para construir um carro. Se for jogador de futebol americano quer morar nos EUA.
Zak (irmão gêmeo de Adão)	14	Ensino Fundamental no no Madre Anatólia.	Jogador de futebol ou engenheiro mecânico. Não sabe se conseguirá ser jogador, mas vai se esforçar para ser engenheiro mecânico, guardar dinheiro, casar, ter uma família, ajudar a família e ter uma casa. Diz que não deseja voltar para família de origem.

---

Adão chegou da rua e veio diretamente me cumprimentar com muita simpatia e desembaraço. Expliquei que ele estaria me ajudando em um trabalho importante e se poderia colaborar comigo. Disse que sim. Adão é um menino de 14 anos que deseja ser jogador de futebol. Diz que está se preparando para o futuro fazendo escolinha de futebol, estuda um colégio particular. Morava com sua mãe e o pai faleceu quando tinha dois anos. Tem quatro

irmãos e fugia de casa devido à fome para pedir dinheiro nas ruas, onde às vezes ele dormia. Confessa uma infância difícil, porém brincava bastante com outras crianças. Considera que hoje vive melhor, pois faz natação, psicóloga, vai à escola, conheceu pessoas novas e habituou-se ao abrigo, pois tem com quem conversar e brincar, além de cumprir as tarefas diárias na casa que são de sua responsabilidade. Demonstra seu desejo em permanecer na casa abrigo, pois se sente seguro porque tem sempre alguém para cuidar dele, o que não acontecia na sua família, porém sente falta do convívio familiar. Continua visitando a mãe num parque de Curitiba, local escolhido pela diretora do abrigo para os encontros com as crianças.

Beto já estava em casa e passava de um lado para o outro, olhando curioso para mim e com vontade de entrar na conversa. Pedi para esperar a sua vez na sala ao lado para que o entrevistado daquele momento não ficasse inibido. Ele se levantou do chão e foi para cozinha com o amigo. No momento que o chamei, pareceu tímido e respondeu em poucas palavras a entrevista. Beto tem 11 anos, está na 4ª série e deseja ser advogado ou policial. Acredita que estudando é chegará ao seu objetivo. Levantou questões como drogas na família e como brincava com seus primos e com seus três irmãos, com quem convive até hoje dentro do abrigo. Conta que passa natal e ano novo com a mãe, mas preferia passar na casa, pois a mãe usa drogas. Não sabe onde está seu pai.

Carlos foi o terceiro entrevistado e já estava esperando ansioso. Ele tem 16 anos e está no ensino médio. Diz que conversa com a psicóloga sobre o que gostaria de trabalhar. Pensou em ser ator, pois gosta de atuar. Faz aula de teatro. Em sua trajetória de vida, lembra que tinha oito anos quando foi para o abrigo, mas não sabe o motivo. Recorda apenas que era muito difícil e que a mãe usava drogas. Passou por outros abrigos e gosta mesmo é do atual. Gosta da escola, porém os educadores são muito exigentes e cobram bastante as tarefas. Expõe que

sempre é corrigido em seu português. Tem contato com a família e considera bom o relacionamento com ela, pois recordam momentos vividos anteriormente.

Leo mostrou-se muito tímido. Disse que quer ser médico para gastar bastante dinheiro, pois a promessa da diretora do Abrigo X é que pagará sua faculdade para a realização deste sonho. Veio para a instituição porque sua mãe usava drogas. Considerou sua vida ruim quando seus pais passaram a usar drogas e bater nele. Quando veio para o abrigo achou bom porque seus irmãos já estavam ali. Gostaria de voltar para casa se sua mãe não usasse drogas ou morar com seus tios.

Will tem 18 anos que sonha em fazer escola de futebol americano. Já trabalha fora e está cursando o ensino médio. Diz em sua entrevista estar atraído pela engenharia mecânica, área em que atualmente está trabalhando como auxiliar na empresa. Seus pais usavam e vendiam drogas e lembra que em sua infância saía com seus irmãos e seu pai para colher papelão nas ruas de Curitiba. Está no Abrigo X desde 13 anos, porém passou por outros dois abrigos antes de chegar ao atual. Considera melhor em alguns aspectos estar na instituição, pois vai para a escola com frequência, faz natação e outros esportes. Quando sair do abrigo quer morar sozinho porque segundo ele, não daria certo voltar para sua família.

Zak é um menino de 14 anos que também quer ser engenheiro mecânico e jogador de futebol, pois está matriculado numa escolinha para treinar. Sempre gostou de carros. Disse que apanhava muito, pedia dinheiro na rua, passava frio, apanhava e até roubava. Ele e seu irmão foram pedir para morar numa instituição. Antes não costumava ir para escola, gazeava aula e não se lembrou de nada que gostasse naquela época. Agora está estudando bastante, pretende ajudar a família quando sair do abrigo. Almeja casar, ganhar dinheiro, ajudar família e ter uma casa.

A partir das entrevistas, foram identificadas carência de recursos materiais da família (100%), dependência química de pais ou responsáveis (100%) e vivência na rua/mendicância (83,3 %), fome ou carência de recursos (83,3%). Deste modo considera-se que a pobreza familiar é a maior responsável pelo ingresso da maioria das crianças e adolescentes nos abrigos. Conforme Silva (2004):

“grande parte das crianças e adolescentes que vivem nos abrigos pesquisados é oriunda de famílias pobres, onde se sabe que faltam os meios indispensáveis para a sobrevivência com dignidade, sendo enormes as dificuldades para a garantia dos direitos fundamentais, pois se encontram todo tipo de precariedade: na moradia, no saneamento, no provimento da alimentação de qualidade e no acesso à saúde e à escola.” (p.57).

Embora os motivos determinantes ao ingresso no abrigo não devam ser analisados isoladamente, o fato dos pais se sentirem destituídos do papel de provedores da sua família pode dar margem a uma série de transgressões dos direitos das crianças e adolescentes, como por exemplo, a mendicância. Para Silva (2004), crianças e adolescentes das instituições de abrigo deveriam retornar o mais rápido possível à sua família de origem e fazer cumprir o princípio da brevidade da medida do abrigo. Segundo a ECA, a retirada do convívio familiar deve ocorrer apenas quando a medida for inevitável e a permanência no abrigo o mais breve possível. Além disso, a instituição deve zelar pelo fortalecimento do vínculo familiar, o que é um dos principais desafios de muitos dirigentes.

Além da carência de recursos, não podemos deixar de falar da carência afetiva. O quadro abaixo mostra as características de cada um dos adolescentes abrigados, com base na



fala da assistente social, no levantamento de dados das entrevistas e o contato com os meninos durante a pesquisa.

Quadro 3. - Características dos Adolescentes na Fala da Assistente Social

Nome	Características
Adão (irmão do Zak)	Duro de lidar; mãe era prostituta, pai falecido; gosta e jogar futebol.
Beto (irmão do Leo)	É carinhoso; o pequenino; é um amor; tranquilo de lidar; faz futebol e capoeira; mãe envolvida com drogas; família com mais dificuldade que os outros meninos do abrigo.
Carlos (irmão do Will)	Faz tratamento psicológico e toma medicação; fácil de lidar, porém se não tomar remédio vira uma bomba relógio; gosta de teatro e faz curso; quer aprender piano; família é barra pesada; lugar onde mora a família é extremamente precário; mãe era prostituta.

---

Leo (Irmão do Beto)	Muito fechado; dificuldade de demonstrar afeto; não gosta de sair, prefere brincar com joguinho e computador; dificuldade de relacionamento; dificuldade de conversar; não olha no olho; traz respostas evasivas; dificuldade de conhecer dinheiro; há pouco tempo passou andar sozinho e de ônibus; bom menino; obediente, não bate-boca; inteligente; pedia dinheiro na praça Tiradentes; não gosta de futebol; mãe envolvida com drogas; família com mais dificuldade que os outros meninos do abrigo.
Will (irmão do Carlos)	É o mais velho do abrigo; sua família é barra pesada; lugar onde mora a família é extremamente precário; mãe era prostituta.
Zak (irmão gêmeo de Adão)	É o mais duro de lidar; nunca foi bem na escola; revolta-se quando não pode ver a família; colocou fogo nos lixos da escola porque queria ver a mãe; faz escolinha de futebol, mãe era prostituta, pai falecido;

---

### Projeto de vida no discurso dos adolescentes pesquisados

É abordada a seguir, a satisfação com a vida atual e com os seus projetos para o futuro a partir da análise dos discursos dos jovens, da visão da diretora do abrigo e da assistente social. Quanto a projeto de vida, foram extraídas das perguntas abaixo, algumas falas:

- (1) “Qual o seu projeto de vida futuro?”
- (2) “Já planejou como fazê-lo?”
- (3) “Em seu projeto de vida, qual seria sua profissão?”
- (4) Conte um pouco sobre sua história de vida, sua família, escola, estudos, o que gosta de fazer e profissão que pretende para o futuro.”

As respostas obtidas: “Eu pretendo ser jogador de futebol”. Esta foi a resposta de Adão, que está fazendo escolinha de futebol no colégio onde estuda. Quanto à família, não expressou de forma direta desejo de voltar para casa, porém citou que sente falta do convívio familiar. A assistente social diz que Adão é “*duro de lidar.*” Apesar de não conseguir discorrer verbalmente com mais intensidade sobre seus sonhos, Adão demonstra que há projeto de vida.

Beto quer ser Advogado ou Policial, porém não sabe como, acredita que estudando. Tem a preferência de morar no abrigo, porém expressou o desejo de voltar para casa, se sua mãe não usasse drogas: “*Eu preferia estar aqui e que, ou senão lá, se minha mãe não usasse drogas. Porque aqui é melhor também às vezes. Lá é chato às vezes, aqui também.*” Para Beto, apesar de ter vontade de ser advogado ou policial, parece oscilar no desejo, inclusive o de retornar à família de origem, cabendo a interpretação de fazer parte de um presente também incerto. Para a assistente social do abrigo Beto é pequenino da instituição. Ele ficava na Praça

Tiradentes pedindo dinheiro junto com Leo. Hoje está estuda no Colégio Madre Anatólia. Diz em seu discurso que: *“você têm que aproveitar o tempo que vocês estão aqui. Pense no que vocês já viveram lá trás e vejam hoje como que é a vida de vocês. Tem instituição aqui em Curitiba, que comem fígado de galinha, não tem carne todo dia, as vezes ovo. Olhem a geladeira de vocês: tem fruta, tem doce, roupa... e para comprar um calçado não é em qualquer lojinha. Vai no shopping. Única coisa que ela pede é que vocês estudem.”*

Carlos diz que começou a conversar com a psicóloga sobre seu futuro. Disse que tem vários desejos para seu futuro, um deles é ser ator, pois gosta muito de atuar e faz aulas de teatro. Diz que terá que estudar muito para alcançar seu objetivo e atuar na profissão. Pensa em ter filhos e dar o melhor para eles: *“Sempre quando eu to com problema lá na escola ou aqui em casa, eu sempre falo com minha psicóloga e ela me ajuda. Aí eu gostaria de fazer assim com meus filhos. Por eles em escola particular, dar o melhor ensino também.”* Sobre seu convívio familiar, Carlos enfatiza que em suas visitas à família de origem, fica imaginando como era boa sua infância: *“Eu vou, todo natal e ano novo eu passo com minha mãe... fiquei lá uma semana, acho, com minha mãe, aí depois meu irmão foi, e é bem legal, tipo, a gente sempre conversa do que eu fazia antes, do que eu falava como eu agia antes, porque ela sempre tem as histórias que as mães contam assim: ah você quando era pequeno fazia isso, isso e aquilo. E ela sempre conta, aí tipo, eu fico imaginando e acho muito legal. Ela mostra fotos também. A gente assiste televisão juntos. Daí é bem legal, assim”.* Em um primeiro momento, Carlos demonstra gostar de estar na família, mas projeta um futuro com vida própria e filhos de forma bem definida. A assistente social do abrigo fala sobre o Carlos, dizendo que faz tratamento psicológico e toma medicação. Ficou revoltado com Adão quando

o mesmo referiu-se à mãe dele como prostituta “... pensei que ia matar”. Conta que ele tem vontade de tocar piano e fazer teatro e às vezes ele sai com suas irmãs.

Leo diz que deseja ser médico para e tem a promessa da diretora do abrigo que pagará seus estudos e está apoiado nesta idéia. Em seu caso, parece que sua história de vida e as dificuldades que encontrou neste percurso, o motivaram ser médico para ganhar bastante dinheiro com objetivo de eliminar possíveis problemas futuros. Na visão da assistente social do abrigo, Leo é um menino caseiro e não gosta de sair de casa, não demonstra afeto. Prefere ficar no computador e se deixar, fica o dia todo com joguinho na mão. Diz: *“é um menino muito fechado. Pode ver quando a gente está conversando com ele, ele não olha no olho da gente para responder, o que pergunta ele responde, mas é uma resposta evasiva.”* Em sua fala, diz que Leo não andava de ônibus, mas que com a mudança de casa e sem carro à disposição, começou sair um pouco sozinho. É inteligente e obediente, não “bate-boca”, porém tem dificuldade de relacionamento. Acredita que se esquivava de beijos e abraços devido ao histórico familiar.

Zak quer ser jogador de futebol. Aprendeu jogar na instituição. *“Eu pensei em entrar numa escolinha primeiro, daí eu vou a algum jogo, alguém pode me ver e gostar de mim.”* Seu objetivo de fazer escolinha de futebol está ligado à esperança de algo que possui um fim, passível de término feliz: Ser achado por alguém. Zak não gosta muito do abrigo e diz que sempre aconselha dizendo: *“Vocês têm que trabalhar isso dentro de você, aqui é só uma base, a gente sempre está focando, vocês não vão viver a vida inteira aqui, uma hora ou outra vocês vão ter que ir para o mundo e vocês vão se machucar e vocês não estarão na barra dessa gente todos os dias. Vocês vão ter que aprender... Da mesma maneira que às vezes eles ouvem um pouquinho, daqui a pouco já jogam tudo para o alto.”* Zak não acompanhava os

estudos, porém agora, tira 8,0 e 9,0. Ficou suspenso por dois meses por tentar colocar fogo nos baldes de lixo da escola. Ao ser indagado por que fez isso, disse que queria ver a mãe. Disse que pretende casar, ganhar dinheiro, ter uma casa e ajudar a família. A assistente social diz que quando as crianças vão para casa da mãe, voltam muito difíceis: *“Pela mãe estar todo este tempo longe, qualquer coisa que eles pedem elas dirão sim, para suprir, aquilo que elas não fizeram, elas querem dar, elas acham que é legal, mas não é legal tem coisas que não dá, eles ficam o dia todo na rua, eles voltam para cá bem mais revoltados do que são, pois aqui tem regras, tem horário pra sair, para voltar, por mais que esteja em Curitiba, as coisas acontecem, a gente não sabe onde está, a gente se preocupa muito com isto; lá tem liberdade maior, o Tatuquara é o bairro perigoso, eles voltam bem mais revoltados.”*

Will está indefinido. Ora pensa ser jogador de futebol americano, ora ser engenheiro mecânico. *“Ah eu tenho tipo, eu tinha uns dois mais ou menos que era começar tipo, eu queria era fazer luta só que daí a Paty não deixou, mas ela disse que eu seria um cara muito violento e também Futebol Americano só que daí a Paty falou que eu deveria ter começado faz tempo, desde que quando eu era pequeno, e agora estou trabalhando na J. M., mas eu não sei se quero continuar nessa área.”* Pensa em morar fora do Brasil: *“... aqui é fraco Futebol Americano, eu ia pra lá nos Estados Unidos.”* Quando questionado sobre formação de família, responde: *“Ah eu penso quando eu sair daqui acho que morar sozinho daí se não der certo morar com minha mãe.”* Will foi desestimulado pela diretora do abrigo em fazer futebol americano, tendo em vista a falta de oportunidade neste país, porém o adolescente gerou em sua fala a possibilidade de morar fora do Brasil para conseguir realizar este sonho.

Conforme Gulassa (2010):

Nesse processo, considera-se fundamental o respeito à história, identidade cultural e religiosa, constituição física e biológica, e a possibilidade de construção de autonomia e pertencimento social. O projeto de vida representa o desejo da criança e do adolescente, incluindo o desejo de sua família, quando ela está presente. O educador deve, portanto, ser bastante sensível para, ao mesmo tempo, estimular, provocar e respeitar as escolhas individuais, sem que, dessa forma, esteja impondo seus desejos e expectativas. (p.32).

Faz-se necessário oferecer condições para que o sujeito invente seu próprio futuro. É preciso que algum adulto sustente esse plano antes que o sujeito não consiga sustentá-lo sozinho.

A assistente social mostra em sua fala que sucessivamente motiva as crianças a valorizar o que estão vivendo hoje. Quando se refere ao fato de não estarem satisfeitos com algo, ela diz: *“Vocês têm que trabalhar isso dentro de você, aqui é só uma base, a gente sempre está focando, vocês não vão viver a vida inteira aqui, uma hora ou outra vocês vão ter que ir para o mundo e vocês vão se machucar e vocês não estarão na barra dessa gente todos os dias. Vocês vão ter que aprender. Vão ter que aprender isto dentro de vocês.”* O abrigo parece ser uma mistura do passado e do futuro, ao anunciar a colocação de crianças e adolescentes abandonados (passado problemático) e da correção dos jovens (futuro almejado) num patamar desejado pelo processo do ECA. O abrigo está no passado e estará no futuro sendo um elemento de apoio social e afetivo, proteção, transição para família substituta. Janckzura (2008).

Conforme Dias (2011),

Para ter uma visão dos projetos de vida, é necessário levar em consideração estas influências contextuais. Não podemos cair no engodo liberal ao disseminar idéias de que as pessoas podem apenas pela chamada força de vontade, resolver todas as suas dificuldades e conseguir uma vida melhor para si e para os seus. A força de vontade muitas vezes é obstaculizada por condições materiais impeditivas, demonstrada em projetos de vida menos ambiciosos, ou mesmo na ausência destes, gerada pela impossibilidade de se pensar em um tempo outro, no tempo futuro (p. 96).

Levando em consideração a produção histórica dos adolescentes que vivem em situação de abrigo, estes são afetados diretamente pela realidade vivida na instituição, alguns com contornos mais dramáticos do que outros, porém para ambos o distanciamento em construir seus projetos de vida dentro de uma instituição também pode ser um entrave. A lógica do trabalho e a idéia que a responsabilidade por seus fracassos aliada às dificuldades advindas da juventude fazem com que a escolha a possíveis caminhos futuros não apontem um destino certo.

Quanto à profissão, é preciso refletir sobre as possibilidades destes adolescentes que almejam para o seu futuro um lugar na sociedade. Conforme a fala da Diretora do Abrigo X: *“Então eu falo: A história se repete. Você tem 90% de chance de engravidar uma menina antes da hora, porque tua mãe engravidou quando tinha 14 anos quando teve você. Então se liga...”* A dependência econômica e social em que vivem possibilita que reeditem em sua vida atual a condição social ocupada por seus pais. É crescente o número de adolescentes “cuja trajetória de vida é marcada pela busca de sobrevivência e não por oportunidades de escolha” (Bardagi; Arteché & Silva, 2005, p. 104). Há diferença entre o adolescente desprovido de



recursos financeiros com os de classe média e alta. O que ocorre é que “as classes populares são arrancadas, há muito tempo, de sua condição infantil muito precocemente, premidas que são pelo imperativo da sobrevivência”. Birman, (2011, p.26)

Ao conhecer outro modo de vida, e outras relações a criança desenvolve outra forma de relação, outra motivação e desejo que compreende superar obstáculos do passado e construir projetos de vida e futuro, voltados para a felicidade. A análise do discurso nos permite afirmar que a profissão, a vida familiar, o estudo e o lazer são valorizados pelos adolescentes. Para Lucchiari (1993, p. 11), o momento da escolha profissional coincide com a fase do desenvolvimento onde o jovem está se descobrindo novamente, em busca de seus gostos, interesses e motivações. Em meio a estas descobertas, o adolescente faz opção sem elementos suficientes para a carreira que elege. Para a autora, este número eleva a desistência ou troca de curso dentro das faculdades, sendo perto de 50% os que não concluem seus cursos.

### **A integração na família de origem**

Paty traz em sua fala, referindo-se às crianças abrigadas, que: *“eles tão mais vulneráveis que as outras crianças. A criança cresce tanto, adquire tantos valores, tanto alto respeito, tanta dignidade que ela não vai mais permitir ser abusada da forma que ela era antes, porque a criança era abusada, ela era humilhada, ela vivia sem condições básicas, ela era negligenciada de atenção, de tudo, os meus meninos eles não tem como voltar pra casa nem que a mãe quisesse, nem que pudessem, eu sinto que eles não se adaptam mais. É triste, mais por outro lado você vai manter a criança sem se desenvolver só pra ela poder voltar pra casa quando a justiça resolver, vai manter ela em “standby...”* Há necessidade de discussão

sobre a viabilidade das instituições restabelecerem vínculo das crianças com as famílias de origem, conforme previsto no ECA. Uma tarefa nada fácil pois está devolvendo à mesma família motivo do problema que levou ao abrigamento, seja através de violência física ou psicológica, maus tratos, mendicância, abuso ou exploração sexual ou diferentes formas de abandono. Conforme nos relata a diretora do abrigo: *“Isso é uma falha grave, porque se a lei diz que a primeira coisa é o retorno familiar e que a instituição tem que ser breve, tem que ser uma passagem na vida da criança e não uma moradia definitiva pra ela, alguém tem que cuidar dessa família...”*.

No discurso da diretora, a família não recebe atendimento ou qualquer tipo de apoio, assim os seus problemas permanecem. Além disso, o abrigo não pode dar assistência à família e sim as crianças e isto é uma falha da lógica do próprio sistema e do estatuto. Mesmo com os avanços históricos e legais na proteção dos adolescentes através do ECA as estratégias e práticas de implementação dos direitos da criança e do adolescente ainda caminham a passos lentos, apesar de ser prioridade absoluta. Esta foi uma das dificuldades apontadas pela diretora do abrigo no cotidiano das entidades de acolhimento: a manutenção do vínculo com a família de origem.

A melhoria do vínculo está prevista como em primeiro plano, tornando-a fundamental e um conjunto de ações preventivas. Diante desta situação a fala da diretora nos orienta: *“O vínculo é sagrado, é precioso, porque a criança precisa ter essa mãe para poder se separar dessa mãe, pra ela poder compreender, para poder crescer, ela precisa ter esse contato com a mãe, então o vínculo é precioso, só que a gente não consegue manter esse vínculo, ele vai se transformando, na verdade é isso que eu quero dizer. Tem o vínculo, o vínculo persiste, mas*

*ele vai se transformando. Antes ele era um vínculo muito mais “narcísico” de muito mais dependência, depois a criança vai se separando.*

Proteger e fortalecer os vínculos familiares tem sido um desafio constante para o Estado e os abrigos, tendo em vista os riscos e vulnerabilidades no cotidiano da vida dessas pessoas, porém crianças e adolescentes têm o direito de conviver com sua família na garantia do seu pleno desenvolvimento como ser humano. Segundo a diretora: *“Porque a mãe, ela não tem condições de acolher aquela criança, ela não vai acolher a crianças. A criança sente e sabe que a mãe não vai acolher então ela começa a desenvolver defesas contra essa dependência. Mas eu, particularmente não gosto de manter as visitas logo no começo. Eu acho que por um bom tempo as crianças devem ficar separadas da família, porque se elas têm que sair da família, não foi à toa que um juiz tirou uma criança de dentro de sua família.* Observa-se nesta fala a suscetibilidade dos jovens abrigados à visão da diretora da instituição. O que significa dizer que dependendo da visão da direção este processo de manutenção do vínculo familiar pode ocorrer com maior ou menor investimento. Conforme Janczura (2008, p.14), *“Proteger e fortalecer os vínculos familiares e comunitários tem sido desafios constantes do Estado e da sociedade brasileira...”*. Para a autora, deve existir proteção e apoio por parte do Estado e sociedade.

A dificuldade da família em proteger e educar seus filhos também está evidenciada na fala da diretora: *“Quais são as políticas públicas que ajuda essa família. Ninguém cuida da família. A criança vai cada vez se distanciando da família. Isso é uma falha grave, porque se a lei diz que a primeira coisa é o retorno familiar e que a instituição tem que ser breve, tem que ser uma passagem na vida da criança e não uma moradia definitiva pra ela, alguém tem que cuidar dessa família.”* Portanto tendo em vista o grande trabalho de reorganização da

família de origem, a desinstitucionalização é um desafio cada vez maior. Sendo um fator que determina a permanência prolongada destas crianças e adolescentes no abrigo.

Uma das medidas do ECA (Brasil, 1990) é a de que o abrigo garanta aos pais condições de se reorganizar frente a sua situação atual para estabelecer seu direito sobre o filho. Segundo a diretora: *“... a criança sai da família, vai pra instituição de acolhimento. Aí a criança vai pra Psicólogo, no meu caso, a criança vai pra escola particular, a criança tem professor particular, a criança vai pra fono (fonoaudióloga), vai pra psicopedagoga, a criança vai nadar e nada lindamente, a criança tem contato com pessoas diversas que traz crescimento pra ela, ela tem relações afetivas... Meu! A criança explode, cresce. Agora, quem que cuida da família?”* A integração entre os abrigos e os pais não é eficaz, pois não dispõem de condições financeiras para assumir tal trabalho e o afastamento familiar da criança abrigada poderá fragilizar os vínculos para o retorno à família de origem. O processo de reintegração familiar poderá ser mais complexo e demorado quanto mais grave parecer a situação vivenciada pela família da criança e do adolescente. Nesse processo é fundamental orientar, estimular e apoiar a família para que possa assumir as funções devidas como sustento, educação, cuidado, proteção. O retorno ao convívio familiar deve acontecer quando a família apresentar condições favoráveis e conforme art. 94 do ECA é obrigação de toda instituição a promoção do restabelecimento e preservação dos vínculos. O abrigo avalia os casos propondo plano de desligamento a partir da emissão de um parecer ao Juizado da Infância e Juventude.

No caminho de volta para casa pode ocorrer circunstâncias pouco satisfatórias, havendo a necessidade da coleta de dados junto às famílias através de entrevistas e observações. Nem sempre as condições avaliadas podem ter sido superadas em favor da segurança e o bem estar da criança e do adolescente como descrevem vários autores

(Cavalcante, Costa Silva e Magalhães, 2010). Segundo a administradora: “*A criança tava sofrendo naquela família. Alguma coisa não tava indo bem naquela família. Então, a criança, eu sinto que ela precisa ser curar daquela família. Separa pra poder respirar, pra perceber tudo isso que eu acabei de falar, que ela não é daquele jeito, que ela não é aquela família, ela pode ser outra coisa*”. Conforme Paty existe casos que as crianças não têm como retornar para o seio familiar. Se a convivência familiar não for possível, o menor poderá ser inserido em família substituta garantindo o cumprimento de direitos previstos no ECA e na Constituição Federal, como: direito à vida e à saúde, alimentação, liberdade, respeito, dignidade, convivência familiar e comunitária, educação, cultura, esporte, lazer, profissionalização e proteção do trabalho. A consolidação da adoção é um grande desafio e na maioria dos casos, acabam ficando nas casas-abrigo, porém somente até 18 anos.

Os motivos do acolhimento são importante informação para o parecer técnico da equipe de autoridades para promover o retorno dos filhos à convivência com seus pais, devendo a documentação precisa ser fundamentada em dados atualizados e confiáveis.

(Cavalcante , Costa Silva e Magalhães, 2010).

Mesmo sendo prioridade a família de origem, a família substituta surge como uma alternativa significativa quando são esgotadas as possibilidades de reintegração familiar. Para verificar a viabilidade de retorno, o abrigo deve cumprir a diretriz no Artigo 92 do ECA, que possibilita o contato das crianças e adolescentes com seus genitores e demais familiares através de visitas periódicas, sob supervisão de uma equipe técnica, porém na fala do adolescente Carlos, ao ser questionado se sentia falta da convivência com a família, a resposta foi imediata: não. Na fala de Paty percebemos que a criança espera voltar para família: “*Se a criança não faz essa primeira separação, ela não se desenvolve. Ela fica naquela coisa,*

*esperando voltar pra família, esperando voltar pra família, amanhã é que eu vou voltar, é amanhã que eu vou voltar, é amanhã que eu vou voltar, não é amanhã que eu vou voltar. Porque... que não é amanhã que ela vai voltar? Justamente porque ninguém cuida da família”.* O

termo família pode ser visto como o grupo de pessoas que se unem para organizar a sua sobrevivência indo além do nível de parentesco. Esta nova configuração familiar e de convivência é essencial a uma criança ou adolescente, assim como educação, saúde, lazer e os direitos previstos no capítulo III do Estatuto da Criança e do Adolescente, pois como qualquer ser humano estas são sujeitos titulares dos direitos fundamentais. Considerando o Art. 19, Parágrafo 1º que versa:

Art. 19. Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes. § 1º Toda criança ou adolescente que estiver inserido em programa de acolhimento familiar ou institucional terá sua situação reavaliada, no máximo, a cada 6 (seis) meses, devendo a autoridade judiciária competente, com base em relatório elaborado por equipe interprofissional ou multidisciplinar, decidir de forma fundamentada pela possibilidade de reintegração familiar ou colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no art. 28 desta Lei.

A convivência familiar é um direito da criança. A manutenção dos vínculos familiares é importante, porém a segurança da criança está em primeiro plano, pois muitas vezes as famílias não estão preparadas para receber as crianças de volta para casa e o Estado precisa ser mais atuante para fornecer meios necessários ao desenvolvimento da família quando existe a carência neste sentido. O preparo a que nos referimos não está ligado à falta ou carência de

recursos materiais, o que, conforme o Artigo 23 do ECA, não constitui motivo suficiente para perda ou suspensão do poder familiar. Está atrelada à fala na entrevista com a diretora do Abrigo X que versa: *“Quais são as políticas públicas que ajuda essa família? Ninguém cuida da família. A criança vai cada vez se distanciando da família. Isso é uma falha grave, porque se a lei diz que a primeira coisa é o retorno familiar e que a instituição tem que ser breve, tem que ser uma passagem na vida da criança e não uma moradia definitiva pra ela, alguém tem que cuidar dessa família...”* Há uma expectativa que as famílias desempenhem seus papéis, protegendo seus filhos sejam elas pobres ou ricas. Essa família, considerada imprópria, identificada como desestruturada e que coloca em perigo a segurança da criança está abandonada pelas políticas públicas.

Para Janczura (2008):

As famílias das crianças e dos adolescentes abrigados são procedentes das camadas sociais mais pobres da sociedade brasileira e, sem sombra de dúvida, a questão econômica, afeta, primordialmente, suas relações familiares. A falta de oportunidades nos aspectos sociais, econômicos ou culturais tem sido a geradora de conflitos afetivos, levando a uma maior incidência de tensões importantes na vida dessas famílias e produzindo situações de violência, abandono, negligência, entre outros fatores.

Conjugados, esses fatores exigem a interferência imediata do Estado para colocar crianças e adolescentes sob a proteção de ameaças, violências e/ou omissões e garantir os cuidados necessários ao seu desenvolvimento, até o retorno ou não ao grupo familiar. (p.171).

Paty confirma que o abrigamento *“Cria um distanciamento. No fim eles não têm mais o que conversar. Cada um fala uma língua. Um está fazendo vestibular, o outro é dependente*

*de craque, a mãe é dependente de craque. E continua na mesma situação que tava quando o menino se separou dela. Então, é muito triste isso, é perverso. Porque cabe ao Estado cuidar dessa família e ele não cuida.”* O desafio de promover o retorno dos filhos à convivência com seus pais e/ou familiares torna-se cada vez mais difícil para a instituição à medida que o tempo passa e a criança ou adolescente perde o gosto pelo convívio familiar, se afastando a cada dia, demonstrando que oportunidade de uma nova vida está sendo mais estimulante.

Conforme Romanelli (2013),

É possível perceber como a condição de vida pode interferir negativamente de diferentes maneiras na garantia dos direitos de crianças e adolescentes. De maneira geral, dentre as maiores causas do acolhimento institucional estão a desigualdade social e a má distribuição de renda, mazelas associadas às falhas do modo de produção capitalista.

Esta exclusão leva a uma contingência de famílias viverem de forma precária em busca de sobrevivência, havendo fragilidade nas ações do governo para apoiar estas famílias. (Romanelli, 2013, p.79). Políticas de atenção a crianças e adolescentes necessitam estar articuladas com atos de ajuda às famílias. Faz-se necessário o apoio às famílias e suporte como tentativa de ajudar com os problemas de dependência de drogas, desemprego, e demais dificuldades. A coordenação políticas públicas pelo Estado e da sociedade no que diz respeito à realização de ações de valorização da família através de visitas domiciliares, acompanhamento social, organização de reuniões com pessoal e encaminhamento para programas oficiais ou comunitários de auxilia/proteção.



Romanelli (2013) chama atenção para este tema, o processo de culpabilização da família pobre e a condenação da família que perde a guarda de seus filhos sendo considerada incapaz de desempenhar sua função. (p.90)

Conforme Bernardi (2010), as famílias percebem que a instituição oferece bons recursos de moradia, educação, alimentação, vestuário e a partir desta percepção, os pais se tranquilizam e associam o abrigo a um colégio interno. Para a criança e o adolescente o acolhimento pode ser assustador, pois a chegada em um ambiente estranho pode trazer a impressão de aprisionamento, mas com o passar do tempo passam a mudar esta concepção ao ser integrado ao ambiente. (p. 40)

### **Lugar ocupado pela família na vida dos adolescentes institucionalizados**

As crianças, adolescentes e jovens, enfrentaram dificuldades no processo de institucionalização como problemas de comunicação e interação entre família e abrigo como vemos na fala de Paty: *“só que a gente não consegue manter esse vínculo, ele vai se transformando, na verdade é isso que eu quero dizer. Tem o vínculo, o vínculo persiste, mas ele vai se transformando.”* Os fatores de risco no ambiente familiar levaram a criança e o adolescente ao abrigo, tornando difícil para a instituição a manutenção da relação familiar com os jovens acolhidos.

Paty levanta ainda, a questão da necessidade de suspensão temporária do contato com a família: *“Eu acho que por um bom tempo as crianças devem ficar separadas da família, porque se elas têm que sair da família, não foi à toa que um juiz tirou uma criança de dentro de sua família. A criança tava sofrendo naquela família. Alguma coisa não tava indo bem*

*naquela família. Então, a criança, eu sinto que ela precisa se curar daquela família. Separa pra poder respirar, pra perceber tudo isso que eu acabei de falar, que ela não é daquele jeito, que ela não é aquela família, ela pode ser outra coisa. Né? Se a criança não faz essa primeira separação, ela não se desenvolve.*” O Abrigo X sustenta este distanciamento durante os primeiros dias de abrigamento como forma de proteção e adaptação na instituição. O desligamento da família é um processo doloroso para a criança e o adolescente, num período repleto de dificuldades para estas e para a instituição que a abriga.

Apesar do distanciamento, as crianças sentem falta do convívio com sua família, mesmo cada um dos seis morando com irmão na instituição, como vemos nas falas de quatro deles: Adão: *“E pra mim agora está melhor, só que eu sinto falta de ficar com minha família toda reunida, que eu só posso visitar minha mãe às vezes e é difícil ela levar minha irmãzinha que está com ela. A gente se encontra num parque lá, não sei o nome.”*; Carlos: *“a gente sempre conversa do que eu fazia antes, do que eu falava, como eu agia antes, porque ela sempre tem as histórias que as mães contam assim: ah você quando era pequeno fazia isso, isso e aquilo. E ela sempre conta, aí tipo, eu fico imaginando e acho muito legal. Ela mostra fotos também. A gente assiste televisão juntos. Daí é bem legal, assim.”*; Leo: *“Que eu queria voltar pra casa dos meus tios, porque eles são bem legais”*; Zak: *“Eu quero ajudar minha família... daí eu vou guardar dinheiro, daí eu vou casar lá tudo, daí não, já vou ter ajudado minha família, lógico, a ter uma casa e daí vou ter minha família”*.

## **Lugar ocupado pela instituição na vida dos adolescentes institucionalizados**

As medidas de acolhimento acabam por ampliar o distanciamento com a família, por ser um local que promove melhores condições e cuidados físicos, alimentação, higiene, educação e lazer. No Abrigo X, o espaço promove uma atmosfera emocionalmente saudável, eleva o desejo da criança e do adolescente em permanecer na instituição.

Para a diretora do abrigo, o Abrigo X “não é um a instituição de acolhimento, tem que chamar de outra coisa... Eu chamo família alternativa”. Para a diretora, a criança cresce, adquirindo valores e respeito, não se adaptando mais ao sistema vivido dentro de sua família. Como vemos na fala de Paty, o anseio que o Abrigo X tem em oferecer o melhor psicólogo, fonoaudiólogo, escola particular, psicopedagoga e natação para os abrigados: *“a criança tem contato com pessoas diversas que traz crescimento pra ela, ela tem relações afetivas... Meu! A criança explode, cresce. Agora, quem cuida da família?”*

Para a diretora, o distanciamento criado na ocasião do abrigamento é inevitável, tendo em vista que ninguém cuida da família: *“Quais são as políticas públicas que ajuda essa família. Ninguém cuida da família. A criança vai cada vez se distanciando da família. Isso é uma falha grave...” “...alguém tem que cuidar dessa família...” “..Cria um distanciamento. No fim eles não têm mais o que conversar. Cada um fala uma língua. Um está fazendo vestibular, o outro é dependente de craque, a mãe é dependente de craque. E continua na mesma situação que estava quando o menino se separou dela. Então, é muito triste isso, é perverso. Porque cabe ao Estado cuidar dessa família, e ele não cuida”*

Para a diretora do abrigo, os problemas que causaram a institucionalização raramente são resolvidos e no processo de acolhimento a criança recebe apoio sem que necessariamente

se rompam os vínculos afetivos existentes, porém o tempo se encarrega de fazê-lo. Apesar das quatro de seis adolescentes sentirem falta da convivência familiar, a instituição ainda é a preferência na fala de 100% dos entrevistados, como veremos a seguir.

### **Quanto à preferência em morar no abrigo:**

Conforme o ECA, a permanência das crianças e adolescentes em programa de acolhimento institucional não deve se prolongar por mais de dois anos salvo comprovada necessidade. Como pode ser ilustrado na fala do adolescente Adão: *“eu ficava fugindo de casa, que tipo, eu ficava com fome, assim, sei lá, porque que eu... eu fugia, daí eu ia pedir dinheiro, daí a gente comprava as coisas, eu e meus irmãos, daí a gente comia”*. Esta fala demonstra a comprovada necessidade da criança em morar no abrigo. Porém a manutenção ou reintegração muitas vezes torna-se difícil, como citado em outro trecho da conversa, a diretora do Abrigo X fala sobre a reintegração e a dificuldade que ela encontra: *“... é uma situação que não gruda mais. Eles dizem: tia, minha mãe joga papel no chão... eu já falei pra ela que não pode... mas não adianta, ela joga”*. Podemos visualizar que ficou fixada na fala de Adão a preferência na vida que leva atualmente quando diz: *“Está melhor. Estou fazendo natação, já sei nadar também. Já aprendi. Estou fazendo psicóloga.”* O acesso à educação e qualificação para a escolha profissional, são determinantes para as possibilidades e as limitações de o sujeito intervir, atuar, transformar a realidade e de ter consciência do seu papel na construção da história. (Zandoná, 2005, p.153). As escolhas que ele faz para o seu futuro implicam num caminho crescente de possibilidades para construção da sua própria história, onde o adolescente é o ator através de suas ações. Para a criança e o adolescente projetar o

futuro não é uma tarefa fácil, pois seu presente também é considerado inserto. Segundo Zandoná:

Concebendo o homem enquanto sujeito histórico-social, ser mais ou menos atuante na construção da história depende da conscientização e da inserção dos indivíduos e dos grupos em atividades transformadoras das relações sociais, uma vez que são essas que constituem o próprio indivíduo, o seu saber, o seu fazer e as condições materiais de sua existência (Zandoná, 2005 p.146).

O homem é uma pessoa ativa, onde o constante movimento constrói sua própria história e essa transformação constante da realidade altera o seu destino. O futuro dos adolescentes em vulnerabilidade social deve ser visto sobre a face do direito. Não somente pensando em eliminar o risco social, mas conceder benefícios, garantir e proporcionar independência, autonomia, ambiente para construir e afirmar sua identidade individual e social. Deste modo, os abrigos, seus programas, projetos e serviços designados a atender essa demanda podem não garantir que os adolescentes tenham melhor qualidade de vida, pois ainda faltam incentivos do poder público para a construção de políticas com ações sócioeducativas de empregabilidade para o jovem, mesmo com programas de inserção do jovem no mercado de trabalho.

Ao ser questionado sobre morar no abrigo, Adão diz: *“Tá é... eu prefiro ficar aqui que ela... antigamente não tinha ninguém pra cuidar, minha mãe saía pra trabalhar o dia inteiro a gente ficava sozinho... e... e... pra mim agora está melhor...”* A pausa no início da fala de Adão, mostra a incerteza deste adolescente, quando suspende a frase para possivelmente pensar: onde é melhor morar?

Rizzini e Rizzini (2004) apontaram uma mudança no perfil das crianças atendidas em abrigos que demonstraram um sentimento de rejeição de suas famílias quando afirmaram não desejar voltar para casa ou não poder voltar para casa. Outro exemplo está registrado na fala da diretora: *“Aí o outro que não via a mãe há 10 anos, ele passava mensagem quando a gente descobriu a mãe... ele passava mensagem pelo celular e dizia: Tia a gente não se entende... eu escrevo uma coisa ela não entende! Ela escreve e eu não entendo. Então perde, se afasta, não conseguem mais se comunicar.”* Quando encaminhados para os abrigos, estas crianças e adolescentes colocam em risco os vínculos afetivos com seus genitores ou responsáveis devido à longa permanência nas instituições. Nesta pesquisa temos quatro adolescentes que estão vivendo a quatro anos no Abrigo X e os outros dois dentro de período de cinco anos. O lugar que a política de atendimento ocupa é preocupante. Parece que há insuficiência de ações na formação de redes sociais de atendimento e de políticas sociais públicas que estejam aptas de proteger a criança e apoio à família para evitar o abrigamento prolongado.

### **O vínculo com o Abrigo X- desinstitucionalização na visão do abrigado**

O desejo de ter a família de volta está expressa na fala de Will quando diz: *Ah! Eu penso quando eu sair daqui... acho que morar sozinho... daí... se não der certo morar com minha mãe*”. O desejo de tentar reaproximação com a mãe e a família de origem está expressa na fala de Will. Mesmo com receio, Leo expressa o gosto do vínculo familiar quando diz com voz baixa e rouca que gosta de estar no abrigo, mas: *“eu preferia que ficar com minha mãe se ela não usasse droga”* Sobre morar na família, Leo diz que *“Era pior...Que eu queria voltar pra casa dos meus tios, porque eles são bem legais”*. Zak, sente falta da mãe. No discurso da

assistente social, ela conta que ele *“tentou colocar fogo na escola Madre Anatória. Colocou fogo em todos os baldinhos de lixo, colocou fogo quase na cortina. Perguntei por que ele fez e ele disse que era porque queria ver a mãe”*. Zak ainda demonstrou desejo de retorno à família de origem quando expressou aspiração em guardar dinheiro para ajudar a família: *“daí vou me esforçar pra ser engenheiro mecânico, daí eu vou guardar dinheiro, daí eu vou casar lá tudo, daí não, já vou ter ajudado minha família lógico a ter uma casa e daí vou ter minha família”*. O abrigo parece uma residência. Porém as condições materiais e financeiras ali supridas, não substituem o vínculo e o amor familiar.

Para a diretora da instituição, os abrigos devem ser parecidos com uma residência. Quando há um número elevado de crianças vivendo em um abrigo, o atendimento individualizado torna-se mais difícil, provocando ainda mais carência afetiva, problemas para estabelecimento de vínculo, demora no desenvolvimento psicomotor, baixa autoestima, dificuldade de adquirir sentimento de pertencimento e adaptação ao convívio em família e comunidade, além de pouca intimidade com os hábitos familiares. Para que haja mais semelhança possível com a rotina familiar, as casas não devem manter placas que as identifiquem como abrigos, para isso, precisa parecer como uma residência, evitando grandes pavilhões. Sendo assim, a possibilidade de atendimento e atenção mais individual à criança e ao adolescente é maior e às especificidades de suas histórias de vida. Em relação à sua estrutura física, deve parecer uma casa com até 6 dormitórios para acomodações com no máximo 4 crianças e adolescentes por quarto com espaços individuais para que possam guardar seus objetos pessoais. Quanto ao atendimento, o número de profissionais encarregados depende do número de abrigados. O Abrigo X faz atendimento psicológico, fonoaudiólogo, médico, psicopedagógico e social além de: escolas particulares de primeiro e

segundo graus, escola de futebol, computação e escola de línguas. Este conforto é um alento para as crianças e adolescentes a uma realidade nunca antes vivida em suas famílias e por sua vez uma oportunidade de quebra de vínculo familiar.

A diretora do Abrigo X, versa em sua entrevista uma experiência única de que nada mudou no seio familiar, desde o abrigamento de uma criança até a tentativa de manutenção do vínculo: *“Eu tenho um exemplo muito rico, eu levei as crianças pra conhecer a família em outro estado, outra cidade. Ele foi conhecer o pai que nunca tinha conhecido. Foi separado do pai que foi preso. Hoje ele tem 16 anos. Ele não agüentava o cheiro da casa do pai, incomodava muito ele. Aí ele foi ver a mãe, depois de 3 anos e ele não agüentou o cheiro da mãe. Tava fedendo, e o cheiro é uma coisa muito doida. Quando eles chegaram no “Abrigo X” e o cheiro do banheiro fedia muito. Tinha cheiro de banheiro de rodoviária, e eu não me chamo Paty se eu não mudar isso. Hoje o banheiro do Abrigo X é impecável, não tem cheiro de nada...Poxa tia, que banheiro fedorento, ta sujo, coisa que antes eles não sentiam. Porque eles já pertenciam a esse cheiro... a um ambiente que tinha esse cheiro, mas perderam isso, é uma situação primitiva, e você percebe essa situação... é triste, por outro lado, você percebe o relacionamento deles com as mães...é uma situação que não gruda mais... Então perde, se afasta, não conseguem mais se comunicar”* Para a diretora da instituição de abrigo, ficou claro que as crianças e adolescentes desejam ter uma família, porém não querem voltar para a condição de vida anterior. A equipe desta instituição procura fazer o possível para tornar o ambiente melhor e mais agradável para estes que chegaram fragilizados e carentes de afetividade, mostrando novas possibilidades de vida para o futuro, porém nunca irão substituir o amor de uma mãe e de uma família. Ainda que tenham formado vínculos de afetividade com



a instituição, os adolescentes ainda são conduzidos por um imaginário em que a vontade de ter uma família é revelada de forma muito clara.

A questão da desinstitucionalização requer mais pesquisa, estudo e aprofundamento, tanto para conhecer o processo de saída após 18 anos, quanto no processo de retorno familiar. Para Prada, Williams e Weber (2007), há uma significativa diminuição da frequência de visitas dos familiares ao longo dos anos de permanência das crianças e adolescentes nos abrigos, tendo entre elas, aquelas que nunca receberam visita. Neste caso, desabrigar se torna um processo cheio de dificuldades. A insegurança com relação ao futuro e a saída do abrigo podem ocorrer devido a sentimentos que foram gerados durante suas histórias de vida. No caso do Abrigo X esta situação se torna pouco provável, pois com base na fala dos adolescentes e da diretora, este sentimento de vulnerabilidade foi parcialmente superado pela reinserção social e pela qualidade dos trabalhos realizados durante o acolhimento. Grande parte das crianças que passam infância e juventude abrigadas tem sua situação reavaliada a cada 6 (seis) meses. No caso do Abrigo X, conforme fala da diretora Paty, as possibilidades de retorno são praticamente nulas, tendo em vista as condições que vivem as famílias dos adolescentes. A permanência em programa de acolhimento institucional não deveria ser prolongada, mas acontece quando as famílias não superaram seus problemas, motivos que levaram ao abrigamento.

A falta de sucesso na reinserção familiar subsidia a idéia atribuída às famílias pobres ou problemáticas, como imperfeitas. Quando a família é considerada incapaz de cuidar do seu filho, pode ocorrer a estigmatização e culpabilização e a apologia da família perfeita. A idéia de família ideal deve ser eliminada dos profissionais dos abrigos. Por outro lado, quando a criança ou adolescente está adaptado, crescendo intelectualmente e psicologicamente e

principalmente feliz dentro da instituição, a reinserção pode ser mais um risco de tudo voltar “à estaca zero”. No caso do Kibutz, comunidades coletivas voluntárias israelitas, foi uma experiência de sucesso. Forçados pela necessidade de viver em comunidade desenvolveram um modo de vida que atraiu olhares do mundo. Na idéia baseada numa sociedade de voluntariado, as pessoas vivem o coletivo e a cooperação nas áreas de educação, cultura e vida social e as verbas geradas são destinadas a um fundo comum, todos recebendo um mesmo orçamento, independente da posição social que ocupe. Neste grupo auto-suficiente, a ética do trabalho coletivo exerce função essencial. Viver em coletividade tem sido a realidade de muitas destas crianças e adolescentes nos abrigos. Como no Abrigo X, os 3 (três) pares de irmãos, vivem de forma saudável em todos os aspectos possíveis. A garantia de sucesso na reinserção familiar é uma incógnita para todos os envolvidos. Considerar que a desinstitucionalização é boa, é uma questão a ser estudada com maior aprofundamento.

A decisão sobre a medida mais adequada para manter a proteção à criança e o adolescente em situação de risco, cabe ao Conselho Tutelar e à Justiça da Infância e Juventude. Quando encaminhadas para a instituição foi com objetivo da manutenção dos seus direitos num espaço para desenvolvimento com profissionais capacitados para o exercício das atividades de acompanhamento, contudo, o que é considerado ameaçador para uns, pode não ser para outros. Toda ação que coloque a criança em uma situação vulnerável é considerada uma ameaça. O que é ameaçador para uns, pode não ser para outros. Conhecendo a situação vivida pela criança e adolescente do Abrigo X dentro de sua família de origem, podemos apontar sobre o risco que poderia sofrer com a reintegração familiar.

A legislação (ECA) prevê que o abrigamento é uma medida excepcional e provisória, porém em muitos casos, a grave situação vivida no seio familiar é tão grande que se torna

suficiente para que a medida de acolhimento institucional seja utilizada. Muitas vezes é prolongada até a maior idade, para manter a integridade física e psicológica da criança e do adolescente. *“Isto ocorre nos casos de violência sexual, física, tráfico, uso abusivo de drogas e situações de negligência grave que comprometam a integridade física e emocional da criança e não possam ser solucionados imediatamente.”* Bernardi (2010, p.27).

Há uma resistência em avaliar o abrigo como uma alternativa boa e a crença de que sempre é melhor dentro do seio familiar podem colocar novamente esta criança em situação de risco.

### **Saúde mental na desconstrução**

Para Ferrari e Vecina, (2002) *“...o abrigo como uma boa alternativa de acolhimento, onde seja possível interromper uma trajetória de sofrimento, reconstruir a estabilidade da vida cotidiana e seguir o curso de seu desenvolvimento pessoal e social com outros adultos significativos que cumpram, como equivalentes, as funções parentais.”* (p. 313). Para as autoras, mesmo que o afastamento familiar seja considerado uma intervenção radical, esta medida protetiva é caracterizada como terapêutica e reparadora, devendo ser tratada como forma de romper o ciclo de reprodução da violência.

As consequências dos infortúnios vividos por crianças e adolescentes abrigados devem ser amenizadas. Há, entre tantas histórias, razões variadas, porém com pontos em comum como: abandono, mendicância e violência. O trabalho nos abrigos exige que se articulem ações de educar e cuidar, mas levando em consideração a história de vida de cada um. Cuidar significa atender todas as necessidades de proteção, segurança, saúde, educação, afeto, emoções e sentimentos, relações interpessoais e possibilitar seu desenvolvimento de forma

singular. Toda criança vem de um lar específico onde constituiu seu referencial básico, passando a ser um desafio para o abrigo reconstruir um indivíduo marcado pelo meio social em que se desenvolveu. É imprescindível que os educadores sociais respeitem a bagagem de vida para que o trabalho seja eficaz e que nunca começa do zero, pois vínculos e afetos não se apóiam apenas em vivências e experiências concretas. A bagagem da criança e do adolescente abre caminhos para reconstrução com ritmos e modos peculiares para cada um deles. As atividades grupais podem favorecer a construção de sua identidade. A criança é um ser em desenvolvimento e precisa de adultos que sugiram condições para que conheçam diferentes interações com pessoas, objetos e condições e se manifestem no mundo. Neste caso, o abrigo tem importante papel junto com seus educadores.

O abrigo não pode ser encarado como uma punição, mas um local onde irá reconstruir sua vida num ambiente estável, seguro, com pessoas responsáveis. A equipe de trabalho do Abrigo X recebeu cada criança e adolescente com cuidados eficazes que vão além das necessidades essenciais. Um aspecto importante a ser revisto é considerar que o mito de que “a família é sempre o melhor lugar”, pois a gravidade dos prejuízos das crianças que vivem no Abrigo X demonstrou que isso é realmente uma fábula. Todo ser é singular e precisa de cuidados especiais.

## Considerações Finais

Esta pesquisa objetivou descrever e analisar a relação particular do Abrigo X com os adolescentes institucionalizados, no que diz respeito à construção dos seus projetos de vida. Alguns dados importantes foram revelados durante a pesquisa, trazendo direção para o estudo: o diferencial da instituição pesquisada e o desejo da permanência na instituição por parte das crianças e adolescentes abrigados. A partir daí foi realizada uma análise da relação particular com o abrigo e a construção dos projetos de vida, principalmente os relacionados ao retorno familiar dos adolescentes institucionalizados.

Segundo Silva (2004), as crianças e adolescentes representam 34% da população brasileira, sendo que a metade é considerada pobre ou miserável. A realidade mostra que a pobreza financeira não explica com profundidade o fenômeno da violação do ECA e não explica por completo as formas de violência doméstica cometidas contra crianças e adolescentes. O abuso não ocorre somente em famílias pobres, mas classes de renda mais elevadas não estão livres da vivência de maus tratos. Entre outros fatores como perturbações psicológicas, violência doméstica, despreparo para a maternidade e/ou paternidade ou famílias que adotam educação muito rígida, porém a “pobreza aumenta a vulnerabilidade social das famílias, podendo potencializar outros fatores de risco, contribuindo para que as crianças e adolescentes mais pobres tenham mais chances de ver incluídas na sua trajetória de vida episódios de abandono, violência e negligência”. Silva (2004, p.46). Esta condição precária agrava e desencadeia outros riscos já existentes.

Partindo do pressuposto de que as preocupações, anseios, desejos, sonhos e pretensões futuras produzidos pelos discursos têm como base às vivências dos adolescentes pesquisados,

analisamos quais são os sentidos atribuídos à construção do projeto de vida. A possível relação com o cenário social atual em que vivem pode alterar completamente o futuro destes jovens, no que se refere à transformação da realidade vivida anteriormente. Para que haja uma visão de projeto de vida, levam-se em consideração as influências que receberam e principalmente as relações que estabelecem no abrigo. Freitas (1998), a inserção na comunidade tem relação com dois pólos:

De um lado, há o profissional de psicologia, com sua formação e os conhecimentos adquiridos, com os instrumentais que aprendeu e adotou como recursos para os seus trabalhos, e com a sua visão sobre o mundo e o homem. De outro, encontra-se a comunidade, os setores da população, com sua dinâmica e características próprias, inserida em um contexto sócio-político-geográfico, e vivendo em um tempo histórico determinado. (p. 2)

Há necessidade de ampliação no que se refere à forma de sentir e agir do homem no mundo, como as relações do homem e da sociedade se constroem com base em suas vivências.

Em seu artigo, Freitas salienta que:

Novamente, aqui, destaca-se uma linha diferenciadora nas práticas psicológicas em comunidade, em termos de orientações e compromissos filosófico-políticos. Esta demarcação está presente quando se fala a respeito da inserção na comunidade, visando um processo que culmine na análise de necessidades que, por sua vez, podem permitir a construção de alternativas de ação para as pessoas resistirem e enfrentarem, no seu cotidiano, as problemáticas que tentam tirá-las de uma condição de certa humanidade. Fazer isto significa falar, necessariamente, do plano da prática e da

aplicabilidade de uma profissão. Em nosso entendimento, isto implica na explicitação das nossas contribuições, para a vida das pessoas. (Freitas, 1998, p. 10).

Uma das surpresas encontradas neste estudo foi o diferencial da instituição pesquisada que abriga crianças e adolescentes numa proposta de qualidade de vida excelente. Com psicólogo, assistente social, orientação profissional, incentivo, comprometimento com tarefas escolares e caseiras, cuidados com saúde, moradia e alimentação, lazer e liberdade de ir e vir de forma tão eficaz que introduz no abrigado um forte sentimento de pertença. Os adolescentes apresentaram sentimento de segurança nos cuidados recebidos e totalmente inseridos na sociedade com projetos pré-estabelecidos para o futuro demonstrando pouco desejo de retorno ao lar de origem devido às condições que outrora viviam. O princípio da brevidade na media do abrigo passa a não ser cumprida quando deveriam retornar o mais rápido possível à sua família de origem, como previsto pelo ECA, tendo em vista a falta de condições dadas pelo Estado, a falta de suporte para a transformação familiar.

Outras questões foram reveladas pela assistente social e pela diretora do Abrigo X, que não podemos deixar de expô-las, pois tratam do futuro do abrigo. São elas: as relações com a FAS – Fundação de Assistência Social e a necessidade de mudança de endereço. Durante o processo desta pesquisa, o Abrigo X precisou mudar de endereço. Com as dificuldades encontradas com a Fundação de Ação Social (FAS), órgão público responsável pela gestão de assistência social em Curitiba, houve a necessidade de mudar de casa devido ao alto valor do aluguel e o atraso no repasse das verbas. Apesar da FAS programar políticas para proteção de pessoas em situação de risco e vulnerabilidade, houve dificuldade na continuidade no abrigo no endereço anterior, devido ao atraso no repasse das verbas, inclusive havendo problemas com atraso no pagamento do aluguel pela instituição. Sendo assim, a diretora alocou os

adolescentes, com autorização do juiz, em outro local: um apartamento com estrutura de lar, onde estão sendo cuidados com ajuda de empresários conhecidos por ela. O Abrigo X tem exercido sua função com qualidade junto ao abrigado e em contra partida os jovens demonstram a satisfação e privilégio de estar em um lugar que pode oferecer tanto por eles. Mesmo com as dificuldades financeiras encontradas pelo abrigo, ele manteve seu padrão de atendimento mesmo após rompimento com FAS buscando subsídios financeiros e apoio com empresários amigos da diretora e dela própria. É preciso refletir sobre práticas mais efetivas para iniciar uma mudança no cenário social, e neste sentido, tanto a psicologia social comunitária quanto a orientação profissional poderiam fornecer conceitos fundamentais para a prática social nos abrigos.

A relação do Abrigo X com os adolescentes abrigados parece estar além do destinado ocupando lugar respeitável na vida dos adolescentes ali abrigados. Tanto para a diretora quanto para assistente social ele não é um a instituição de acolhimento, mas uma família alternativa. O homem é um sujeito histórico-social e quando inserido em um grupo transformador, pode alterar sua existência. Os laços afetivos com seus genitores podem ser colocados em risco, tornando preocupante, porém há insuficiência de ações no atendimento às famílias dos abrigados.

Para a diretora do abrigo, há ausência de políticas públicas para crianças institucionalizadas; dificuldades no processo de retorno à família de origem. Para a assistente social, emergem as características dos projetos de vida de cada criança. Para os jovens em seus discursos, foi encontrada a categoria projetos de vida, relacionados com: atividades de lazer, gostos e profissões, permanecer no abrigo. Quanto ao retorno à família de origem, manifestou-se pouco desejo, uma vez mantida a condição que originou a perda do pátrio



poder. O fato de que frequentarem colégios particulares, shopping, cinemas, cursos profissionalizantes, boa alimentação, vestuário, transforma a realidade vivida pelos abrigados desta instituição como algo extremamente diferente das demais.

A questão do projeto de vida nos remete a uma preocupação com os jovens institucionalizados, se a questão da escolha profissional para as classes mais abastadas já é uma grande preocupação o que dizer da escolha em contextos de abrigo. Mesmo considerando que as necessidades materiais da existência estejam supridas, como a casa, o lar, o alimento ainda existem as demandas psicológicas de afeto e de relação que interferem e influenciam estes projetos. Estes jovens institucionalizados precisam que os educadores sociais e responsáveis pelas instituições de proteção à infância e à adolescência estejam atentos a outras necessidades, além das materiais. Uma das causas da institucionalização é o abandono, e esta criança tem uma visão contrária dos seus pais pelo dramático desamparo que viveu, preferindo algumas vezes, morar no abrigo a morar com sua família biológica, porém há grande desejo de adoção. Conseqüentemente, o abrigo representa uma alternativa de moradia substituta da família de origem. A proposta é que o atendimento dos educadores para com o abrigado seja individual, garantindo a singularidade da criança e do adolescente abrigado. Durante esta pesquisa, se acreditou na prática profissional dos educadores, de forma comprometida com a transformação da realidade e com a inserção do trabalho prático na comunidade. Nesse ponto de vista, algumas oportunidades podem ficar intensamente marcantes, podendo promover reflexões acerca do compromisso da Psicologia Social Comunitária. Um ponto fundamental que observamos nesta pesquisa é que há necessidade de estudos mais específicos relacionados ao desejo destas crianças em permanecer no abrigo ao de voltar ao lar de origem.

O estudo de caso mostrou que o atendimento busca a dignidade da criança, sentimento perdido pelo sujeito em situação de risco e vulnerabilidade. Os meninos do Abrigo X recebem os cuidados devidos, em contrapartida são cobrados com frequência em suas condutas, deveres na casa e escola, numa perspectiva de construtor do indivíduo, numa proposta não assistencialista, mas de acolhimento diferenciado. Este acolhimento não pode ser considerado uma punição, mas uma oportunidade de transformação num ambiente seguro com cuidados que vão além das necessidades e expectativas. O mito de que “a família é sempre o melhor lugar”, precisa ser revisto, pois a gravidade dos motivos do abrigamento vivido pelas crianças do Abrigo X demonstra o contrário. Neste caso, a real ameaça que poderiam viver seria o retorno imediato para a família de origem.

O abuso dentro da família pode ter várias causas. A relação da pobreza e a violência é um assunto a ser considerado. Os determinantes da violência podem abranger fatores socioeconômicos que geram frustração devido à fome, pobreza, desigualdades, desemprego e falta de renda.

A pesquisa aponta a necessidade de rever políticas públicas voltadas às crianças institucionalizadas, compreendendo como fundamental o apoio integral à família de origem na rede social através de políticas públicas libertadoras, considerando o princípio do melhor interesse da criança uma diretriz determinante nas relações entre pais e filhos, família, sociedade e com o Estado.

### Referência Bibliográfica

- Abib, A. A. (1984). *Psicologia na comunidade, in Lane y otros, psicologia social: o homem em movimento*. (5ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- American Psychological Association – APA (2010). *Dicionário de Psicologia da APA*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Amparo, D. M., Galvão, A. C. T., Alves, P. B., Brasil, K. T. e Koller, S. H. (2008). Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. *Estudos de Psicologia* 2008, 13(2), 165-174.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman: Livros Técnicos e Científicos (2ª ed.), Rio de Janeiro.
- Aurélio, B. H. F. (1987). *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. (11ª ed.) Rio de Janeiro:
- Bakhtin, M., 1992. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bardagi, M. P., Arteché, A. X. & Silva, N. L. (2005). *Projetos sociais com adolescentes em situação de risco: discutindo o trabalho e a orientação profissional com estratégias de intervenção*. In: Hultz, C. S. *Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção* (PP. 101-146) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70.
- Bernardi, D. C. F. (2010) *Famílias em situação de vulnerabilidade*. Cada Caso é um Caso – A voz de Crianças e Adolescentes em Situação de Abrigamento. Associação Fazendo História: NECA \_ Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, Coleção Abrigos em Movimento. São Paulo, 1 ed.

- Birman, J. (2011). *Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade*. In: Cardoso, M. R. Adolescentes (PP. 25-44). São Paulo, Escuta.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M. G. e Furtado, O. (2007) *Silvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”*. *Psicologia Social*, vol 19 no. spe2, Porto Alegre, obtido em 06 de agosto de 2013, de [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000500018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000500018&script=sci_arttext).
- Brandão, C. R. (1981) *O que é método Paulo Freire*. (1ª ed.) São Paulo: Brasiliense.
- Brasil, (1990). Lei n. 8.069, de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, obtido em 25 de março de 2013, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm).
- Brasil. (2009). *Orientações Técnicas - Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes* Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Conselho Nacional de Assistência Social.
- Camargo, D. (2004). *As Emoções & A Escola*, 1ª ed., Travessa dos Editores, Paraná.
- Camargo, D. & Bulgacov, Y. L.M. (2008). *A perspectiva estética e expressiva na escola: articulando conceitos da psicologia sócio-histórica*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 467-475, jul./set. 2, obtido em 07 de dezembro de 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a07.pdf> .
- Caregnatto, R. C. A. e Mutti, R. (2006) *Pesquisa qualitativa: Análise do discurso versus análise do conteúdo*. *Texto, Contexto Enferm*. Florianópolis, Out.-Dez. 15(4) 679-684
- Carreiro T. C., (2001). A Doença Como Projeto. Uma contribuição à análise de formas de afiliações e desafiliações sociais. *Psicologia Social - As Artimanhas da Exclusão*, 2ª Ed., Rio de Janeiro.

- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*. Ed. Vozes, São Paulo.
- Cavalcante, L. I.C, Costa Silva, S.S. e Magalhães, C.M.C.(2010) *Institucionalização e reinserção familiar de crianças e adolescentes*. Rev. Mal-Estar Subj. [online]. Vol.10, n.4, pp. 1147-1172. ISSN 1518-6148.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (1988). Dispõe sobre o conjunto de normas do governo brasileiro. Obtido em 04 de abril, 2012, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm).
- Costa D., Salcedo, E. A.B. & Lazzarini V. (2007). Acolhimento institucional no Paraná: desvendando a realidade: relatório executivo. Curitiba, SETP/CEDCA, Obtido em 04 de abril de 2012, de <http://www.cedeps.com.br/wp-content/uploads/2009/06/desvendandorealidade.pdf>
- Costa, J. M. (2007). Orientação profissional: um outro olhar. *Psicologia. USP*.18, no.4, 79-87.(out-dez).
- Cyrulnik, B. (2004). *Os Patinhos feios*. São Paulo: Martins fontes.
- Diácomo, M. J. e Dicácomo I. A. (2010). *Estatuto da criança e do adolescente anotado e interpretado*. Ministério Público do Estado do Pr. Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Criança e do Adolescente, Curitiba, obtido em 24 de junho, 2012, de [http://www.mpdft.gov.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/ECA\\_comentado.pdf](http://www.mpdft.gov.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/ECA_comentado.pdf).
- Dias, M. S. L. (2011). *O projeto de vida: sentidos do trabalho futuro*. Curitiba, PR: Editora CRV. Editora Civilização Brasileira.

- Dib, S. K. & Castro, C. R. de (2010). *O Trabalho é Projeto de Vida para Jovens?* Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 13 (1), 01-15. Obtido em 11/12/2013 de:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172010000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172010000100002&script=sci_arttext)
- Enout, R. L.J. (2005). *A legislação protetiva da infância e juventude brasileira e as políticas governamentais*. Simpósio Internacional do Adolescente, Maio 2005, obtido em 27 de agosto, 2013 de  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100011&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100011&script=sci_arttext).
- Ferrari, C.A. e Vecina, T.C.C. (2002). *O Fim do Silêncio na Violência Familiar – Teoria e Prática*. 3ª. Ed. Ed. Ágora.
- Freitas, M. F. Q. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(1), 175-189. Obtido em 08 de dezembro de 2013, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721998000100011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000100011&lng=pt&nrm=iso)
- Freitas, M. F. Q. (2012). *Intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas*. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 370-386.
- Furlani, D. D. & Bomfim, Z. Á. C. (2010, abril). Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, 22, n.1, 50-59.
- Gil, A. C. (1991). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Atlas
- Gomide, P. I. C. (1988). *A instituição e a identidade do menor infrator*. *Psicologia: ciência e profissão*, 8, n.1, pp. 20-22.

- Guará, I. M. F. R, Baptista, M. V. coord. (2006) *Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação* - Coordenação Myrian Veras Baptista, São Paulo, Instituto Camargo Correia – Coletânea Abrigar 1) obtido em 13 de março de 2014 de:  
<http://www.neca.org.br/wp-content/uploads/abrigo-miolo.pdf>
- Guará, I. M. F. R, Gonçalves, A. S. Mariocondi, M. A. Soares, M.L.P.V.S., Piacentini, M. Mello, F. A. O. P & Juliano, M.C.C (2010). *Redes de proteção social*. São Paulo: Associação Fazendo História: NECA – Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente.
- Gulassa, M. L. C. R. (2010). *Imaginar para encontrar a realidade: reflexões e propostas para trabalho com jovens nos abrigos*. São Paulo: Associação Fazendo História : NECA - Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, Coleção abrigos em movimento.
- Janczura, R. (2008). *Abrigos e políticas públicas: as contradições na efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes*. Tese de Doutorado em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre obtido em:10/12/2013 de:  
<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5123/1/000400701-Texto%2BCompleto-0.pdf>
- Lane, S. T. M. e Codo, W. (1985). *Psicologia Social. O Homem em Movimento*. (3ª Ed.) Brasiliense.
- Lane, S. T. M. e Sawaia, B. B. (orgs.), Camargo, D., Carone, I., Monteiro, L. G. M. Bnchs, M. A., Montero, M. Galano, M. H. e Friedman, S. (1995) *Novas Veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense: EDUC.

- Lazzarini, V., Costa, D. & Salcedo, E. A. B. (2007). *Acolhimento Institucional no Paraná: desvendando a realidade: relatório executivo*. Curitiba, SETP/EDCA.
- Leontiev, A. (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciências Del Hombre.
- Lucchiari, D. H. P. S., (1993). *Pensando e vivendo a orientação profissional*. São Paulo, Summus.4ª Ed.
- Marcelino, M. Q. S, Catão, M. F. F. M. & Lima, C. M. P. (2009). Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. *Psicologia: ciência e profissão*, 29, n.3, 544-557.
- Marin, I. K. (1999). *Febem, família e identidade: o lugar do outro*. São Paulo: Editora Escuta, 2ª Ed.
- Mezzomo, M. C. (2004). *Aspectos da aplicação das medidas protetivas e sócio-educativas do Estatuto da Criança e do Adolescente: teoria e prática*. Jus Navigandi. Teresina, ano 9, nº 515, 4 dez. 2004, obtido em 27 de agosto, 2013 de <http://jus.com.br/artigos/5993/aspectos-da-aplicacao-das-medidas-protetivas-e-socio-educativas-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>.
- Minayo, M. C. (1992). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro, Hucitec-Abrasco.
- Minayo, M. C. de S.(2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec. 269 p.
- Montero, M. (1994). *Construcción Y Crítica de La Psicología Social*. Autores, Textos Y Temas Psicología. Série Psicología Social. Barcelona, Ed. Anthropos.



- Montero, Maritza (1996). *La Participación: significado, alcances y límites*. Participación: ámbitos, retos y perspectiva. Caracas: Ediciones CESAP -Centro al Servicio de la Acción Popular.
- Montero, M. (2004). *Introducción a la psicología comunitaria*. Desarrollo, conceptos y procesos. Editorial Paidós. Buenos Aires. Argentina.
- Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32.
- Morin, E. M. e Aubé, C. (2009). *Psicologia e Gestão*. Editora Atlas, São Paulo.
- Oliveira, S. V. & Prochno, C. C. S. C. A (2010). Vinculação afetiva para crianças institucionalizadas à espera de adoção. *Psicologia: ciência e profissão*, 30, n.1, 62-84.
- Orientações Técnicas: Serviço de Acolhimento para crianças e adolescentes (2009). Orientações do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e do Conselho Nacional de Assistência Social. Obtido em 04 de abril de 2012, de [http://www.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/associal/arquivos/orientacoes\\_tecnicas\\_crianca\\_adolescente.pdf](http://www.amavi.org.br/sistemas/pagina/setores/associal/arquivos/orientacoes_tecnicas_crianca_adolescente.pdf).
- Perez, J. R. R. e Passone, E. F. (2010). *Políticas sociais de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil*. Cadernos de Pesquisa, v.40, n.140, maio/ago. Obtido em 27 de junho de 2013 de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1740140.pdf>.
- Pino, A. (1990). *Direitos e realidade social da criança no Brasil. A propósito do "Estatuto da Criança e do Adolescente"*. Revista Educação & Sociedade, ano XI, n.36, p.61-79.
- Poupart, J., Deslauriers, J. P., Groulx, L. H., Lapperrière, A., Mayer, R. e Pires, A. (2008). *A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Trad. Ana Cristina Nasser – Vozes, Petrópolis, RJ.

- Prada, C. G., Williams, L. C. de A. e Weber, L. N. D. (2007). *Abrigos para crianças vítimas de violência doméstica: funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. Psicologia teórica e prática*, São Paulo, v. 9, n. 2.
- Resolução n. 109 de 11 de Novembro de 2009, Publicada no Diário Oficial da União em 25 de Novembro de 2009. (2009). Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Obtido em 04 de abril de 2012, de <http://www.mds.gov.br/aceso-a-informacao/legislacao/assistenciasocial/resolucoes/2009/Resolucao%20CNAS%20no%20109-%20de%2011%20de%20novembro%20de%202009.pdf/view>.
- Rey, G. L.F. (2002) Pesquisa qualitativa em psicologia. Caminhos e desafios. São Paulo: Thomson, Pioneira.
- Rizzini, I. e Rizzini, I. (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- Romanelli, B. M. B. (2013). *O que é feito dos jovens? Dimensões psicossociais e educativas no processo de acolhimento institucional*, Tese de Doutorado, Curitiba, obtido em 12 de janeiro de 2014 de [http://www.ppge.ufpr.br/teses/D13\\_Berenice%20Romanelli\\_tese\\_%20UFPR%202013.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses/D13_Berenice%20Romanelli_tese_%20UFPR%202013.pdf)
- Saraiva, J. B. C. (2003). *Adolescente em conflito com a lei. Da indiferença à proteção integral*. Porto Alegre: Livraria do advogado.
- Sawaia, B. B. (2001). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social* (3<sup>a</sup>. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

- Silva, E. R. A. (2004). *O direito à convivência familiar e comunitária: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil*. Brasília: IPEA. CONANDA – Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.
- Soares, D. H.P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Soares, Dulce Helena Penna (1987). *O Jovem e a escolha profissional*, Porto Alegre, Mercado Aberto.
- Souza, K. K. de & Paravidini, J. L. L. (2011). Vínculos entre crianças em situação de acolhimento institucional e visitantes da instituição. *Psicologia: ciência e profissão*, 31, n.3, 536-553.
- Yin, R.K. (2005). *Estudo de caso. Planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre. Bookman.
- Zandoná, N. L.F. (2005). *O Espaço do Contrapoder: O Acesso à Universidade Pública e o Perfil Socioeconômico Educacional dos Candidatos ao Vestibular da UFPR* - Tese de Doutorado em Educação, Obtido em 28 de novembro de 2013, de <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1190/1/tese.pdf>.

**Anexo I - TCLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

A Instituição de Abrigo X, na cidade de Curitiba/Paraná, está convidada a participar de um estudo que tem por objetivo avaliar o os projetos de vida de adolescentes institucionalizados de autoria de Rosana Soldi Briski da Silva. Observou-se a necessidade de realização de uma entrevista piloto para auxiliar no conhecimento do campo a ser pesquisado, bem como na formulação de questões relativas ao tema e aumentar familiaridade da pesquisadora com as crianças institucionalizadas.

Em uma segunda etapa da coleta de dados serão entrevistados os 6 (seis) adolescentes da instituição, até que as entrevistas comecem a se repetir ou não tragam novos dados que sejam relevantes para a pesquisa. Serão considerados para entrevista adolescentes de ambos os sexos com idade entre 12 a 18 anos, que se disponham voluntariamente a participar da pesquisa. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado pelo responsável da Instituição, que legalmente se torna o tutor destes adolescentes.

Será utilizada a entrevista semiestruturada, onde o investigador tem uma lista de questões ou tópicos para serem preenchidos ou respondidos. As questões são flexíveis não necessitando seguir a ordem prevista no guia e poderão ser formuladas novas questões no decorrer da entrevista. Serão abordados os temas sobre projeto de vida, profissão, futuro, história autobiográfica, com duração livre, gravadas e posteriormente serão transcritas para análise.

Como procedimento de análise, buscaremos as categorias teóricas: projeto de vida, história autobiográfica, futuro, profissão no que os dados nos revelarem empiricamente. Após

buscar profundidade no assunto, serão analisadas as opiniões, atitudes e todas as variáveis importantes que surgirem durante as entrevistas com interpretação dos fenômenos.

A responsável pela pesquisa é a Mestranda da Universidade Tuiuti do Paraná, tendo como orientadora a Profa. Dra. Maria Sara de Lima Dias.

Para podermos realizar a Pesquisa sobre Adolescentes Institucionalizados precisamos de sua colaboração autorizando a coleta de dados nesta Instituição, que poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem que isto lhe acarrete qualquer tipo de prejuízo.

Garantimos o total sigilo aos dados aqui obtidos assegurando que o tratamento dos mesmos será realizado dentro dos princípios éticos que regem os procedimentos em pesquisa. Qualquer publicação, tanto oral como escrita, informará o apoio recebido pela Instituição.

Antecipadamente agradecemos a sua valorosa colaboração que contribuirá para o desenvolvimento do conhecimento nesta área e sem a qual este estudo não poderia ser realizado.

Eu, Patrícia Faro, autorizo a coleta de dados desta pesquisa e compreendo que poderei interromper a minha autorização a qualquer momento.

---

Diretora do Abrigo X

## Anexo II – Autorização de pesquisa

## CARTA PARA SOLICITAR PERMISSÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Responsável pela Instituição:

Assunto: Solicita autorização para realização de Pesquisa

Prezado Senhor

Vimos por meio desta, solicitar permissão para realizar a pesquisa intitulada Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO” que tem por objetivo descrever e analisar os projetos de vida de adolescentes institucionalizados. O responsável pela pesquisa é a aluna do Mestrado em Psicologia Social Comunitária da Universidade Tuiuti do Paraná, Rosana Soldi Briski da Silva e sua orientadora Professora Doutora Maria Sara de Lima Dias.

Observou-se a necessidade de realização de uma entrevista piloto para auxiliar no conhecimento do campo a ser pesquisado, bem como na formulação de questões relativas ao tema e aumentar familiaridade da pesquisadora com as crianças institucionalizadas.

Em uma segunda etapa da coleta de dados serão entrevistados 6 adolescentes até que as entrevistas comecem a se repetir ou não tragam novos dados que sejam relevantes para a pesquisa. Serão considerados para entrevista adolescentes de ambos os sexos com idade entre 12 a 18 anos, que se disponham voluntariamente a participar da pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado pelo responsável da Instituição, que legalmente se torna o tutor destes adolescentes.

Será utilizada a entrevista semiestruturada, onde o investigador tem uma lista de questões ou tópicos para serem preenchidos ou respondidos. As questões são flexíveis e não necessita seguir a ordem prevista no guia e poderão ser formuladas novas questões no decorrer da entrevista. Serão abordados os temas sobre projeto de vida, profissão, futuro, história autobiográfica, com duração livre, gravadas e posteriormente serão transcritas para análise.

Como procedimento de análise, buscaremos as categorias teóricas: projeto de vida, história autobiográfica, futuro, profissão no que os dados nos revelarem empiricamente. Após buscar profundidade no assunto, serão analisadas as opiniões, atitudes e todas as variáveis importantes que surgirem durante as entrevistas com interpretação dos fenômenos.

Após a conclusão da pesquisa nos comprometemos a informar para a Instituição os resultados obtidos e garantimos o total sigilo no que se refere a manter em anonimato os nomes e identidades dos participantes. Agradecemos sua valiosa colaboração, sem a qual não seria possível a realização da pesquisa.

"Declaro ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de sua corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar".

Assinatura do responsável pela instituição (RG)

**Anexo III – Apresentação do orientador**

Mestrado em Psicologia

Psicologia Social Comunitária

**CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ORIENTADOR**

Curitiba, 18 de junho de 2012.

Senhores,

Em cumprimento ao que dispõe as Normas dessa Instituição, cumpre-nos apresentar a mestranda Rosana Soldi Briski da Silva, regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Psicologia Social Comunitária da Universidade Tuiuti do Paraná.

Informamos que a aluna desempenhará atividades relativas ao Projeto de Pesquisa:  
Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO” contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento nesta área.

Em vista disso, comprometo-me a orientá-la nas referidas atividades.

Atenciosamente,

---

Profa. Dra. Maria Sara de Lima Dias

Orientadora



## **Anexo IV - Entrevistas**

### **Entrevistas dos Adolescentes Abrigados**

Entrevistado: **Adão**

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação: A1 - **Adão – 14 anos** - Local: Abrigo X

Dia: 04/02/2013

Hora Início: 16h

Duração: 6 minutos

1. Qual o seu **projeto futuro de vida**?

Eu pretendo ser jogador de futebol.

2. Já **planejou** como fazê-lo?

Treinando, sei lá. Eu faço escolinha na minha escola. Eu estudo no Anjo da Guarda.

Eu estudo lá também.

3. Em seu projeto de vida, qual seria sua **profissão**?

Jogador de futebol.

4. Conte um pouco sobre sua **história de vida, sua família, escola, estudos, o que gosta de fazer e profissão que pretende para o futuro.**

Tá... é... Eu morava com minha mãe antes, meu pai morreu quando eu nasci. Eu tinha uns dois anos de idade, eu só tenho uma foto dele. Minha mãe não tem, acho.

Daí tipo, a minha mãe mora no Tatuquara. Eu tenho dois irmãos e duas irmãs. O nome dos irmãos é Bruno e ZAK e das irmãs é C. e M. Ed., daí... Ah! Eu ficava fugindo de casa, que tipo, eu ficava com fome, assim, sei lá, porque que eu... eu fugia, daí eu ia pedir dinheiro, daí a gente comprava as coisas, eu e meus irmãos, daí a gente comia. Eu e meus irmãos. Os dois irmãos estão aqui, uma irmã está com a mãe e outra com o pai. Eu estou na 8ª (série), quando a gente chega aqui tem que voltar um ano obrigatoriamente. Daí, eu gosto de estudar matemática e de jogar futebol. Tá, tipo quando eu fugia de casa eu ia pro sinaleiro pedir dinheiro, daí eu ficava brincando na rua, às vezes, tinha vezes que eu dormia na rua também, eu e meus irmãos. Tinha vezes que a gente ia dormir no abrigo. Para dormir só, depois saía. Daí, tinha vezes que não deixavam a gente sair, a gente fugia. Foi difícil a minha infância. **(O que te motivava a ir para rua?)** O Bruno, meu irmão mais velho. Às vezes eu brincava com as crianças que estavam na rua também, ou com os vizinhos que tinha lá, a gente ficava soltando pipa, às vezes jogava bola também. E daí tinha uns cara que ficavam roubando a gente lá, que eram mais velhos. Daí eles chegavam e roubavam a gente. **(E agora, como tem sido sua vida aqui?)** Está melhor. Estou fazendo natação, já sei nadar também. Já aprendi. Estou fazendo psicóloga. Daí eu vou pra escola, antes eu ficava gajeando aula. Aí... Tá, essas pessoas que eu conheci aqui, elas... Eu me adaptei bem aqui. Elas são bem legais, aqui dá pra brincar com eles, que eles são todos da minha idade quase, daí tipo, pra conversar o que a gente quiser, dá pra brincar do que a gente quiser e... Tem que fazer a louça às vezes, tipo tem uma escala de cada um faz uma vez na semana, daí tem faxina pra fazer no sábado que a gente tem que limpar toda casa, cada um tem uma coisa pra fazer, eu tenho que limpar a mesa

por baixo, levar os lixos e ajudar aqui dentro também... E tem que estudar a tarde até às seis horas, tem que chegar do colégio e fazer todas as lições. Tá é... Eu prefiro ficar aqui que ela... Antigamente não tinha ninguém pra cuidar, minha mãe saía pra trabalhar o dia inteiro a gente ficava sozinho... e... e... Pra mim agora está melhor. Só que eu sinto falta de ficar com minha família toda reunida, que eu só posso visitar minha mãe às vezes e é difícil ela levar minha irmãzinha que está com ela. A gente se encontra num parque lá, não sei o nome... Daí... É isso.

Entrevistado: **Beto**

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação: A2 - **Beto** - **11 anos** Local: Abrigo X

Dia: 04/02/2013 Hora Início: 16h07 Duração: 5' 38”

1. Qual o seu **projeto futuro de vida**?

Advogado. Policial...

2. Já **planejou** como fazê-lo?

Não sei... Estudar... e... e... e... e só.

3. Em seu projeto de vida, qual seria sua **profissão**?

Advogado.

4. Conte um pouco sobre sua **história de vida, sua família, escola, estudos, o que gosta de fazer e profissão que pretende para o futuro.**

Lembro que, que... Eu tava em Curitiba, daí a gente tava morando numa casa lá, daí a minha mãe começou a usar drogas, daí meu pai também, daí a gente mudou pra Santa Catarina, daí a tia J foi buscar a gente, daí a gente veio pra cá. Acho que faz dois anos. **(Como era a vida antes, com sua família)** Antes era legal, daí foi virando chato. **(Depois do uso das drogas?)** É. Eu brincava com meus primos e com meu irmão, daí a gente mudou e eu só brincava com o Leo. **(E quando você veio pra cá, como foi?)** Foi legal, daí eles me trataram

bem. Daí eu brinquei com eles também. Eu estudo, eu jogo bolo, vou pra natação e brinco também. Assisto TV. Às vezes tem escala na louça que eu to daí... Eu faço. **(Como é o seu relacionamento com os meninos que estão aqui, você está sozinho ou tem irmãos?)** Eu tenho o Leo, meu irmão. Eu tinha mais dois, só que eles saíram que fizeram dezoito. Um está com a tia J e outro ta com a... Outro não sei acho que ta morando no apartamento. **(Você tem contato com a família?)** Ahum... Tipo, vai visitar ela num parque lá, e... E nos sábados, mas agora não está tendo porque que a gente foi lá na casa da tia passar o natal e ano novo e viu ela lá. Eu preferia estar aqui e que... ou senão lá, se minha mãe não usasse drogas. Porque aqui é melhor também às vezes. Lá é chato às vezes, aqui também. **(Sobre uso de drogas)** A minha mãe está, mas meu pai não sei. Estou com 11 anos, **(Sobre escola)** na 4ª série, às vezes é chato estudar. As notas por enquanto são boas. A disciplina que mais gosto é artes. **(O que o motivou ser advogado?)** Porque acho legal, porque eu vejo na TV. Nunca conheci um. **(Você sente falta do convívio com a família?)** Não.

Entrevistado: **Carlos**

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação: A3 - **Carlos – 16 anos**      Local: Abrigo X

Dia: 24/02/2013      Hora Início: 16h30      Duração: 6’45”

1. Qual o seu **projeto futuro de vida**?

Eu por enquanto não tenho. Eu até comecei a conversar com a minha psicóloga esses dias, que... Como eu entrei no ensino médio este ano, ela disse que a gente ia começar a pensar juntos sobre o que eu ia querer trabalhar, sobre como que ia ser se eu fosse pra casa da minha mãe, a gente começou a falar isso no atendimento anterior. Tipo querer assim tem várias que eu quero. Já pensei em ser ator, assim, que eu gosto muito de atuar. Eu faço aula de teatro também. Uma coisa que eu quero muito é ser ator. Só que tipo, me falam que eu tenho que estudar muito pra chegar lá... Aí eu tenho que aproveitar que estou numa escola boa pra poder estudar pra que tipo... Sabe, quando eu sair daqui eu possa procurar algum lugar pra eu fazer teatro como profissão, ou sei lá.

2. Já **planejou** como fazê-lo?

Ainda não.

3. Em seu projeto de vida, qual seria sua **profissão**?

Eu quero ser ator.

4. Conte um pouco sobre sua **história de vida, sua família, escola, estudos, o que gosta de fazer e profissão que pretende para o futuro.**

Quando eu morava com a minha mãe... Não lembro muito, que quando eu saí da minha mãe eu tinha 8 anos de idade. E desde lá eu não moro mais com ela. Aí eu não lembro mais o que acontecia lá. Tipo eu não sei dizer o que acontecia. Eu acho que tudo o que acontecia. Já... Eu não consigo me lembrar do que era, muito bem. Daí eu não tenho nada pra falar quando as pessoas perguntam sobre isso. Mas que eu me lembro era bem difícil mesmo. **(O motivo por que você está aqui, não se lembra?)** Ah!, eu to aqui porque minha mãe usava drogas. Aí uma vizinha da nossa casa disse para o Conselho Tutelar e aí o Conselho Tutelar foi lá na nossa casa e viu que a gente tava sem mãe e sem pai e aí pegaram a gente. Antes daqui eu passei por vários lugares. Fui pra SOMA, só que a SOMA faliu. Aí eu voltei a morar com a minha mãe. Aí depois eu voltei pra Curitiba com a minha mãe e o... a juíza disse que não era pra ficar com ela. Aí me mandaram para uma outra casa de abrigo. Aí a Paty me encontrou e me trouxe pra cá. Vai fazer 5 anos que estou aqui. Estou no primeiro ano do ensino médio. Gosto da escola. É bem legal aqui, apesar de que os meninos me provocam de vez em quando, mas eu sei que é brincadeira, sabe. Mas é bem legal aqui. Única coisa dos educadores mesmo, que não gosto muito, que eles pegam muito no pé da gente. A gente não pode falar nada se quando eles brigam com a gente, porque se a gente falar acaba perdendo a razão. Aí nunca tem nada pra falar, se a gente falar pode até levar um castigo maior. Ah! Pro meu futuro com família, eu penso em ter os meus filhos e cuidar deles do mesmo jeito que estão cuidando de mim. Com escola, psicólogo, psiquiatra, essas coisas... Porque eu acho que toda pessoa precisa de um bom psicólogo assim. Mais pra ajudar nos problemas familiares e na escola também. Sempre quando eu estou com problema lá na escola ou aqui em casa, eu sempre falo com minha

psicóloga e ela me ajuda. Aí eu gostaria de fazer assim com meus filhos. Por eles em escola particular, dar o melhor ensino também. Lá... Quando eu morava com a minha mãe, eu lembro que eu não ia muito na aula. Eu faltava, tanto que eu reprovei duas vezes a primeira série por causa de falta e aqui não, aqui eu tenho que ir pra escola todos os dias e não pode faltar. A não ser se estiver muito doente mesmo. Tipo, se você tiver com dor de cabeça você não pode faltar mesmo assim. E também lá eu não me alimentava direito e aqui eu me alimento melhor. Aqui eu posso estudar e lá eu não estudava. Lá eu não sabia como era o mundo, não sabia muitas coisas assim... Tipo, até falar errado eu falava, mas agora eu não falo muito errado assim, que a Paty sempre corrige o nosso português quando a gente fala errado. E aí, agora já é bem melhor porque na escola eu vejo que muita gente fala errado... Aí tipo, eu fico pensando, nossa eu também falava errado que nem eles, só que agora eu não falo mais errado, tipo, português errado, assim sabe? E muita gente fala e tipo... E eu fico vendo. E tipo, acho um absurdo isso, tipo... Sendo que eu também falava errado. (Sobre o convívio com a família) Eu vou. Todo natal e ano novo eu passo com minha mãe. Até nesse aqui que eu tava agora eu fui pra lá, aí eu... Primeiro fui eu e depois meu irmão foi, porque ele está trabalhando agora, daí eu fui, fiquei lá uma semana, acho, com minha mãe. Aí depois meu irmão foi, e é bem legal, tipo, a gente sempre conversa do que eu fazia antes, do que eu falava, como eu agia antes, porque ela sempre tem as histórias que as mães contam assim... \_Ah! Você quando era pequeno fazia isso! Isso e aquilo! E ela sempre conta, aí tipo, eu fico imaginando e acho muito legal. Ela mostra fotos também. A gente assiste televisão juntos. Daí é bem legal, assim.



Entrevistado: **Leo**

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação: A4 - **Leo – 13 anos** Local: Abrigo X

Dia: 18/09/2013 Hora Início: 14h Duração: 7’59”

1. Você sabe o que é projeto de vida não é? Que eu já estava conversando contigo. Você tem algum projeto de vida para você? Qual é o seu projeto de vida? O que você pretende ser no futuro ou fazer no futuro, como profissão, ou como família, ou como trabalho, faculdade, alguma coisa assim, você tem algo disso em mente?

Eu não penso nisso.

2. Não pensa? Não tem nenhuma idéia assim sobre o que ser, quando crescer?

Eu quero, eu acho, que eu quero ser médico. Que ganha bastante dinheiro.

3. O que levou você a pensar em ser médico?

Que ganha bastante dinheiro! E que a Paty falou, que eu, se eu, se e eu for pra faculdade ela vai pagar né, para eu estudar para eu ser médico.

4. Bacana, e já planejou como fazer isso, tem olhado livros ou buscado na internet sobre alguns assuntos de medicina, você tem feito alguma coisa sobre isso?

Não. (acanhado)

5. Sobre a tua história de vida, sua família, escola, os seus estudos, o que você gosta de fazer, você podia falar um pouquinho sobre a tua vinda pra cá, como foi o seu passado como, tem sido seu presente?

Do meu passado? (É sim, como você veio parar na instituição?)

Eu vim parar na instituição, porque... minha mãe e meu pai usavam drogas... e daí a gente foi pra Santa Catarina e eles continuaram usando e daí a tia J. foi lá buscar a gente. (Você pode falar mais sobre isto, como foi sua história se era bom viver em família, se era bom ou não) Antes era legal, quando eles não usavam drogas, só que daí quando meu pai foi preso, daí a minha mãe começou a usar droga (Na época você estudava?) (demorou pra responder) Quase nada, eu só, eu fui 3 vezes pra escola eu acho (quantos anos você tinha?) Nove (9 anos? E quando você veio para o abrigo, como que foi?) Ah foi legal, porque meus irmãos já estavam aqui, há um tempo. (Você veio depois?) Eu e o meu outro irmão. (Quando você era criança, você tinha alguma pretensão assim do futuro do que gostaria de ser, já tinha isso em mente? sobre ser médico?) Não porque antes só pensava em brincar... É só agora que estou eu começando pensar nisso, porque também não penso muito (E sobre a vida aqui no abrigo, como que ela é, você gosta de estar aqui?) Eu gosto (voz rouca) só que eu preferia ficar com minha mãe se ela não usasse droga (Você lembra de mais alguma coisa que queira contar?) Ufff! (não falou nada). (Coisas que você gosta de fazer...) Eu gosto de jogar vídeo game e ler gibí (E matérias na escola que você gosta?) É Educação Física e História. (Você tira boas notas?) Hum... mais ou menos (sorriu com vergonha) (Mas nestas duas tira? mais ou menos?) Não, história não sou muito bom (Mas gosta de história?) Não respondeu. (Deixa eu ver o que mais... Se você tivesse que fazer algo hoje que pudesse mudar sua vida assim o que você faria?) Pudesse mudar minha vida? (Se você tivesse uma oportunidade, um curso,

alguma coisa assim você queria fazer?) Acho que sim, mas como assim eu não entendi? (Se você tivesse uma oportunidade de fazer um curso, é que pudesse te trazer uma chance, uma profissão, algo que você pudesse no futuro, ser alguém que você planeja hoje, você faria um curso assim?) Eu faria, eu acho (insegurança na resposta) (Sobre a sua família você lembra de mais alguma coisa? Seus pais, como era sua vida neste tempo, o que você brincava?) Eu brincava com meus primos de esconde e esconde e pega-pega. (E seus pais, eles brigavam entre si, eles te tratavam bem?) Antes eles me tratavam bem e depois quando começaram a usar droga eles começaram a brigar e me batiam (baixou tom de voz) (O que você considera, a época em que você tava morando na sua casa era melhor ou era pior do que estar aqui?) Era pior (Sua casa era pior que aqui?) (E você tem intenção de voltar pra casa ou pensa diferente?) Que eu queria voltar pra casa dos meus tios, porque eles são bem legais (E daí... com os pais não? Resposta: Não falou nada.)

Entrevistado: **Will**

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação A5 – **Will – 18 anos** Local: Abrigo X

Dia: 19/09/2013 Hora Início: 20h55 Duração: 10’ 59”

1. WILL, você tem algum projeto de vida para seu futuro?

Ah! Eu tenho tipo, eu tinha uns dois mais ou menos que era começar tipo, eu queria era fazer luta. Só que daí, a Paty não deixou, mas ela disse que eu seria um cara muito violento. E também Futebol Americano, só que daí a Paty falou que eu deveria ter começado faz tempo, desde que quando eu era pequeno. E agora estou trabalhando na J. M. mas eu não sei se quero continuar nessa área.

2. Você pensa em fazer algo mais para o futuro?

Hum hum!

3. E o que você pensa em fazer no futuro? Você tem alguma noção do que te atrai?

Bem o que me atrai assim é tipo, ai eu queria fazer engenharia mecânica, mas agora não se eu quero isso, é porque lá na escola foi um pessoal de professores de futebol americano, daí eles me convidaram pra participar, só que se eu começar agora, daí vai atrapalhar nos meus estudos.

4. Então se você fosse hoje escolher uma profissão você não saberia qual?

Não

5. Você pode contar um pouco sobre a história da sua vida, da sua família, escola, estudos, do que você gosta de fazer, falar um pouco sobre você, sobre a tua história desde pequeno como que foi?

Ai desde pequeno, eu não tenho muitas lembranças assim da minha mãe quando eu era pequeno, é porque... Ela vendia droga e fumava também, e às vezes meu pai pegava a gente pra ir catar papelão. Eu só me lembro dele estar com meus dois irmãos, com a M. e Carlos, meu pai daí catando papelão, andando na rua e daí a gente ia pra casa de abrigo daí, essa não é a minha primeira casa de abrigo, essa já é acho que a terceira, casa de abrigo que eu estou. A primeira foi o Pequeno Cidadão, a segunda foi a SOMA que já fechou a terceira uma, uma ONG. (Certo e quando do você veio pra cá, você tinha quantos anos? 13 anos. (E como que foi sua chegada aqui, você se adaptou conheceu novas pessoas, como que foi, ficou melhor que antes ou pior?) Ai em alguns aspectos ficou melhor, em outros não. (Quais?) (Confusão na resposta....) Ah! Tipo, divers...(diversão), na escola foi melhor, tipo lugar, não lugar (barulho não deu para entender) Acho que mais na escola daí no esporte natação que a gente, que eu fazia antes, que a V. pagava pra gente, estes dois aspectos. Quando você não estava na instituição como que era ir pra escola?) Ah não ia pra escola, só ia de vez em quando... É que assim: eu, Carlos e Miriam ficava junto, daí um queria ir pra um lado outro, queria ir pro outro e meu pai falava assim: \_Não! Vamos todo mundo pra um lado! Ou a gente ia pra escola ou ia catar papel com nosso pai. Daí nós ia catar papel com nosso pai. (O que você gosta de fazer?) Ah eu gosto de jogar jogo de... (referiu-se a um jogo de vídeo-game)... Só que

escondido da Paty, é que ela disse que eu daí vou ser um cara violento (sorriu). Essas coisas assim, mas eu não sou um cara violento. É... Lá na escola... eu não nunca briguei lá na escola, olha que já me intimaram pra brigar várias vezes, lá na escola. Ah! É que assim, eu sempre fui o maior na turma, que como eu já entrei atrasado já na escola, já que eu não ia, então daí eu sempre fui o maior da turma, daí eu tinha, daí outras pessoas de outra turma, daí vinham me intimidar daí, é porque que a minha turma falava que eu era fortão, batia em todo mundo. Daí os caras queriam descobrir se isso era verdade ou não. Daí eles vinham me intimidar. Só que eu não brigava na escola, não! (E assim você, o que você pretende quando sair daqui?) Ai, ai não sei não (incertezas) (Nem intenção assim, o que passa na sua cabeça?) Por enquanto não vem nada. (Não pensa em profissão, em família, casamento?) Ah! Não, casamento não! Sou muito novo ainda. (Não Ainda é mas quando sair daqui) É... não, mas casamento lá pelos 39, 40 (sorriu). Ah! Eu penso quando eu sair daqui, acho que morar sozinho. Daí se não der certo, morar com minha mãe. Estou no primeiro ano do segundo grau, ensino médio. (Tem mais alguma coisa assim que você lembra-se de contar de sua infância?) Ah! Da minha infância é que, né. Ah! Poucas vezes de que minha mãe ter me pego tipo na minha infância mal lembro dela brincar comigo quando eu era pequeno lembro só do meu pai, só. A Paty não vai ouvir esta conversa né? (preocupação) (Não! Você não planejou nada pra quando sair daqui?) Ah tentar morar sozinho só, só isso por enquanto, ah e continuar no meu emprego lá. (Você falou que não está gostando de lá? Ou que você pretendia?) É que assim, nessa área eu já aprendi tudo já, não tudo, na parte que eu estou, já aprendi já... Ultimamente eu já to fazendo sempre as mesmas coisas, (voz desanimada) é me dão serviço eu já resolvo já. É que antes eu era mais... (não deu para entender a gravação). Demorava pra resolver. (O que você faz lá?) Ah eu desmonto painel dos carros, alternador, motor de partida, tiro a bateria, é... Tipo agora,

esqueci o nome. Ah! Sabe a água que vai dentro da bateria? Tipo, eu cuido que água, é que não é água da torneira que vai na bateria, outro tipo de água, daí eu cuido desta parte aí também. (Você falou em Engenharia Mecânica é? Muito bom). É que desde pequeno sempre gostei de carro, estas coisas, eu sei mexer mais ou menos na parte mecânica do carro, daí eu queria construir, tipo, um carro assim mesmo, por isso que queria fazer engenharia mecânica. (Muito bom. Então você tem alguma coisa assim em mente, você tem um desejo, uma tendência). Ah! Eu tenho, tenho várias, as duas mais que eu queria ser é jogador de futebol e engenheiro mecânico. (Com relação ao financeiro o que te traria mais lucro seria fazer Engenharia Mecânica, né? que com o futebol são poucas pessoas que conseguem...) Não, mas aqui eu ia ser, aqui é fraco Futebol Americano, eu ia pra lá nos Estados Unidos. (Hum! novo projeto de vida, ir para Estados Unidos, você viu como você tem um projetos de vida?) Não... Só que daí se for futebol americano.

Entrevistado: **Zak**

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação **A6 – ZAK - 14 anos** Local: Abrigo X

Dia: 19/19/2013

Hora Início: 21h08

Duração: 6’10”

1. ZAK você tem algum **projeto de vida** para seu **futuro**?

Eu quero ser jogador de futebol!

2. Jogador de futebol e você já **planejou** como fazer isso?

Eu pensei em entrar numa escolinha primeiro, daí eu vou em algum jogo, alguém pode me ver e gostar de mim. (Humhum, você já fez escolinha?) Eu faço escolinha. (Ah você faz?) Só que no colégio só. Em dois colégios. (Então se você tem esta intenção, no futuro você pretende ser jogador de futebol?) Huhum! (Já passou em sua cabeça em outra profissão também?) Engenheiro mecânico (Por que engenharia mecânica?) Não sei, porque gosto de carro. (Já mexeu alguma vez?) Não, tsã-tsã (estralando a língua).

3. Se eu perguntasse pra você sobre a sua história de vida o que você teria pra me contar, seu passado, como que era na família na escola, nos seus estudos o que você gostava de fazer como que é hoje?

É antigamente eu apanhava muito, porque tipo, meu irmão mais velho, ele levava a gente para alguns lugares, tipo pedir dinheiro estes negócios, daí quando a gente chegava em casa, minha mãe batia na gente. Daí um dia a gente, eu e meu irmão, meus dois irmãos, a



gente tava na rua lá e a gente tava passando frio, daí a gente foi no conselho, daí a gente pediu pra morar em alguma instituição, daí a gente veio pra cá. (Veio direto para o Abrigo X?) Primeiro a gente foi para o conse... Não lembro do nome. (Foi alguma instituição antes?) Só que era só de passagem, daí a Paty escolheu a gente. (E você ia pra escola aquela época?) Não, eu tinha que ir, mas eu matava aula. (O que você fazia ao invés de ir pra aula?) Ham, eu ficava brincando com meus amigos (sorriu) (Conta mais sobre isto) Tipo? (Como que era?) Era ruim porque tinha que apanhar todo dia, minha mãe se prostituía e aí (demorou pra contar) a gente roubava (demonstrou constrangimento) (Aí era mais difícil na vida, era ruim?) Ham ham! (E sobre a escola você passava de ano assim facilmente ou não?) Não eu ia pra aula só quando tinha prova, daí porque era “facinho” estudar lá, tipo só caía coisa fácil daí eu ia bem. (Ah daí você passava de ano, não reprovava por falta, cuidava das faltas) (diz não estralando a língua). (E o que você gostava naquela época?) Nada! (Nada em especial? Naquela época já pensava em profissão) Não, eu nem sabia jogar bola, aprendi quando vim pra cá. (Quantos anos tinha?) 10, acho (E hoje, como é tua vida aqui?) É bem melhor, tipo a gente tem horário de estudo, daí a gente tem horário de lazer, tem TV, tem vídeo game, computador, e sei lá é bem melhor. (Hum hum! E com relação à escola como você vai?) Eu vou... Ah! Eu vou bem! (E como que está no colégio?) Ah! Eu reprovei 1 ano. É faz 2 anos que eu reprovei aqui, que tipo, eu não sabia nada, daí eu mudei de colégio e agora estou estudando bastante, me empenho. (Que colégio você vai?) É Madre Anatólia. (E lá alguém já falou sobre profissão, sobre o futuro?) Não, mas é bem legal lá tenho um montão de amigos. (Tem amigos... Quando você sair daqui o que pretende para seu futuro?) Eu quero ajudar minha família. (Você pretende voltar pra família?) Haham! (E quando você voltar você vai ter uma profissão, vai estar trabalhando, já sabe mais o menos em que você quer fazer nesse

caminhar pra trabalhar?) Ah! Eu não sei, mas tipo, se eu não conseguir ser jogador, daí vou me esforçar pra ser engenheiro mecânico. Daí eu vou guardar dinheiro, daí eu vou casar lá tudo, daí não... já vou ter ajudado minha família, lógico, a ter uma casa e daí vou ter minha família. (Legal! Você lembra-se de mais alguma coisa pra falar sobre sua história, do que você pretende para o futuro?) Só isso.

**Entrevistado:** Diretora do Abrigo X– Paty

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Entrevista realizada em: 21/09/2012

**1. Como surgiu a idéia de criar o abrigo, como foi o processo de fundação e como funciona o Abrigo X?**

A gente não usa mais o termo abrigo, hoje a gente usa instituição de acolhimento. Eu sou de São Paulo e vim morar aqui porque meu marido veio trabalhar. Me filho entrou na escola no Anjo da Guarda na terceira série e como curitibano é uma pessoa muito difícil de se relacionar. É que ele ficou amigo: um outro cara que entrou junto com ele que se chama Luisinho. Então, o meu filho Caio, era grudado no Luisinho, os dois estudavam no Anjo da Guarda. Um dia, convidando ele para ir no McDonald com a gente, ele disse: Ah! Liga pra minha mãe! Eu liguei lá e a mulher falou assim: você não sabe o que é uma instituição.

Não! Ah! Eu sou a mãe social. Então o Luisinho morava numa associação chamada Casa do Pai. Ele se tornou o melhor amigo do meu filho. Com o tempo eu fiquei voluntária da instituição no que diz respeito ao Luisinho. Eu fiquei responsável em levá-lo para psicólogo. Eu levava, esperava ele e trazia de volta. E aos poucos eu fui pegando outras atribuições e fiquei responsável por tudo que se referia a escola. Então eu acompanhava as notas, eu comprava o livro do mês, eu comprava o uniforme, eu comprava todos os livros início do ano. Eu comprava presente dele, levava na festa, trazia ele. Uma vez ele quebrou a perna, eu fui, o peguei e levei no hospital. Então eu tinha esse relacionamento. E o Luisinho, ele ficou muito querido ele era um menino muito, muito sedutor, sabe, muito inteligente. Então ele ia pro sítio comigo. O Caio foi pro acampamento. Eu mandei ele junto. O Caio fazia curso de datilografia eu levava ele junto pra fazer curso de datilografia. E assim foi até que um dia, ele morava na

instituição porque ela era dependente do craque. Um dia, ele morava na instituição que era dependente do craque... Um dia a mãe provou pra juíza que estava abstinente do craque e as crianças foram devolvidas pra ela. Só que essa abstinência durou 6 meses até que o padrasto do Luisinho foi preso. E a mãe caiu no craque de novo. Aí o Luis ainda estudava no Anjo da guarda só que morava com a mãe. E ele ia e eu pagava tudo, transporte... Tudo pra ele ir e voltar. Só que ele começou a uma época a vir sem tomar banho, e começou a vir cada vez mais sujo, como se passasse, tipo dias como mesma roupa. E começou a sentir muita fome. E ia na minha casa e comer muito. Eu comecei a mandar cesta básica pra ele. Só que ele começou a ficar incomodado com isso. Eu mandava carne e ele dizia: não precisa tia, e... Demorou muitos anos para eu descobrir que ele não queria porque tudo que chegava lá a mãe vendia pra comprar craque. Até que um dia começou sumir a mochila, a roupa do uniforme. Até um dia que começou a dormir com o tênis amarrado no pé, porque se ele tirasse o tênis a mãe vendia. Até que desistiu da escola. Aí a mãe se mudou para SC e eu fiquei sem ver o Luis. Um dia ele voltou em e ligou e contou que estava trabalhando em caminhão de frete com um tio e não estava estudando. Foi bom porque percebi que a gente tinha ligação muito forte, mas ao mesmo tempo eu o via esperando um nada... Passava os dias esperando ao lado do Caminhão. Um dia eu parei para conversar com o avô e ele disse que ele tinha se envolvido com uma gangue e roubando casas. Eu peguei uma assistente social que eu conhecia, da Associação Casa do Pai, e fomos para Tamandaré tarde da noite. No morro. Foi uma cena chocante, pois não tinham nada. Ela tinha vendido tudo. Não tinham copo, não tinha um prato, tudo, absolutamente tudo ela tinha vendido. Aquilo não era uma casa, era um abrigo onde eles dormiam. Tinha um pote de arroz e farinha, imundo, um bebê imundo, uma mãe alucinada no craque. Aí a gente pegou o Luisinho e o Hugo (tem que trocar os nomes) e a gente pois

(colocou) com uma tia (que tinha o mesmo pai) tentamos manter na família. Dava cesta básica, matriculamos e acompanhava na escola. Até que um dia ele largou tudo. Não queria mais estudar. Então a gente se separa aqui. Passaram-se meses a gente conseguiu convencê-lo em interná-lo numa clínica de desintoxicação porque estava usando substâncias psicoativas e a gente conseguiu internar ele. Foi muito difícil, pois quando ia visitar ele, estava muito violento e tinha medo que ele fosse nos matar. A Projeto do lado da escola – um contra turno de reforço escolar. A criança saía da escola pública e passava o dia lá. A gente teve que mudar tudo e abrir uma instituição de acolhimento para acolher o Luisinho. Veio irmão dele, veio um outro menino que vendia pano de prato no Batel e aí os outros a gente foi buscar na casa de acolhimento. Aí eu guardei 2 vagas, para os irmãos dele que viriam depois e após 2 anos eles vieram. Aí fizemos 10 meninos. Tivemos um outro menino que tinha problema sério psicótico e percebi que não ia conseguir ficar com ele do jeito que a gente funcionava ali. A gente funciona como uma família. Eu sou a última lá na hierarquia. A minha palavra tem que bastar. Porque o meu porte físico não segura um adolescente. Então, se não funciona assim, essa instituição não funciona pra ele. Ele tem que ir pra outra, com guarda - armada, o trabalho que eu ofereço não permite esse tipo de criança.

## **2. Sobre os adolescentes que estão abrigados, como eles são, como os sente.**

Bom, primeiro que eles são diferentes de todos os meninos de qualquer outra instituição. Agora mesmo eu estava falando com a assistente social que acabei de contratar, para fazer o desligamento dos mais velhos e ela tem muita experiência. Ela trabalho em muitas instituições de abrigo e ela... e me falou: isso aqui não existe. Isso aqui não é um a instituição de acolhimento, tem que chamar de outra coisa... Eu chamo família alternativa. Hoje em dia temos tantos tipos de família. Os mais loucos e confusos e possíveis, um casa com outro, traz o filho de outros casamentos. A gente é uma família diferente, uma família alternativa... São 10 meninos que nenhum mora com sua mãe, mas tem toda uma estrutura de valor, de prioridade. Ah! Preciso colocar aparelho. Ah! O outro também precisa, e é prioridade... Então quem vai colocar primeiro é ele. Ah! Fulano está insuportável. Não fulano está doente... Cada criança é um a criança. Cada criança tem um psicólogo, a mesma sempre. Não tem um psicólogo voluntário, a que a gente paga. Paga meio, metade, mas a gente paga. Pra cada um. No mínimo uma vez por semana, às vezes mais de uma vez por semana. Hoje o que eles são. Meninos que tem muita dignidade. O que eles resgatam o que eles adquiriram lá dignidade, simplesmente. São crianças que chegaram lá de cabeça baixa e hoje tem dignidade. Não são diferentes do meu filho. Te olham de igual pra igual. De olho no olho. Por que: Eu nunca olhei para eles com os coitados, sempre olhei pra eles mirando nas possibilidades que eles tinham pra desenvolver e não no que eles já perderam. O que eu escrevi naquele projeto. A gente... não foi fácil... Foi tudo uma construção. Eu já olhei pra eles de várias maneiras... Hoje eu olho pra eles como meninos que tem todas as possibilidades, eu falo: Neguinho, se você não engravidar nenhuma menina, não faz nenhuma besteira, você vai economizar seu dinheiro e vai conhecer a Disney. É barato. Se você não gastar seu dinheiro. Você tem tudo pago aqui,

vai juntando. Você pode tudo! O mundo ta aberto pra você! Você vai viver até 90 anos. Então, assim, isso parece muito simples e muito básico, mas isso vai contra absolutamente tudo que a gente encontra por aí, então... É... Assim, é difícil de falar isso. Eu corro risco de ser mal interpretada. E até eu tenho uns e-mails sobre isso que pode te explicar melhor. Mas as pessoas precisam que exista este tipo de instituições para elas se sentirem melhor do que eles. Elas mantêm isso. Ontem eu recebi a visita de um grupo de mulheres ligadas à igreja, que vieram como voluntárias me ajudar muito. Vieram lá me oferecendo e perguntando como que vocês não ligam pedindo... Ah! Preciso trocar o teto! Ah! Isso a gente não pode fazer. Pode me dar material de limpeza todo mês? Ah! Mês sim, mês não. Posso combinar comigo que todo mês você me dá o sabão em pó? Ah! Você tem que fazer o pedido a cada dois meses. Elas chegaram de BMW, pararam na porta da minha casa, entraram na instituição sem bater campainha, praticamente invadiram a instituição. Eu sou a provedora e eu sou a coitadinha. Como você ousa não pedir? Como você não pede? Você está cadastrada aqui conosco? Isto eu tive convicção e investi desde o primeiro dia. Nos não somos coitadinhos! Não migalhas, não! Nós temos dignidade. Se não tivermos dinheiro pra comprar o chocolate X, Y, Z. A gente comprar o outro chocolate o ovinho pequenininho, mas não come aquele cheio de açúcar, que a Fundação de Ação Social manda, ou que o outro acha por bem fazer caridade. Nós não aceitamos festinha no dia da criança na nossa instituição, trazer presentinho, não! A gente não precisa disso. Porque se a gente olha pra criança com cara de pena, ela se sente um coitado. Ela se sente um “bosta”. Se sente inferior. O que eu tenho pra dizer: é que as pessoas precisam que o outro se sinta inferior. Então isso é uma coisa que eu sempre briguei. Eu não aceito qualquer coisa, doação. Eu aceito o que estou precisando. Eu já recebi forma de bolo preta, nojenta, asquerosa. As pessoas se livram do lixo delas e elas precisam de alguém que

pegue o lixo delas. Tanto que eu sou muito criticada pelos meus pares de instituições, que falam: \_ Poxa, Paty, isso você poderia pegar. Eu não pego. Porque eu sinto que tem uma relação que eu não quero alimentar. Os meus meninos precisam disso, tanto que eu falei um monte pra essas duas senhoras ontem da BMW porque você imagina que ela vinha me dizer que nós temos um mouse todo chique para as crianças que custa 450 reais. E ela falava com boca cheia. Gente! 450 reais é o que você gasta provavelmente na semaninha ali, pra comprar umas coisas que faltou na compra do mês. 450 é... Eu gasto aqui 1.500 reais de carne por mês, 3 mil reais de imposto. Eu preciso consertar o telhado, isso você pode me ajudar? Não. Acho que essa coisa de como você olha pra criança... e isso é um paradigma difícil de ser mudado! Você é acostumado aceitar lixo, tanto que isso é um trabalho que eu fiz com meus pares. Nós precisamos mudar isso. Não aceite, não aceite. Gente, geladeira velha não aceite, você vai ter que pagar depois pra levar essa geladeira embora, porque o lixeiro não leva. O problema maior é que nós temos que nos olhar, não como coitado para depois o outro, né? Acho que é mais ou menos isso. A dignidade é o ponto principal.

### **3- Fale sobre você e a sua participação em projetos voluntários em comunidade.**

Bom isso daí começou desde sempre. Eu sempre participei de projetos comunitários. Faz parte da minha vida. Desde que eu era pequena, menina, eu vendia rifa pra pai. Eu era bandeirante, eu vendia biscoito, Ajudava velhinha atravessar rua, sempre eu tive criança ao meu redor. Tanto que quando eu vim para Curitiba, que o menino era o melhor amigo do meu filho. Meu! Tinha que ser comigo, não é pra menos, única criança institucionalizada tinha que ser amigo do meu filho. Não é à toa. Eu tenho crianças que eu acompanho até hoje. Quando eu casei, os dois meninos que entraram na frente do meu casamento, que tinham 5 anos, eram de



um abrigo que na época se chamava de orfanato. Desde adolescente eu acompanho crianças. Eu sei o que aconteceu com eles. Todas casaram, todas tiveram filhos antes da hora, nenhuma continua casada. Então eu me utilizo muito deste conhecimento que deu errado com os outros pra não fazer com meus meninos. Então eu falo: A história se repete. Você tem 90% de chance de engravidar uma menina antes da hora, porque tua mãe engravidou quando tinha 14 anos quando teve você. Então se liga! Eu martelo muito nessa tecla de camisinha. A gente faz exercício em colocar camisinha em cenoura, pepino. Porque a história sempre se repete, por que eu não sei, mas que ela se repete, se repete! Então eu me utilizei dessa experiência que vivi na minha vida com os meninos e você ser bandeirante, você participar de acampamentos como participei sempre. Sempre vivi muito em grupo. Muito conhecimento dessa vida em grupo. Sempre gostei muito, acho que contribui.

#### **4- Sobre Políticas Públicas para Crianças Institucionalizadas existe?**

Específica não existe. Que eu saiba não. Política pública para criança institucionalizada não existe. Eu falei pra nossa assistente social hoje, você tem que ir atrás do Nossa Casa Nossa Vida para esses meninos. Eles têm que ter prioridade. Criança e adolescente já têm prioridade absoluta, mas institucionalizada e em situação de vulnerabilidade tem que ter prioridade da prioridade e a gente gosta de brincar na reunião da RIA, porque eles estão mais vulneráveis que as outras crianças. A criança cresce tanto, adquirem tantos valores, tanto alto respeito, tanta dignidade que ela não vai mais permitir ser abusada da forma que ela era antes. Porque a criança era abusada, ela era humilhada, ela vivia sem condições básicas, ela era negligenciada de atenção, de tudo. Os meus meninos eles não têm como voltar pra casa nem que a mãe quisesse, nem que pudessem, eu sinto que eles não se adaptam mais. É triste, mais

por outro lado você vai manter a criança sem se desenvolver só pra ela poder voltar pra casa quando a justiça resolver vai manter ela em “standby” só pra... Eu tenho um exemplo muito rico, eu levei as crianças pra conhecer a família em outro estado, outra cidade. Ele foi conhecer o pai que nunca tinha conhecido. Foi separado do pai que foi preso. Hoje ele tem 16 anos. Ele não agüentava o cheiro da casa do pai, incomodava muito ele. Aí ele foi ver a mãe, depois de 3 anos e ele não agüentou o cheiro da mãe. Tava fedendo, e o cheiro é uma coisa muito doída. Quando eles chegaram no Abrigo X o cheiro do banheiro fedia muito. Tinha cheiro de banheiro de rodoviária e eu não me chamo Paty se eu não mudar isso! Hoje o banheiro do Abrigo X é impecável, não tem cheiro de nada. Hoje eles vão ao McDonald’s e dizem: Poxa tia, que banheiro fedorento, está sujo, coisa que antes eles não sentiam. Porque eles já pertenciam a esse cheiro, a um ambiente que tinha esse cheiro, mas perderam isso, é uma situação primitiva, e você percebe essa situação... É triste, por outro lado, você percebe o relacionamento deles com as mães. É uma situação que não gruda mais. Eles dizem: tia, minha mãe joga papel no chão... Eu já falei pra ela que não pode. Mas não adianta, ela joga. Aí o outro que não via a mãe há 10 anos, ele passava mensagem quando a gente descobriu a mãe. Ele passava mensagem pelo celular e dizia: Tia a gente não se entende. Eu escrevo uma coisa ela não entende ela escreve e eu não entendo. Então perde, se afasta, não conseguem mais se comunicar. **(Se eles saírem hoje dali eles voltariam para casa? Eles tem condição de montar a própria vida)** Eu não sei se eles tem condições de montar a própria vida, mas eles vão atrás... Talvez eles descubram que não tem condição. Mas eu duvido que eles vão querer voltar pra casa da mãe. Eu duvido. Eles vão tentar o caminho deles, mas eles não vão mais aceitar o descaso que eles eram tratados. Hoje eles têm auto-respeito. Isso não é pra mim, isso eu não admito, isso eu não quero. Eu não quero banheiro fedendo pra mim, eu não sou mais

esse menino que fede. Não, meu banheiro vai ser limpo, nem que eu tenha que limpar. Eles limpam o banheiro, eles fazem faxina todo sábado. Uma faxina educativa, e eles fazem faxina na casa inteira.

**5- Cabe ao abrigo manter o vínculo da criança abrigada com sua respectiva família. Como você faz pra cumprir esse aspecto da legislação?**

O vínculo é sagrado, é precioso, porque a criança precisa ter essa mãe para poder se separar dessa mãe, pra ela poder compreender, para poder crescer, ela precisa ter esse contato com a mãe, então o vínculo é precioso, só que a gente não consegue manter esse vínculo. Ele vai se transformando, na verdade é isso que eu quero dizer. Tem o vínculo, o vínculo persiste, mas ele vai se transformando. Antes ele era um vínculo muito mais “narcísico” de muito mais dependência, depois a criança vai se separando. Porque a mãe, ela não tem condições de acolher aquela criança, ela não vai acolher a crianças. A criança sente e sabe que a mãe não vai acolher, então ela começa a desenvolver defesas contra essa dependência. Mas eu, particularmente não gosto de manter as visitas logo no começo. Eu acho que por um bom tempo as crianças devem ficar separadas da família, porque se elas têm que sair da família, não foi à toa que um juiz tirou uma criança de dentro de sua família. A criança tava sofrendo naquela família. Alguma coisa não tava indo bem naquela família. Então, a criança, eu sinto que ela precisa se curar daquela família. Separa pra poder respirar, pra perceber tudo isso que eu acabei de falar, que ela não é daquele jeito, que ela não é aquela família, ela pode ser outra coisa, né? Se a criança não faz essa primeira separação, ela não se desenvolve. Ela fica

naquela coisa, esperando voltar pra família, esperando voltar pra família, amanhã é que eu vou voltar, é amanhã que eu vou voltar, é amanhã que eu vou voltar, não é amanhã que eu vou voltar. Por que não é amanhã que ela vai voltar? Justamente porque ninguém cuida da família. Tudo bem, a criança sai da família, vai pra instituição de acolhimento. Aí a criança vai pra psicólogo, no meu caso, a criança vai pra escola particular, a criança tem professor particular, a criança vai pra fono (fonoaudióloga), vai pra psicopedagoga, a criança vai nadar e nada lindamente, a criança tem contato com pessoas diversas que traz crescimento pra ela, ela tem relações afetivas... Meu! A criança explode, cresce. Agora, quem que cuida da família? Quais são as políticas públicas que ajuda essa família. Ninguém cuida da família. A criança vai cada vez se distanciando da família. Isso é uma falha grave, porque se a lei diz que a primeira coisa é o retorno familiar e que a instituição tem que ser breve, tem que ser uma passagem na vida da criança e não uma moradia definitiva pra ela, alguém tem que cuidar dessa família... Cria um distanciamento. No fim eles não têm mais o que conversar. Cada um fala uma língua. Um está fazendo vestibular, o outro é dependente de craque, a mãe é dependente de craque. E continua na mesma situação que tava quando o menino se separou dela. Então, é muito triste isso, é perverso. Porque cabe ao Estado cuidar dessa família, e ele não cuida.

**6. Qual a posição do abrigo frente à Vara da Infância: é uma relação de subordinação ou cooperação?**

Hoje é uma relação muito mais de cooperação do que de subordinação, mas nem sempre foi assim. E eu acho que a Ria ajudou muito isso, a gente começou a ter outro tipo de relacionamento com a Vara da Infância e da Juventude depois da RIA. A gente passou a conhecer melhor, a gente passou a entender melhor e eles passaram a entender melhor a gente

e eu acho que é uma coisa que tende a ficar cada vez mais parceiro, mas você ainda vê um ranço, você ainda vê uma coisa autoritária, sabe, eu mando e você obedece. **(Explique o que é a RIA)** A RIA é a Rede de Instituições de Acolhimento de Curitiba. Ela foi formada porque as instituições queriam atender melhor a criança, elas queriam prestar um serviço de melhor qualidade e para isso elas precisavam de dinheiro. E a gente não tinha força pra ir atrás do dinheiro. Porque a gente era uma instituição... Cada um era sozinho e a gente patinava tanto pra cuidar das crianças que não sobrava energia... Nem pra reivindicar. E a gente estava sempre devendo, porque isso era um círculo muito cruel, um círculo vicioso muito cruel a gente não tinha dinheiro pra prestar serviço de qualidade. A gente não prestava um serviço de qualidade porque a gente não tinha como, então a gente se sentia sempre devedora e quanto a gente ia pedir mais dinheiro, diziam: \_Não! Vocês não cumprem! Você não faz o teu papel, como que eu vou te pagar mais? Então a gente ficava sem poder se mexer. A RIA veio num momento super especial, com um cara que é o Rodrigo Navarro, que é um cara muito bom, que ensinou muito pra gente. Porque as instituições de acolhimento são basicamente formadas por mulheres idealistas que não entendem nada de política, não tem noção do macro, de como as coisas acontecem na vida pub..., no governo né, na política e a gente aprendeu muito com ele.

A RIA é muito rica porque a gente não é uma instituição só... Nós somos várias instituições, todas diferentes. Nossa rede é orgânica e verdadeira, vai mudando, ela cresce, a gente cresce. Ela cresce e a gente se respeita muito. Troca muita informação, muita experiência. Ela influenciou uma mudança direta dentro das instituições com um espaço de troca. Só o fato de ela existir, da gente ter esse espaço de troca entre os dirigentes e isso fez a gente crescer muito. E em um ano em meio a gente passou de 330 para 700 reais. A gente se

reúne na igreja Presbiteriana, na Comendador Araújo, a gente tem uma sala linda, maravilhosa que eles emprestam pra gente. A gente também gosta de se reunir de vez em quando nas instituições para conhecer melhor a realidade de cada uma, então a gente faz esse. A gente vai conhecendo de perto o trabalho do outro.

**Entrevistado:** Assistente Social do Abrigo X– Eli

Tema da Pesquisa: “RELAÇÃO ENTRE O ABRIGAMENTO E OS PROJETOS DE VIDA DOS ADOLESCENTES - UM ESTUDO DE CASO”

Coordenador da Pesquisa: Mestranda Rosana Soldi Briski da Silva

Código da observação: **A7 - Assistente Social** Local: Abrigo X

Dia: 19/09/2013 Hora Início: 13h56 Duração: 14 minutos

O Leo, ele é assim, pode estar um sol rachando! \_Gente vamos fazer uma caminhada, sair um pouco de dentro desse apartamento! Eu não consigo ficar dentro, imagino vocês! Mas não vão. Eles não tem muita atividade, quando a gente terminava, eu falava: \_Vamos fazer uma caminhada, vamos até ali na praça! Mas eles não vão. Eles nunca querem ir. Ele principalmente não quer ir, ele fica muito tempo aqui dentro, é um menino muito fechado. Pode ver quando a gente está conversando com ele, ele não olha no olho. Estou há quatro anos aqui, pode ver que ele quase não olha no olho da gente para responder, o que pergunta ele responde, mas é uma resposta evasiva. (Senti dificuldade em conversar ele não desenvolve assim uma conversa.). É assim. Ele vai à psicóloga toda quinta-feira, faz acompanhamento psicológico, mas mesmo assim, ele tem 13 anos, ele é muito fechado na dele mesmo. Ele conversa mais com Beto na casa, pela convivência dos quatro anos. Ele conversa bastante comigo. Eu tento levar, sair de casa, fazer o Leo sair dentro de casa. É bem complicado. Dinheiro, ele tinha dificuldade de conhecer, sabe. Horário assim, agora está mais fácil, já está bem mais flexível estas coisas. Tanto que falei: \_Olha Leo, a partir do momento que a gente for para o apartamento, a gente não vai ter mais carro, agora vocês têm que se conscientizar que tem que andar de ônibus, vocês vão ter que se virar. Hoje ele já vai ao psicólogo sozinho, é lá na sete de setembro, ele pega ônibus, vai até o Campina de Siqueira, sai um pouco. Se

deixar fica o dia inteiro com joguinho na mão. Se deixar, ele fica todo no computador. Ele é muito fechado ele não olha para gente. Ele tem muita dificuldade em demonstrar afeto, a Paty geralmente vem abraçar, mas ele já sai de lado, ele não abraça, ele não beija. Eu não sei por que, talvez pelo histórico familiar deles também. O Beto não, ele é mais amoroso, o Leo não, é mais evasivo mesmo, é um menino bom, bem inteligente, muito inteligente, mas tem dificuldade de relacionamento, é bem complicado, mexer com isso, mas é um menino muito bom obediente. Você não tem bate boca com ele. É assim, dá pra fazer, ele vai e faz! E eu gosto dele, muito! É um menino muito bom, obediente. Não tem bate boca. Dá tranquilo pra fazer, ele vai e faz. O Adão e o Zak é mais duro de lidar. O Leo e o Beto são um amor, são bem tranquilos pra lidar. O pequenininho a gente chama de Beto. Batiam para que eu viesse pedir, dizia eu não gosto daqui. O Zak às vezes: \_ E eu não gosto muito daqui! Eu sempre falo: \_ Vocês têm que trabalhar isso dentro de você, aqui é só uma base, a gente sempre está focando, vocês não vão viver a vida inteira aqui, uma hora ou outra vocês vão ter que ir para o mundo e vocês vão se machucar e vocês não estarão na barra dessa gente todos os dias. Vocês vão ter que aprender. Vão ter que aprender isto dentro de vocês. O Leo, o Beto e o Felipe ficavam na Tiradentes pedindo dinheiro. Difícil né! Eu falo para eles, gente vocês têm que dar valor ao que vocês têm. Eu falo para eles, a Paty tem os defeitos dela, assim como vocês têm os defeitos de vocês, mas eu acho que vocês têm que aproveitar o tempo que vocês estão aqui. Pense no que vocês já viveram lá trás e vejam hoje como que é a vida de vocês. Tem instituição aqui em Curitiba, que comem fígado de galinha, não tem carne todo dia, às vezes ovo. Olhem a geladeira de vocês: tem fruta, tem doce, roupa... e para comprar um calçado não é em qualquer lojinha. Vai no shopping. Única coisa que ela pede é que vocês estudem. A partir das duas horas estudem, vem uma professora. Da mesma maneira que às vezes eles



ouvem um pouquinho, daqui há pouco já jogam tudo para o alto. Foi assim com o F., com o Luizinho, ele tinha tudo para terminar o ensino técnico, o M. estava no ECITEC, tinha tudo poderia ter terminado a faculdade quase, foi tudo para o ar. O Felipe tinha um serviço numa fábrica bem legal serviço dele, era R\$ 800,00 só o vale alimentação dele, e largou tudo. Da mesma maneira que vem, eles jogam. Eu não sei o porquê eles são assim. O Zak mesmo, ele nunca foi bem na escola, depois que a gente mudou pra cá só começou a tirar 8,0 – 9,0. Eles têm capacidade para tirar, eles têm muita capacidade, eles são muito inteligente, o que ele fez esta semana - tentou colocar fogo na escola Madre Anatólia colocou fogo em todos os baldinhos de lixo. Colocou fogo quase na cortina. Perguntei por que ele fez, ele disse que era porque queria ver a mãe. Quando eles vão pra lá, eles voltam muito difíceis. A Paty diz assim, vocês vão quando tiver um feriado, para não ir sempre. Pela mãe estar todo este tempo longe, qualquer coisa que eles pedem elas dirão sim, para suprir, aquilo que elas não fizeram. Elas querem dar, elas acham que é legal, mas não é legal tem coisas que não dá, eles ficam o dia todo na rua, eles voltam para cá bem mais revoltados do que são, pois aqui tem regras, tem horário pra sair, para voltar, por mais que esteja em Curitiba, as coisas acontecem, a gente não sabe onde está, a gente se preocupa muito com isto; lá tem liberdade maior, o Tatuquara é o bairro perigoso, eles voltam bem mais revoltados. Daí eles bronqueiam com a Paty! Eles dizem: \_Você não manda em mim, eu vou! Então é por isso que ela proíbe. Estes dias ela proibiu ele de ir na casa da mãe. Daí ele fez isso, ele disse: “eu não vou fazer mais nada aqui dentro, mas ela vai ver...” Eu disse para ele: “Zak presta atenção”, “não deixa comigo!” (resposta de Zak:). E daí ele botou fogo lá e ficou suspenso, as irmãs choraram de raiva, a segunda vez que ele fizer alguma coisa ele vai ser expulso e vai ter que ir para colégio público. Da mesma maneira que vem coisas boas eles jogam, eles são meninos bons, mas acho

que tem muito que trabalhar com eles. O único que tem problema aqui é o Carlos, ele faz tratamento psicológico, vai ao psiquiatra, ele tem 17 quando ele toma medicação, ele fica bem, mas quando não toma ele fica superior a tudo, mas quando toma é bem fácil lidar com ele, sempre tem que perguntar Carlos, tomou a medicação? Ta tomando? Tem que tomar rapaz! Agora ele está tomando certinho, mas ele é uma bomba relógio se não souber lidar... Esses dias ele pegou o pescoço do Anderson que pensei que ia matar. Por que o Anderson fez uma brincadeira com relação à mãe dele, porque a mãe dele era prostituta como a mãe do Anderson, ainda mais que ele tem asma. Ele disse: \_Fala da minha mãe! Foi difícil, ele é gordo, tem quase 90 quilos, mas quando toma a medicação ele fica bem tranqüilo. A medicação faz efeito, não com a gente, mas com os outros. (O Leo não faz nenhuma atividade?) Todos eles faziam natação, mas diziam que era uma “porcaria”, que não iriam mais, daí desistiram. Daí a Paty deixou de pagar, era R\$ 45,00 para cada um, três vezes por semana. Tão bom né, quem não quer fazer natação, mas desistiram. Ninguém quis mais fazer natação. O Beto faz futebol, na quarta-feira, uma vez por semana e Capoeira uma vez por semana no colégio também. O Carlos parece que é no sábado vai começar agora teatro, ele tem vontade de aprender tocar piano, mas ele faz teatro. O Zak faz futebol, mas por dois meses ele está suspenso. E ele não pode fazer nenhuma atividade no Colégio Madre Anatólia, por ele ter feito isto. O Anderson joga futebol no sábado, os gêmeos gostam de futebol, agora o Leo não gosta de futebol. Ainda não descobri, às vezes, a gente pergunta o que ele quer fazer, (Hoje ele disse que quer ser médico, porque a Paty disse que ganha muito dinheiro e que ela vai pagar Medicina para ele) ela sempre fala isso mesmo para ele. Lazer falta para eles, principalmente depois que a gente veio para cá. (Todos eles estão em colégio particular? Quem banca escola?). Eles têm bolsa, são bolsistas. O Anderson estuda no Anjo da Guarda, o

Zak, Leo e Beto estudam no Madre Anatólia e Will e o Carlos estudam no Adventista do Bom Retiro e o Bruno estudava no Dom Bosco. O Luizinho, o M. Felipe estudavam no ECITEC, mas nenhum terminou, assim como vem, eles jogam fora. A gente vê tanta gente que passou por dificuldade, que gostaria de estudar, fazer natação... (A mãe do Leo voltou para as drogas, mas ele disse que se fosse para voltar, voltaria só com o tio)... Mas enfim, o tio também tem cinco filhos e não tem trabalho fixo, é a pessoa que fornece droga, o trabalho deles ali é tudo envolvimento com drogas; por isso que a gente fala, é difícil eles voltaram é muito difícil, porque é muito precário. O tio deles que eles falam, estavam com a irmãzinha dele, que daí a irmã entrou na droga tudo. Aqui geralmente vem a irmã dos dois meninos mais velhos, do Carlos e do Will, às vezes no final de semana, daí eles saem. Ela tem tuberculose, ela não está morando mais lá, está em Santa Catarina, parece que arrumou um novo marido; a família dele é barra pesada mesmo, o Felipe morou um tempo lá. Eu lembro que quando a gente estava na outra casa, a gente levou uma cesta básica, a primeira vez que fui pensei que não ia conseguir sair de carro de lá, tamanha era a precariedade do lugar. A gente mandava vários quilos de carne, mas são tipo assim, virava muita “pedição”, se a gente não levava algo, eles reclamavam... Está faltando carne! Luizinho e Felipe ela manda cesta básica todo mês. Levava num dia, eles reclamavam: \_Só trouxe frango! Por que não trouxe bife? São pessoas bem difíceis (pessoas oportunistas) Levávamos vários quilos de carne, mesmo que Luizinho e M. não estejam aqui eles recebem cesta básica. São famílias bem difíceis. Acho que a Paty comprou esse apartamento não pensando tanto nos outros, mas pensando no Leo e no Beto, pela precariedade da família. Porque os outros têm para aonde ir, por mais que a mãe tem dificuldade, mas o Leo e Beto têm família com mais dificuldade. O Luizinho era amigo do filho dela.